

Universidade Federal de Santa Catarina

Programa de Pós-graduação em

Engenharia de Produção

Tânia Mara Fantinato

**O PAPEL DO GESTOR ESCOLAR COMO AGENTE DE DINAMIZAÇÃO DA
UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIAS NA ESCOLA**

Dissertação de Mestrado

FLORIANÓPOLIS

2002

FICHA CATALOGRÁFICA

Fantinato, Tania Mara.
F216 O papel do gestor escolar como agente de dinamização da utilização de tecnologia na escola / Tania Mara Fantinato. – Curitiba, 2002.
117f.

Dissertação (mestrado em Engenharia de Produção com ênfase em Mídia e Conhecimento) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.

1. Gestão participativa. 2. Educação. 3. Inovação. 4. Tecnologias. 5. Capacitação. I. Autor. II. Título.

CDD 370

Tania Mara Fantinato

**O PAPEL DO GESTOR ESCOLAR COMO AGENTE DE DINAMIZAÇÃO DA
UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIAS NA ESCOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Engenharia de Produção.

ORIENTADOR: ALEJANDRO RODRIGUES MARTINS, DR.

FLORIANÓPOLIS

2002

TANIA MARA FANTINATO

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção do grau de Mestre em Engenharia de Produção com ênfase em Mídia e Conhecimento no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.

FLORIANÓPOLIS, 17 DE DEZEMBRO DE 2002

PROF^o.DR. ALEJANDRO RODRIGUES MARTINS

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dra. Dulce Márcia Cruz

Prof^a Dra. Zélia Milléo Pavão

Prof^a Dra. Patrícia Lupion Torres

Prof^a Doutoranda Maria Alice
de Moraes

*“O conhecimento também se amplia
quando desenvolvemos um novo olhar”.*

José Manuel Moran

AGRADECIMENTO

A Deus, por permitir que eu superasse mais um desafio na minha vida e vivesse esse momento tão importante e significativo. A meus pais que sempre me incentivaram a estudar e acreditaram no meu potencial. Às minhas filhas, Paula e Renata, que sempre estiveram dispostas a me ajudar, pela força e incentivo e pelo amor e riqueza dos momentos vividos. A tutora de orientação Prof^ª Maria Alice de Moraes pela dedicação e competência no acompanhamento do trabalho. A todos os colegas de turma, pelas contribuições que deram nos momentos difíceis e importantes no andamento de todo o trabalho. Aos meus eternos amigos Adalny Mercer, Elaine Arns, Ivany Klaumann, Mirian Castellain, Roberto Castro e a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para meu crescimento pessoal e profissional.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	VII
LISTA DE QUADROS	VIII
LISTA DE SIGLAS	IX
RESUMO.....	X
ABSTRACT	XI
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	1
1.1 Apresentação	1
1.2 Objetivos	3
1.3 Metodologia.....	4
1.4 Origem e importância do trabalho	4
1.5 Estrutura do trabalho.....	6
CAPÍTULO II - GESTÃO ESCOLAR	8
2.1 Administração.....	11
2.2 Gestão.....	12
2.3 Participação.....	13
2.4 Gestão Participativa	15
2.5 Competências e habilidades do gestor escolar	24
CAPÍTULO III - EDUCAÇÃO E MUDANÇA SOCIAL	26
3.1 A educação diante da nova realidade social	26
3.2 Revisitando um pouco da história da informática educativa no Brasil.....	30
3.3 Televisão, vídeo e o computador na escola - Perspectivas.....	32
3.4 As cinco ondas da informática.....	44
CAPÍTULO IV - O PROFESSOR E AS NOVAS TECNOLOGIAS NA SALA DE AULA.....	52
CAPÍTULO V - RESULTADOS (ANÁLISE E DISCUSSÃO).....	58
CAPÍTULO VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES	90
6.1 Conclusão	90
6.2 Sugestões	92
REFERÊNCIAS	95
ANEXOS	98
Anexo I - Dados da instituição.....	99
Anexo II - Questionário: diretor e pedagogo.....	100
Anexo III - Questionário ao professor	101
Anexo IV - Questionário ao aluno.....	103
Anexo V - Questionário aos pais	104

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Organograma básico da escola	17
Figura 2 - Utilização do micro-sistem(visão do Diretor e Pedagogo).....	63
Figura 3 - Utilização do vídeo(visão do Diretor e Pedagogo)	63
Figura 4 - Utilização da televisão(visão do Diretor e Pedagogo).....	64
Figura 5 - Utilização do retro-projetor(visão do Diretor e Pedagogo)	64
Figura 6 - Utilização do projetor de slide(visão do Diretor e Pedagogo)	65
Figura 7 - Utilização do xerox(visão de Diretor e Pedagogo)	65
Figura 8 - Utilização do mimeógrafo(visão do Diretor e Pedagogo).....	66
Figura 9 - Utilização da máquina de escrever(visão do Diretor e Pedagogo)	66
Figura 10 - Utilização do fax(visão do Diretor e Pedagogo)	67
Figura 11 - Utilização da antena parabólica(visão do Diretor e Pedagogo)	67
Figura 12 - Utilização do laboratório de informática(visão do Diretor e Pedagogo)....	68
Figura 13 - Utilização dos meios tecnológicos pela comunidade escolar(visão do Diretor e Pedagogo)	68
Figura 14 - Utilização dos meios tecnológicos pelos professores com viabilidade(visão do Diretor e Pedagogo).....	69
Figura 15 - Utilização do micro-sistem pelos professores	71
Figura 16 - Utilização da televisão pelos professores	72
Figura 17 - Utilização do vídeo pelos professores.....	72
Figura 18 - Utilização do retro-projetor pelos professores.....	73
Figura 19 - Utilização do projetor de slide pelos professores	73
Figura 20 - Utilização do xerox pelos professores.....	74
Figura 21 - Utilização do mimeógrafo pelos professores	74
Figura 22 - Utilização da máquina de escrever pelos professores	75
Figura 23 - Utilização do fax pelos professores	75
Figura 24 - Utilização da antena parabólica pelos professores.....	76
Figura 25 - Utilização do laboratório de informática pelos professores	76
Figura 26 - Utilização do micro-sistem(visão dos alunos)	80
Figura 27 - Utilização da televisão(visão dos alunos)	81
Figura 28 - Utilização do retro-projetor(visão dos alunos).....	81
Figura 29 - Utilização do projetor de slide(visão dos alunos)	82
Figura 30 - Utilização do vídeo(visão dos alunos).....	82
Figura 31 - Utilização do xerox(visão dos alunos).....	83
Figura 32 - Utilização do mimeógrafo(visão dos alunos).....	83
Figura 33 - Utilização do laboratório de informática(visão dos alunos)	84
Figura 34 - Utilização da antena parabólica(visão dos alunos)	84
Figura 35 - Utilização da máquina de escrever(visão dos alunos)	85
Figura 36 - Utilização do fax(visão dos alunos).....	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Fatos históricos da informática no Brasil	31
Quadro 02 – Utilização do computador por projetos educacionais	42
Quadro 03 – Lista das escolas pesquisadas e quantidade de questionários respondidos.....	58
Quadro 04 – Equipamentos disponíveis nas escolas.....	62

LISTA DE SIGLAS

TIC – Tecnologias, Informação e Comunicação

CAPRE – Comissão Coordenadora das atividades de processamento eletrônico

DIGIBRÁS – Empresa Digital Brasileira

SEI - Secretaria Especial de Informática

MEC – Ministério da Educação e Cultura

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

RESUMO

FANTINATO, Tânia Mara. **O papel do gestor escolar como agente de dinamização da utilização de tecnologias na escola.** Florianópolis, 2002. 118f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção ênfase em Mídia e Conhecimento) – Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 2002.

Essa dissertação tem por objetivo propor uma alternativa de colaboração em relação à atuação do gestor escolar, numa tentativa de contribuir para uma reflexão de uma gestão pedagógica inovadora, frente à utilização dos meios tecnológicos na escola, numa dinâmica que objetive um bom relacionamento entre os professores, alunos e toda comunidade escolar. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo nas escolas municipais de Curitiba, para levantamento de dados em relação a utilização das tecnologias na educação. A aplicação dos questionários envolveu no processo educacional, os seguintes profissionais: diretor, pedagogo, professores e também os alunos e pais. A partir da análise dos resultados, constatou-se que o papel do gestor escolar é fundamental como agente dinamizador desses recursos tecnológicos na escola, contribuindo no processo ensino-aprendizagem, visando a melhoria da qualidade do ensino.

Palavras chaves: Gestão participativa, educação, inovação, tecnologias, capacitação.

ABSTRACT

FANTINATO, Tânia Mara. **O papel do gestor escolar como agente de dinamização da utilização de tecnologias na escola.** Florianópolis, 2002. 118f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção ênfase em Mídia e Conhecimento) – Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 2002.

This work has the goal of proposing an alternative of co-operation related to school manager procedure. It intends to contribute to a pondering of an innovating pedagogic school managing, facing the use of technologic resources in the school, evolving a dynamic which has the objectivism of good relationships among teachers, students and the whole community of the school. A bibliographic search and a field search in the municipal schools of Curitiba, for data-collecting in relation the use of the technologies in the education. The application of the questionnaires involved in the educational process, the following professionals: director, pedagogo, teachers and also the pupils and parents. From the analysis of the results, teach-learning was evidenced that the paper of the pertaining to school manager is basic as dinamizador agent of these technological resources in the school, contributing in the process, aiming at the improvement of the quality of education.

Key words: Participativa management, education, innovation, technologies, qualification.

CAPÍTULO I

I- INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

A escola, em todos os tempos, em todas as sociedades, seja qual for o sistema político, atribuiu grande importância à tarefa de transmitir para as novas gerações o conhecimento acumulado pelas gerações que as antecederam. A questão central vista sob essa ótica, é a socialização do conhecimento. Paralelamente, esta mesma escola, deve preocupar-se com a sua gestão administrativa e as novas tecnologias. Partindo-se do princípio que o professor é sempre considerado o profissional da educação por excelência, enquanto pouco se sabe sobre o desempenho efetivo do gestor escolar no atual sistema de ensino, frente às novas tecnologias, indaga-se: O que faz realmente esse profissional? Como sua função tem evoluído? Há espaço para atuarem de forma renovadora, frente a essa escola que aí está e as novas tecnologias? Que competências e habilidades deve ter? Como devem disponibilizar as tecnologias a toda comunidade escolar de forma participativa? Os recursos tecnológicos têm sido utilizados pelos professores. Alunos e pais de forma a facilitar a aprendizagem e a construção de conhecimento?

Este futuro deve ser construído com novas estratégias e com novas ações que privilegiem e fortaleçam o cliente e que atendam a suas expectativas. Só terão sucesso as organizações ágeis e flexíveis e que vencerem a força da acomodação que ainda se prende ao presente.

A escola faz parte do mundo e para cumprir sua função de contribuir para a formação de indivíduos que possam exercer plenamente sua cidadania, participando dos processos de transformação e construção da realidade, deve estar aberta e incorporar novos hábitos, comportamentos, percepções e demandas. Não se pode avaliar como esse desenvolvimento desenfreado das TIC (Tecnologias, Informação e Comunicação) agirão sobre a percepção e o comportamento do aluno. Hoje são ilimitadas as possibilidades de informação e comunicação a que um adolescente tem

acesso, conectado a uma rede. Ao mesmo tempo em que ele pode acessar inúmeras informações conectando-se a sites de museus, e órgãos governamentais, de instituições financeiras entre outros, ele também poderá ter acesso ilimitado a sites de banalidades ou ainda pior, sites que exploram e incitam a violência e o sexo.

O professor que pretende utilizar-se dessas TIC deve se precaver e ainda mais deve desenvolver em seu trabalho de sala de aula, a utilização adequada dos meios tecnológicos para com isso desenvolver o espírito crítico do aluno, a capacidade de julgamento e a sua autonomia.

Para Perrenoud (2000), ao mesmo tempo em que é fundamental que a instituição escolar integre a cultura tecnológica extra – escolar dos alunos, professores e comunidade ao seu cotidiano, é necessário desenvolver habilidades para utilizar os instrumentos de sua cultura. Hoje, os meios de comunicação apresentam informações abundantes e variadas, de modo muito atrativo. Portanto é importante considerar e utilizar esses conhecimentos adquiridos nas situações escolares, como é fundamental dar condições para que eles se relacionem com essa diversidade de informações.

Portanto, ainda segundo Libâneo (2001), o importante, hoje, na gestão escolar é a comunicação direta, transparência nas informações, a descentralização das decisões, a valorização do homem em todas as suas dimensões, motivações, participação de todos nas decisões e nos resultados obtidos, envolvimento de cada um, com os objetivos a serem atingidos e trabalho em equipe.

Isto tudo quer dizer: passar à comunidade escolar a responsabilidade de conduzir os destinos da educação. Este mesmo processo que coloca os destinos da escola nas mãos de quem melhor conhece a realidade, exige pessoal melhor capacitado para tomar decisões, gerir recursos, mobilizar a comunidade, ser inovador. A proposta de descentralização tem enfoque novo, centrado em resultados e não em processos. Não existem receitas prontas. O importante é saber onde se quer chegar e que resultados se deseja alcançar. É importante então, a definição clara de metas e objetivos.

Naturalmente nenhuma tecnologia garante que a aprendizagem ocorrerá, mas em mão de professores habilitados e estudantes motivados, o seu uso pode realçar a instrução de modo significativo. Novas Tecnologias são incorporadas nas metodologias de ensino, quando elas nos ajudam a trabalhar melhor. Os recursos tecnológicos permitem a exploração de um leque ilimitado de atividades.

1.2 Objetivos

Os objetivos do trabalho são classificados em: Objetivo Geral e Objetivos Específicos.

1.2.1. Objetivo Geral

Esse trabalho tem como objetivo geral analisar a importância do papel do gestor escolar como o grande incentivador e dinamizador das tecnologias na escola, verificando se os recursos tecnológicos são utilizados pelos professores, alunos e pais de forma a facilitar o processo ensino-aprendizagem.

1.2.2. Objetivos Específicos

- a) Pesquisar e analisar as reflexões atuais sobre o trabalho do gestor escolar, a partir das abordagens propostas por autores diversos.
- b) Levantar e analisar os dados coletados sobre a utilização das tecnologias na escola e sua relação com a comunidade escolar.
- c) Identificar como estão sendo feitas a integração e a participação entre todos os elementos envolvidos no processo educacional e as novas tecnologias.
- d) Identificar de que maneira o gestor deve disponibilizar de forma participativa as tecnologias para toda comunidade escolar.

1.3 Metodologia

Para atingir os objetivos descritos, utilizou-se a seguinte metodologia:

- a) Pesquisa Bibliográfica para buscar diferentes opiniões dos autores, quanto à gestão escolar, gestão participativa e a gestão da informação (novas tecnologias) desenvolvidas na escola.
- b) Pesquisa de Campo, consistindo na aplicação de questionários (Anexo I à V) para Diretores, Equipe pedagógica, professores, alunos e pais de Escolas Municipais de Curitiba do Ensino Fundamental.
- c) Levantamento e análise de dados para apontar possíveis mudanças em uma nova postura de trabalho do gestor escolar.

1.4 Origem e importância do trabalho

O tempo desta pesquisadora como diretora de escola pública, proporcionou a oportunidade de vivenciar as dificuldades encontradas no dia a dia do gestor escolar. Nesse enfoque espera-se encontrar e apontar caminhos para uma melhor atuação desse gestor escolar, investindo na melhoria da qualidade de ensino.

O maior problema não diz respeito à falta de acesso a informações ou as próprias tecnologias que permitem o acesso, e sim a pouca capacidade crítica e procedimental para lidar com a variedade e quantidade de informações e recursos tecnológicos. Conhecer e saber usar as novas tecnologias implica em aprendizagem de procedimentos para utilizá-las e, principalmente, de habilidades relacionadas ao trabalho da informação.

Segundo Libâneo (2001) as pessoas fazem o diferencial de qualquer organização e elas precisam participar e deter parte do poder de decisão. Elas precisam sentir-se importantes, porque só assim assumirão a responsabilidade pela produção da qualidade tornando a organização vencedora. E é justamente isto que caracteriza e define a chamada gestão participativa, que é sem dúvida a grande alavanca da melhoria da qualidade do ensino.

A proposta que motiva este enfoque, ou seja, sugerir ou apontar alguns caminhos para a melhoria da qualidade da educação, poderá colaborar com aquelas escolas que pretendem investir numa gestão participativa, onde se reconheça os anseios e as contribuições dos seus integrantes. Nessa nova realidade, espera-se o comprometimento da equipe, pois a mediação, o estudo e a solução dos problemas são de responsabilidade de todos, tendo como fio condutor do processo o gestor escolar. Por isso cumpre rever o papel do atual diretor da escola pública. Segundo Machado (2000) a descentralização é hoje, uma tendência mundial. ... Recebe o nome de descentralização, de desconcentração de autonomia, de auto-gestão, de delegação de poderes, ou seja, passar o poder para a escola.

O gestor escolar ao mesmo tempo em que delega funções e responsabilidades, precisa garantir a efetividade das mesmas, estando permanentemente empenhado em melhorar a performance da escola. Para tal precisa investir na capacitação própria e de todos os envolvidos no trabalho escolar, buscando sempre a participação da comunidade escolar, articulando a escola ao restante do planeta. Isso tudo exige uma dose de humildade, de paciência e de transparência, que além dos dirigentes das organizações educacionais, todas as pessoas envolvidas no processo devem possuir, despertando para as mudanças. A isso se chama reengenharia organizacional, que já revitalizou centenas de organizações para todo o país.

O relatório da UNESCO, da Educação para o século XXI Segundo Delors (2000), enuncia quatro pilares que apontam para um novo paradigma: Aprender a aprender; Aprender a fazer; Aprender a conviver e Aprender a ser.

No dia a dia do gestor escolar, estes pilares se fazem presentes, sustentando, dirigindo, orientando as ações que mobilizam a dinâmica da escola, na construção de um novo espaço, de uma nova educação. Cabe ao gestor incorporar estes saberes à prática pedagógica da escola, tornando-a um local de permanente reflexão, onde todos os profissionais e demais componentes do universo escolar se envolvam, buscando a identidade da instituição.

Diante desse quadro, entende-se que o gestor escolar precisa desenvolver algumas competências que se impõem como imprescindíveis à sua atuação. Ainda segundo Perrenoud (2000), estas competências imprescindíveis são: Competência Técnica; Competência Política; Competência Cultural; Competência Ética; Competência Emocional e Competência Reflexiva.

Passado o período de modismos na inserção dos recursos tecnológicos nos ambientes escolares nos deparamos com o ensino público preocupado em ter novas alternativas e formas de colaborar na construção do conhecimento de seus alunos, utilizando as tecnologias. Para tal investe-se na formação continuada dos professores, através de projetos educativos, elaborados em parcerias com empresas como, por exemplo, o projeto Digitando o Futuro da Secretaria Municipal da Educação de Curitiba, visando formar profissionais disseminadores destas novas tecnologias, onde as mesmas devem estar integradas ao trabalho da sala de aula e ao currículo escolar, pois a Tecnologia Educacional, de maneira geral, inclui todos os artefatos, desde quadro-negro e mesas, até livros e computadores.

1.5. Estrutura do trabalho

As obras que proporcionam a fundamentação teórica e auxiliam na aplicação prática desse trabalho, encontram-se listadas nas referências bibliográficas. No 1º capítulo foi apresentado uma introdução do trabalho abordando aspectos gerais sobre a função da escola, do gestor escolar e como podem ser disponibilizadas as tecnologias à toda comunidade escolar de forma participativa. O capítulo 2 contextualiza aspectos gerais da Gestão Escolar; O processo de gestão; O que é gestão participativa; Competências e habilidades do gestor escolar. O 3º capítulo apresenta aspectos relativos à Educação e mudança social; A educação diante da nova realidade social; Revisitando um pouco da história da informática educativa no Brasil de acordo com o Livro – Projeto Educom relatado por Maria Cândida de Moraes do MEC, e o desenvolvimento das tecnologias, fazendo uma abordagem dos recursos audiovisuais como: A televisão, o vídeo e o computador na escola e as novas perspectivas, em seguida relatando os cinco momentos da informática ou seja, as cinco ondas da informática educacional. No 4º capítulo comenta-se aspectos fundamentais em relação ao professor e as novas tecnologias e algumas

possibilidades para mudar a prática pedagógica, identificando as competências do professor e as relações dentro da sala de aula. O Capítulo 5 apresenta o resultado, análise e discussão dos dados realizados em 14 escolas Municipais de Curitiba, onde foram levantados dados em relação à utilização dos meios tecnológicos utilizados na escola por toda a comunidade escolar. No capítulo 6 são tecidas as considerações finais desse trabalho.

CAPÍTULO II

II- GESTÃO ESCOLAR

A institucionalização da democracia e, simultaneamente o aprimoramento da eficiência e da qualidade da educação pública tem sido a força poderosa a estimular o processo de mudanças na forma de gerir escolas no Brasil. Procurando esclarecer o funcionamento desse processo, este capítulo aborda os fundamentos teóricos da gestão escolar, como fundamento para os capítulos seguintes, aspectos essenciais da participação nos ambientes educacionais.

O encargo das escolas, hoje, é assegurar a desenvolvimento das capacidades cognitivas, operativas, sociais e morais, pelo seu empenho na dinamização do currículo, no desenvolvimento dos processos do pensar, na formação da cidadania participativa e na formação ética. Para isso, faz-se necessário superar as formas conservadoras de organização e gestão, adotando formas alternativas, criativas, de modo que aos objetivos sociais e políticos da escola correspondam estratégias compatíveis de organização e gestão. Na proposta de gestão interessa, em primeiro lugar, manter presente a significação essencialmente pedagógica dessa forma de administração, a qual realmente possibilitará a efetivação da função essencial da escola pública.

A gestão pode ser entendida como fenômeno educativo, na exata medida em que se firma como exercício participativo do processo decisório escolar, efetivando uma prática de democratização institucional. Vista assim, a gestão colegiada ao se constituir em processo permanente de reflexão e discussão dos problemas da escola, na busca de estratégias viáveis à concretização dos objetivos da comunidade escolar, passa a ter um natural efeito pedagógico sobre cada um dos integrantes da comunidade escolar. Dado que o mesmo propicia a vivência democrática necessária para a participação social e o exercício da cidadania.

Segundo Maria de Lourdes Paris (1990), a gestão, ao se efetivar como prática democrática de decisões, deve ser capaz de garantir a participação de todos os membros da comunidade escolar, a fim de que assumam o papel de co-responsáveis no projeto educativo da escola e, por extensão, na comunidade social.

Em conseqüência, esta prática produz resultado pedagógico imediato e concreto, mais seguro e garantido do que o mero discurso sobre a necessidade democrática. É na prática que se gesta a consciência. Assim, por meio da prática da gestão, a comunidade escolar vivencia situações de cidadania próprias da dinâmica social e do papel do cidadão. Nessa perspectiva, o processo de gestão vincula-se intrinsecamente ao cumprimento da função social e política da educação escolar, que é a formação do cidadão participativo, responsável, crítico e criativo, por meio da transmissão e socialização da herança cultural acumulada.

Há mais de dez anos Estados e Municípios vêm desenvolvendo com êxito experiências no campo da gestão democrática do ensino público. Depois da promulgação da Constituição Federal de 1988, que instituiu a “Gestão Democrática do Ensino Público” (art. 206, inciso VI), o debate intensificou – se e alguns estados já sancionaram suas leis que dispõe sobre o tema, mesmo antes de uma regulamentação nacional. Da mesma forma, a Lei 9394/96 que trata das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), aponta em seu artigo 3º, inciso VIII a gestão democrática do ensino público, que é traduzida nos artigos 12,13 e 14, pela participação de cada segmento da escola, em Conselhos, Grêmios e Associações. Esta nova forma de enfocar a responsabilidade dos diferentes setores da escola, reconhece a mesma como “lócus” privilegiado da educação e oferece um crédito de confiança à competência técnica e política dos profissionais que nela atuam.

Outro fato digno de realce é o número de vezes que a expressão “proposta ou projeto pedagógico” aparece na nova LDB 9394/96. Diante do exposto, é preciso refletir o que significa para os docentes, escolas e sistemas a expressão “proposta ou projeto pedagógico”.

Antes, porém, cabe um esclarecimento. Há quem prefira usar a expressão “projeto político – pedagógico” no sentido de que ação pedagógica é um fato político, por estar formando o cidadão para determinada sociedade, sociedade esta que cobra da escola uma formação que propicie competência profissional e vivência democrática, participativa, crítica, responsável e ética. Por esta razão, é importante apresentar uma definição do que é projeto político pedagógico, pois alguns autores fazem uma conceituação diferente:

Para Veiga (1995, p. 11 e 13), o projeto político pedagógico é a própria organização do trabalho pedagógico na escola como um todo, sendo construído e vivenciado em todos os momentos, por todos os envolvidos com o processo educativo da escola.

Para Santiago (1995, p. 176) o projeto pedagógico ultrapassa a concepção de reorientação curricular ou metodológica com finalidades especificamente cognitivo – instrumentais para incorporar, no cotidiano da escola, elementos ético – normativos, subjetivos e culturais do mundo concreto onde os sujeitos organizam-se e interagem.

Dessas leituras, pode-se considerar como - não únicas – mas principais características de um projeto pedagógico: totalidade, identidade, intencionalidade, dinamismo, construção democrática e a transparência.

Evidentemente a gestão deverá incluir todos os graus, níveis e sistemas de ensino público do país.

A gestão está enraizada no movimento histórico social do início dos anos 80, com o fim do regime militar. Prova desse movimento é o Congresso Mineiro de Educação (1983) e o Fórum de Educação do Estado de São Paulo (1983), bem como a criação na mesma época dos Conselhos ou Colegiados escolares e da escolha democrática dos dirigentes de escola. Autonomia e participação são também reivindicações do poder local democrático e da sociedade civil.

A gestão da escola é um passo importante no aprendizado da democracia. A escola não tem um fim em si mesma. Ela está a serviço da comunidade. Nisso a gestão da escola está prestando um serviço também a comunidade que a mantém.

A gestão exerce influência positiva sobre a educação como um todo:

- a) sobre a estrutura e o funcionamento dos sistemas : colaboração entre os sistemas e comunicação direta da administração com as escolas
- b) sobre a organização do trabalho na escola : autonomia , projeto político pedagógico e avaliação compartilhada (escola e sistema)

- c) para o órgão de gestão da educação : plano estratégico de participação , canais de participação (ampliação do acesso à informação) e por isso, transparência administrativa
- d) sobre a qualidade do ensino : formação para a cidadania (cria possibilidades de participar da gestão pública)
- e) diminuição de lobbies corporativista, por aumentar a capacidade de fiscalização da sociedade civil sobre a execução da política educacional.

No presente estudo, ao se demonstrar o processo de Gestão como caminho possível na construção de uma escola democrática, depreende-se a necessidade de ressaltar o sentido sobre alguns termos como: organização, administração, gestão e participação.

Seguindo a linha de pensamento de LIBÂNEO (2001), organização é uma ciência da administração ou uma teoria da administração, que remetidas à escola configuram a administração escolar.

Segundo Lourenço Filho apud Libâneo (2001, p.77) “Organizar (..) é bem dispor elementos (coisas e pessoas), dentro de condições operativas(modos de fazer) , que conduzem a fins determinados”.

Ainda em Libâneo (2001, p.77), identificar-se a proposta de utilização em um “sentido amplo de organização, ou seja, unidade social que reúne pessoas que interagem entre si e que opera através de estruturas e processos organizativos próprios, a fim de alcançar os objetivos da instituição.”

2.1 Administração

Segundo Libâneo, (2001) a maioria dos autores que estudam as tarefas de administrar, gerir, organizar, dirigir, tomar decisões, as reúnem todas no contexto de *administração*. Nesse sentido, é bem explícita a seguinte definição:

Em seu sentido geral, podemos afirmar que a administração é a utilização racional de recursos para a realização de fins determinados. (...) Os recursos (...) envolvem,

por um lado, os elementos materiais e conceptuais que o homem coloca entre si e a natureza para dominá-la em seu proveito, por outro, os esforços despendidos pelos homens e que precisam ser coordenados com vistas a um propósito comum. (...) A administração pode ser vista, assim, tanto na teoria como na prática, como dois amplos campos que se interpenetram: a “racionalização do trabalho” e a “coordenação do esforço humano coletivo” (Paro1986 apud Libâneo 2001 p.76).

Administrar implica num trabalho racional de organização realizado por pessoas já designadas nas suas funções, de uma forma onde cada qual faz sua parte, e é extremamente fragmentada e que tenha influências dentro e fora da escola. Seria comandar e controlar tudo que esteja ocorrendo nessa escola ou empresa.

Ainda segundo LIBÂNEO (2001), podemos ver a escola como uma organização na medida em que ela se constitui como unidade social de agrupamentos humanos intencionalmente construídos ou reconstruídos, enfatizando assim os indivíduos e os grupos inter-relacionados, as suas interações, o carácter de intencionalidade de seus atos, processos de sistematicidade e carácter pessoal direto e prolongado de que se reveste o ato educativo

2.2 Gestão

Ainda seguindo o pensamento de LIBÂNEO (2001) para alguns autores o centro da organização e do processo administrativo é a tomada de decisão, ou seja, “todas as demais funções da organização (o planejamento, a estrutura organizacional, a direção, a avaliação) estão referidas ao processo eficaz de tomada de decisões” (Griffiths, 1974apud Libâneo 2001, p.78). Os processos intencionais e sistemáticos de se chegar a uma decisão e de fazer a decisão funcionar caracterizam a ação que denominamos gestão. Em outras palavras, a gestão é a atividade pela qual são mobilizados meios e procedimentos para se atingir os objetivos da organização, envolvendo, basicamente os aspectos gerenciais e técnico-administrativos. Nesse sentido, é sinônimo de *administração*.

A *direção* é um princípio e atributo da gestão, mediante a qual é canalizado o trabalho conjunto das pessoas, orientando-as e integrando-as no rumo dos

objetivos. Basicamente, a direção põe em ação o processo de tomada de decisões na organização, e coordena os trabalhos, de modo que sejam executados da melhor maneira possível.

A organização e os processos de gestão, incluindo a direção, assumem diferentes significados conforme a concepção que se tenha dos objetivos da educação em relação à sociedade e à formação dos alunos. Por exemplo, numa concepção tecnicista de escola, a direção é centralizada numa pessoa, as decisões vêm de cima para baixo, bastando cumprir um plano previamente elaborado, sem participação dos professores, especialistas e usuários da escola. Já numa concepção democrático-participativa, o processo de tomada de decisões se dá coletivamente, participativamente. A direção pode, assim, estar centrada no indivíduo ou no coletivo, sendo possível uma direção individualizada ou uma direção coletiva ou participativa. (Libâneo, 2001 p.79).

2.3 Participação

Segundo Libâneo (2001), a participação é o principal meio de se assegurar a gestão democrática da escola, possibilitando o envolvimento de profissionais e usuários no processo de tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar. Além disso, proporciona um melhor conhecimento dos objetivos e metas, da estrutura organizacional e de sua dinâmica, das relações da escola com a comunidade e favorece uma aproximação maior entre professores, alunos e pais.

Nas empresas a participação nas decisões é quase sempre uma estratégia que visa a busca do aumento de produtividade. Nas escolas, esse objetivo não precisa ser descartado, pois elas também buscam bons resultados. Entretanto, há aí um sentido mais forte de prática da democracia, de experimentar formas não-autoritárias de exercício do poder, de intervir nas decisões da organização e definir coletivamente o rumo dos trabalhos.

Também para o mesmo autor, o conceito de participação se fundamenta no de autonomia, que significa a capacidade das pessoas e dos grupos de livre determinação de si próprios, isto é, de conduzirem sua própria vida. Como autonomia opõe-se às formas autoritárias de tomada de decisão, sua realização concreta nas instituições é a participação. Portanto um modelo de gestão democrática – participativa tem na autonomia um dos seus mais importantes

princípios, implicando a livre escolha de objetivos e processos de trabalho e a construção conjunta do ambiente de trabalho.

Citando ainda Libâneo (2001), desde a década de 80, as escolas vêm passando por momentos de mudanças, no sentido de uma ação descentralizadora, o que tem provocado reações diferenciadas, nos integrantes do universo escolar, pois as relações no interior da escola, não são mais as mesmas.

Esse movimento exige um novo olhar sobre a gestão da escola e novas competências para atuar, frente às responsabilidades renovadas, que surgem no cotidiano da escola. Como organização social, a escola pressupõe a união de diferentes indivíduos, numa relação comum, que gera a necessidade de tomada de decisões no coletivo, onde o gestor-diretor desempenha papel preponderante, em busca da participação e comprometimento de todos no enfrentamento dos problemas institucionais.

O diretor – gestor, vem gradativamente assumindo importante papel na gestão da escola. Do sentido centralizador, autoritário da década de 60, passou, a partir dos anos 80, a incorporar temas como democracia, participação, eleições diretas, transferindo responsabilidades e interagindo com todos os segmentos da comunidade escolar.

Entre as considerações que se julgam importantes, segundo Libâneo (2001) algumas merecem ser destacadas como aquelas que podem ser conseguidas num prazo mais longo, ou seja, à medida que as práticas vividas demonstrem que elas podem e estão sendo alcançadas. É neste momento que se definem as propostas que dirigirão a ação:

- Recuperar a função social e política da escola, permitindo e capacitando os membros da comunidade escolar a uma participação plena em todas as atividades.
- Redefinir as funções e o papel do gestor escolar dentro desse contexto.
- Comparar os discursos com a ação, exigindo coerência e sensibilidade, para não permitir o descompasso entre a fala democrática e as ações autoritárias.

- Colocar como características prioritárias e necessárias para o gestor escolar a ética a justiça e a coerência.
- Trabalhar para que a escola represente um motivo de orgulho tanto para os profissionais que nela trabalham, como para toda comunidade.

Nessa nova realidade, espera-se o comprometimento da equipe, pois a mediação, o estudo e a solução dos problemas são de responsabilidades de todos, tendo como condutor do processo o gestor escolar. Por isso cumpre rever o papel do atual diretor da escola pública, como responsável último pela escola.

2.4. Gestão participativa

Segundo Heloísa Lück (2000), se essa precisa ser uma escola transformadora, precisamos transformar a escola que temos aí. E a transformação dessa escola passa necessariamente por sua apropriação por parte das camadas trabalhadoras. É nesse sentido que precisam ser transformados os sistemas de autoridade e a distribuição do próprio trabalho no interior da escola. O que temos hoje é um sistema hierárquico que pretensamente coloca todo o poder nas mãos do diretor.

A luta pela autonomia da escola insere-se numa luta maior pela autonomia no seio da própria sociedade. Autonomia se refere à criação de novas relações sociais, que se opõem às relações autoritárias existentes. Autonomia é o oposto da uniformização. A autonomia admite a diferença e, por isso, supõe a parceria. Só a igualdade na diferença e a parceria são capazes de criar o novo. Por isso, escola autônoma não significa escola isolada, mas em constante intercâmbio com a sociedade.

A participação e a democratização num sistema público de ensino é um meio prático de formação para a cidadania. Essa formação se adquire na participação, no processo de tomada de decisões. A criação de conselhos de escola representa uma parte desse processo. Mas eles fracassam se forem instituídos como uma medida isolada e burocrática. Eles só são eficazes num conjunto de

medidas políticas, num plano estratégico de participação que vise à democratização das decisões. Seguindo a mesma autora, esse plano supõe:

- 1) autonomia dos movimentos sociais e de suas organizações em relação à administração pública;
- 2) abertura de canais de participação pela administração;
- 3) transparência administrativa, isto é, democratização das informações.

A população precisa efetivamente apropriar-se das informações para poder participar, ela precisa compreender o funcionamento da administração, em particular do orçamento e as leis que regem a administração pública e limitam a ação transformadora. A população precisa sentir prazer em exercer os seus direitos. Enfim trata-se de construir uma escola pública universal, para todos, unificada, mas que respeite as diferenças locais, regionais e a multiculturalidade. (LUCK, 2000).

Para Lück (2000), a democracia, enquanto valor universal e prática de colaboração recíproca entre grupos e pessoas, é um processo globalizante que, tendencialmente, deve envolver cada indivíduo, na plenitude de sua personalidade. Não pode haver democracia plena sem pessoas democráticas para exercê-la. A prática de nossas escolas está muito longe de atender ao requisito implícito nesta premissa. Dificilmente teremos um professor relacionando-se de forma conseqüente num processo de participação democrático da comunidade na escola se sua relação com os alunos em sala de aula continua autoritária. Se a escola em seu dia – a – dia, está permeada pelo autoritarismo nas relações que envolvem direção, professores e demais funcionários e alunos, como podemos esperar que ela permita, sem maiores problemas, entrar aí a comunidade para, pelo menos, exercitar relações democráticas?

As escolas atuais necessitam de líderes capazes de trabalhar e facilitar a resolução de problemas em grupo, capazes de trabalhar junto com os professores e colegas, ajudando-os a identificar suas necessidades de capacitação e adquirir as habilidades necessárias e, ainda, serem capazes de ouvir o que os outros têm a dizer, delegar autoridade e dividir o poder. (Lück 2000, p. 34).

Parafraseando Heloísa Lück (2000), as escolas bem dirigidas exibem uma cultura de reforço mútuo das expectativas: confiança, interação entre os funcionários

e a participação na construção dos objetivos pedagógicos, curriculares e de prática em sala de aula. Para tanto, os dirigentes agem como líderes pedagógicos, ou seja, avaliando os programas pedagógicos, organizando e participando de programas de desenvolvimento de funcionários e também enfatizando a importância dos resultados alcançados pelos alunos, promovendo a integração entre os professores, funcionários e todos os envolvidos no processo educacional.

Segundo LIBÂNEO (2001) toda instituição escolar necessita de uma estrutura de organização interna, e essa estrutura é comumente representada graficamente num organograma. A estrutura organizacional das escolas se diferencia conforme a legislação dos Estados e Municípios e, obviamente conforme as concepções de organização e gestão adotadas, mas esse mesmo autor apresenta uma estrutura básica com todas as unidades e funções típicas de uma escola.

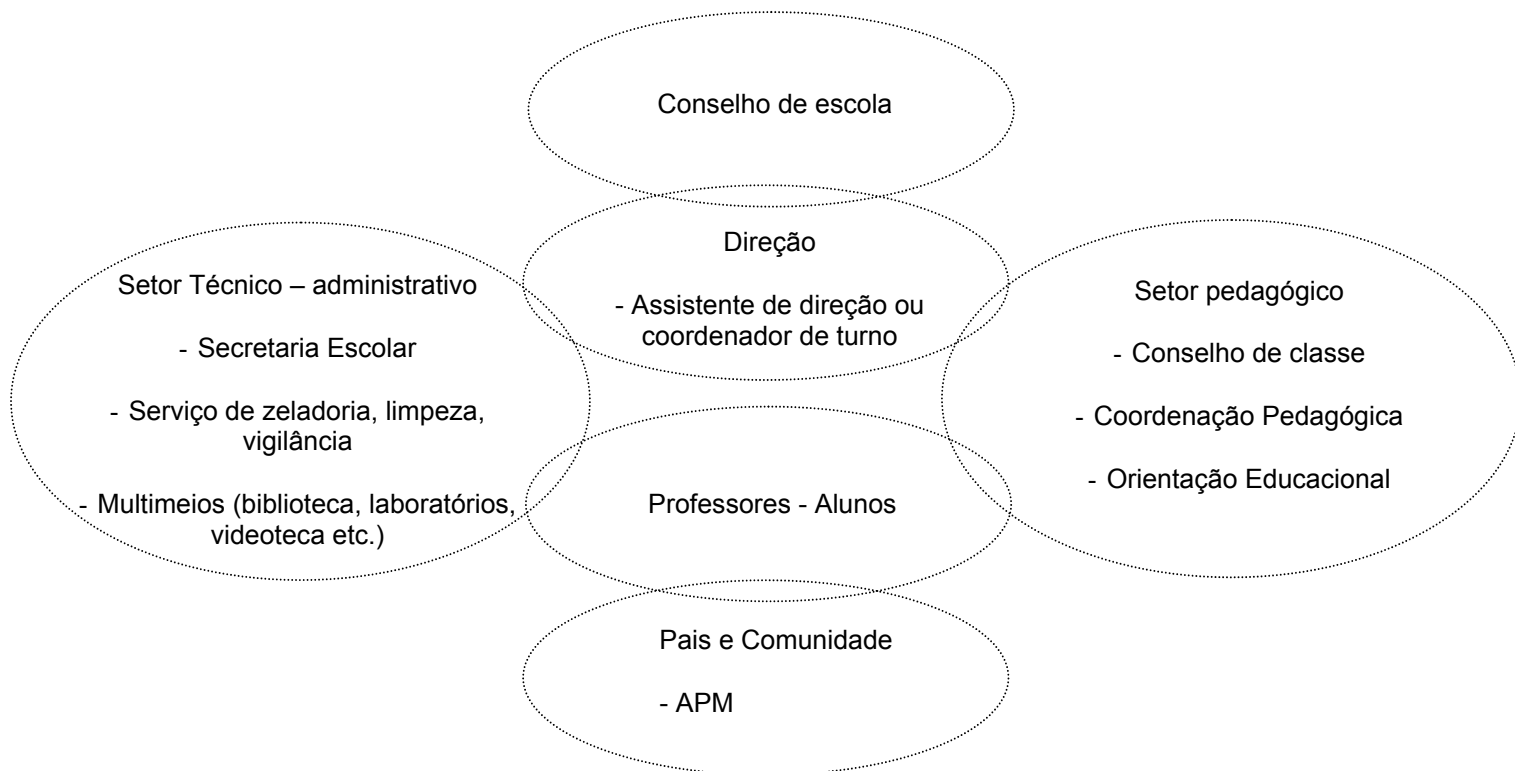


Figura 01 – Organograma Básico de Escolas (LIBÂNEO, 2001, p.101)

Portanto a “educação escolar tem a tarefa de promover a apropriação de saberes, procedimentos, atitudes e valores por parte dos alunos, pela ação mediadora dos professores e pela organização e gestão da escola”. LIBÂNEO (2001, p.111).

Para isso faz-se necessário superar as formas de gestão conservadoras de organização e gestão, adotando formas alternativas, criativas, de modo que os objetivos sociais e políticos da escola correspondam com estratégias compatíveis de organização e gestão participativa.

Segundo o mesmo autor (LIBÂNEO, 2001), são propostos alguns princípios da concepção de gestão democrática – participativa:

1. Autonomia das escolas e da comunidade educativa.
2. Relação orgânica entre a direção e a participação dos membros da equipe escolar.
3. Envolvimento da comunidade no processo escolar.
4. Planejamento das tarefas.
5. Formação continuada para o desenvolvimento pessoal e profissional dos integrantes da comunidade escolar.
6. O processo de tomada de decisões deve basear-se em informações concretas, analisando cada problema em seus múltiplos aspectos e na ampla democratização das informações.
7. Avaliação compartilhada.
8. Relações humanas produtivas e criativas assentadas na busca de objetivos comuns.

Entre as características do gestor, (Lück, 2000, p.36) destaca em seu livro “A escola participativa”, algumas que são fundamentais. Define o gestor como um líder, e que, dependendo da liderança, ele pode ser um líder eficaz e participativo, assim suas características são:

- Facilitador e estimulador da participação dos pais, alunos, professor e demais funcionários, na tomada de decisão e implementações de ações.
- Promotor da comunicação aberta;
- Demonstrador de orientação pró-ativa;
- Construtor de equipes participativas;
- Incentivador da capacitação e desenvolvimento dos funcionários e de todos os elementos da escola;
- Criador de clima de confiança e receptividade;
- Mobilizador de energia, dinamismo e entusiasmo.

Entre as tarefas do líder participativo, assim ela coloca:

- Criar e comunicar a comunidade escolar, a visão da escola;
- Desenvolver a confiança e o comprometimento de professores e demais funcionários com esta visão;
- Definir, em conjunto, objetivos da escola;
- Utilizar e canalizar as competências da escola para a efetivação de resultados;
- Desenvolver a equipe mediante acompanhamento e orientação coletiva contínua;
- Motivar a equipe da escola como um todo.(LÜCK,2000, p.39)

Segundo Likert (apud LÜCK 2000, p.15), a gestão participativa é normalmente entendida como uma forma regular e significativa de envolvimento dos funcionários de uma organização no seu processo decisório. Em organizações democraticamente administradas – inclusive escolas – os profissionais que atuam na escola são envolvidos no estabelecimento de objetivos, na solução de problemas, na tomada de decisões, no estabelecimento e manutenção de padrões de desempenho e na garantia de que sua organização está atendendo adequadamente às

necessidades do cliente. Ao se referir a escolas e sistemas de ensino, o conceito de gestão participativa envolve, além dos professores e outros funcionários, os pais, os alunos e qualquer outro representante da comunidade que esteja interessado na escola e na melhoria do processo pedagógico.

Segundo Lück (1996), o entendimento do conceito de gestão já pressupõe, em si, a idéia de participação, isto é, do trabalho associado de pessoas analisando situações, decidindo sobre seu encaminhamento e agindo sobre elas em conjunto. Isso porque o êxito de uma organização depende da ação construtiva conjunta de seus componentes, pelo trabalho associado, mediante reciprocidade que cria um “todo” orientado por uma vontade coletiva.

Ainda segundo o pensamento de Lück (2000) a abordagem participativa na gestão escolar demanda maior participação de todos no processo decisório da escola, envolvendo-os também na realização das múltiplas tarefas de gestão. Esta abordagem também amplia a fonte de habilidades e de experiências que podem ser aplicadas na gestão das escolas.

Porque então optar pela participação na Gestão Escolar?

Algumas respostas, segundo Lück (2000), seriam:

- Para melhorar a qualidade pedagógica do processo educacional das escolas.
- Para garantir ao currículo escolar maior sentido de realidade e atualidade.
- Para aumentar o profissionalismo dos professores.
- Para combater o isolamento físico, administrativo e profissional dos diretores e professores.
- Para motivar o apoio comunitário às escolas.
- Para desenvolver objetivos comuns na comunidade escolar.

Portanto segundo Lück (2000), a participação, em seu sentido pleno, caracteriza-se por uma força de atuação consciente, pela qual os membros de uma unidade social reconhecem e assumem seu poder de exercer influência na

determinação da dinâmica dessa unidade social, de sua cultura e de seus resultados, poder esse resultante de sua competência e vontade de compreender, decidir e agir em torno de questões que lhe são afetas.

Cabe lembrar que toda pessoa tem um poder de influência sobre o contexto de que faz parte, exercendo-o independentemente da sua consciência desse fato e da direção e intenção de sua atividade. No entanto, a falta de consciência dessa interferência resulta em uma falta de consciência do poder de participação que tem, de que decorrem resultados negativos para a organização social e para as próprias pessoas que constituem o ambiente escolar.

Ainda segundo Lück (2000), sabem-se que, dada à tendência burocrática e centralizadora ainda vigente na cultura organizacional escolar e do sistema de ensino brasileiro que a reforça, a participação, em seu sentido dinâmico de interapoio e integração, visando construir uma realidade mais significativa, não se constitui em uma prática comum nas escolas. O mais comum segundo Lück, (2000) é a queixa de diretores escolares, de que “têm que fazer tudo sozinhos”, que não encontram nem apoio, nem eco “para o trabalho da escola como um todo, limitando-se os professores a suas responsabilidades de sala de aula” e muitas vezes, “nem mesmo assumem responsabilidade por fazer bem seu trabalho de sala de aula”. Quanto aos pais, a sua participação é, na maioria das vezes, apenas desejada para tratar de questões periféricas da vida escolar como, por exemplo, aspectos físicos e materiais da escola.

Tais diretores sentem-se, por certo, sozinhos em seu trabalho e é possível supor que os professores, por sua vez, sentindo-se “parte de um outro grupo”, percebem a situação da mesma forma, isto é, como isolados.

Essa situação, no entanto, não será mudada por simples vontade de dirigentes ou por exortações dos mesmos para que os professores participem. É comum ainda segundo Lück, (2000), dirigentes indicarem que os professores reclamam de não poderem participar da determinação do currículo escolar, mas que, quando lhes é dado espaço para isso, não querem colaborar: omitem sua contribuição. Pode-se, porém, afirmar que se essa situação existe, é porque a

compreensão do significado de participação não está claro nem mesmo para o dirigente. É fundamental que este examine seu entendimento sobre a questão e alargue seus horizontes sobre a mesma.

Ainda sundo Lück, (2000), é necessário ter em mente que uma cultura não é mudada apenas por desejo, faz-se necessário o alargamento da consciência e da competência técnica para tanto. É importante reconhecer que mesmo que as pessoas desejem participar da formulação e construção dos destinos de uma unidade social, não querem aceitar, rapidamente, o ônus de fazê-lo, daí porque, após manifestarem esse interesse, demonstram, por meio de comportamentos evasivos resistência ao envolvimento nas ações necessárias à mudança desejada.

Aos responsáveis pela gestão escolar compete, portanto, promover a criação e a sustentação de um ambiente propício à participação plena, no processo social escolar, dos seus profissionais, de alunos e de seus pais, uma vez que se entende que é por essa participação que os mesmos desenvolvem consciência social crítica e sentido de cidadania.

Tudo isso nos mostra que para a escola realmente constituir-se num espaço de formação e atingir os objetivos a que se propõe, é necessário que ela, além da gestão participativa, possua um projeto pedagógico que norteie as ações das mesmas e do sistema público de ensino. (LUCK, 2000).

Para isso é necessário que o trabalho da escola se desenvolva de forma coletiva e participativa.

Podemos citar cinco fundamentos do trabalho em equipe ou trabalho participativo segundo Libâneo (2001):

Em primeiro lugar, a equipe deve ter uma meta, propósito, causa ou objetivo que seja identificado, aceito, compreendido e desejado por todos os membros da equipe. Em segundo lugar, a equipe deve ter espírito, moral e desejo de triunfar ainda que seja ao custo de consideráveis sacrifícios individuais. Em terceiro lugar, as linhas de autoridade e responsabilidade devem estar claramente definidas e compreendidas perfeitamente por todos. Em quarto lugar, devem ser estabelecidos os canais de comunicação. Em quinto lugar, o líder deve descobrir e utilizar ao máximo as capacidades criadoras de cada uma das pessoas e uní-las numa equipe homogênea (In Neagley e Evans, 1969 apud Libâneo 2001, p.80).

Esses princípios expressam com muita clareza a necessidade da organização escolar ter objetivos comuns e compartilhados, buscar o envolvimento da equipe de profissionais com esses objetivos, contar com uma estrutura organizacional em que as responsabilidades estejam bem definidas, dispor de várias formas de comunicação entre a organização e as pessoas, ter uma liderança que consiga motivar e mobilizar as pessoas para uma atuação conjunta em torno de objetivos comuns.

A escola de hoje, pede um novo gestor, atencioso não só às questões do conhecimento, mas que igualmente entenda as questões sociais, políticas, econômicas e culturais, que envolvem as instituições responsáveis pela garantia do saber. Com a gestão participativa as pessoas se conhecem, se superam e conhecem sua organização, e isso resulta num grande sentimento de trabalho participativo e compromisso de apoio recíproco.

Segundo Maria de Lourdes Mello Prais (1990, p. 85), a administração colegiada, ao se constituir em processo democrático de decisões, certamente possibilita recuperar o papel do diretor na liderança do processo educativo. Isso significa que, por ser a escola uma organização que possui um conjunto de funções hierarquizadas, desempenhadas por diferentes agentes, que contribuem para a realização da função educativa, razão – de – ser – da – escola, então, ao diretor compete uma responsabilidade diferenciada. Daí pode-se afirmar que o diretor, antes de ser um administrador, deve ser um educador. Certamente, esta é a principal condição para que o diretor consiga compartilhar dois pólos de pressão conflitivos antes entre si, que se impõem à sua atividade administrativa. De um lado, têm-se as exigências burocrático – administrativa colocadas pelas instâncias superiores do sistema escolar, e de outro, está o conteúdo educativo a ser desenvolvido no interior da escola. Naturalmente, isto exige do diretor da escola a capacidade de saber ouvir, alinhar idéias, questionar, inferir, traduzir posições e sintetizar uma política de ação com o propósito de coordenar efetivamente o processo educativo.

2.5. Competências e habilidades do gestor escolar

Segundo Perrenoud (2001), diante desse quadro, entende-se que o gestor escolar precisa desenvolver algumas competências que se impõem como imprescindíveis à sua atuação. Seriam elas:

- Competência técnica, voltada para o domínio de sua área de conhecimento.
- Competência política, necessária para transitar com segurança, nas diferentes esferas de atuação.
- Competência cultural, diz respeito ao conhecimento que o diretor deve ter com relação aos diferentes modos de ser da comunidade onde atua.
- Competência ética, importantíssima, no sentido de respeitar regras, pessoas, modos de ser...
- Competência emocional, manifestada principalmente nos momentos de tensão, embates, quando existe a necessidade de conduzir equilibradamente, uma situação.
- Competência reflexiva, voltada para o entendimento de que todos os indivíduos estão em permanente processo de educação, aprendendo não só em cursos programados, mas em encontros, discussões, reuniões...

As escolas passam então, por um novo processo de gestão, mediante a construção coletiva de um projeto pedagógico, que deve contemplar a educação continuada, mediante a proposta de realização de encontros, seminários, palestras, cursos, permanências concentradas, horas de estudo, enfim todas as formas de trabalho que provoquem a discussão, a troca de experiências, que levem à ampliação do horizonte cultural do professor e conseqüentemente de sua capacidade reflexiva. Deve-se ressaltar que este processo de educação continuada, precisa ser entendido como conquista do professor e é conseqüentemente de responsabilidade tanto da instituição como de cada um dos professores envolvidos.

Tudo isso indica a importância do sistema de relações interpessoais em função da qualidade do trabalho de cada educador, da valorização da experiência

individual, do clima amistoso de trabalho. A equipe da escola precisa investir sistematicamente na mudança das relações autoritárias para relações baseadas no diálogo, participação, cooperação e compromisso, levando a uma inovação na ação educativa.

É talvez esse, o maior desafio da escola, hoje – re-formular seu Projeto Pedagógico contemplando não apenas as necessidades da escola, mas também da comunidade. A abertura dos portões e a quebra dos muros da escola, não é tarefa simples e exige uma dose imensa de coragem, predisposição ‘a mudança, compromisso e organização, a fim de eliminar a estrutura hierarquizada de poder que se instalou na escola há muitos anos. Se a proposta estiver calcada numa concepção participativa, exigirá de todos os segmentos escolares e comunitários, ações verdadeiramente democráticas, gestadas em processos coletivos de discussão, tendo novos entendimentos sobre a tomada de decisão, no âmbito escolar. Poderá evidenciar avanços e recuos, produzindo novas relações sociais e de trabalho, dentro do sistema escolar e com certeza ultrapassará esses limites, constituindo espaços de ação coletiva muito mais abrangente.(PRAIS, 1998).

Para garantir realmente a participação, é necessário a capacitação de todos os integrantes da comunidade escolar e preparar essa comunidade para a gestão democrática, que é a essência da transformação do sistema de ensino. Este enfoque deve ser percebido a partir de uma ampla perspectiva de descentralização e energização, pois a participação se transforma em uma série de ferramentas refinadas capaz de aprimorar a qualidade da educação.

CAPÍTULO III

III- EDUCAÇÃO E MUDANÇA SOCIAL

3.1. A educação diante da nova realidade social

Crise e educação são dois termos que têm estado associados com frequência tão grande, e durante períodos tão longos, que se justifica o ceticismo com que muitos protagonistas do processo pedagógico reagem diante dos reiterados projetos de reforma com que se tenta mudar a situação da educação. O sistema educacional tem sido, uma das áreas das políticas públicas mais recorrente e sistematicamente reformadas. Uma olhada nessa situação do ponto de vista da educação e dos educadores permitiria observar que o mais importante é o consenso em reconhecer que o conhecimento constitui a variável mais importante nas novas formas de organização social e econômica. É o que o presente capítulo aborda.

Hoje a educação consiste em encontrar meios que permitam às pessoas aprender a aprender, a nova realidade não dá espaço para quem não quer se atualizar, mesmo as escolas e educadores que supostamente detêm bom conhecimento não se garantem sem a inovação e constante busca ao aperfeiçoamento.

O autor Juan Carlos Tedesco (2001) remete à reflexão sobre as transformações educacionais que a América latina e a economia global vem sofrendo nos últimos tempos com o sistema globalizado. Coloca alguns itens que fornecem motivação para buscar sempre o novo, e também tenta despertar nos educadores algumas revisões sobre o que ensinar e que materiais utilizar para ensinar. Já se tornou lugar-comum a afirmação de que os recursos fundamentais para a sociedade e as pessoas seriam a **informação, o conhecimento e a capacidade para produzi-los e maneja-los** (Tedesco, 2001). A educação, entendida como a atividade por meio da qual se produz e se distribui o conhecimento, assume, portanto, uma importância historicamente inédita em, pelo menos, dois sentidos diferentes:

- a) Do ponto de vista político-social. Parece evidente que as disputas pela apropriação dos lugares onde se produz e se distribui o conhecimento socialmente mais significativo constituem o centro dos conflitos sociais do futuro. Isso significa que os educadores, os cientistas, os intelectuais e todos aqueles que se acham envolvidos na produção e na distribuição de conhecimentos, desempenham um papel muito importante tanto na geração de conflitos como em sua solução.
- b) Do ponto de vista dos conteúdos da educação. O impressionante desenvolvimento das tecnologias da informação criam a necessidade de evitar que se produza a separação definitiva entre conhecimento e pensamento. As tecnologias atuais possuem uma enorme capacidade de acúmulo e processamento de informação. (Tedesco, 2001).

Tedesco (2001, p.22) ainda afirma que nesse contexto, a reflexão sobre o papel da educação na sociedade e em seu desenvolvimento implica, conseqüentemente, abordar o duplo problema de definir os conhecimentos e as capacidades que a formação de cidadão exige e a forma institucional pela qual esse processo de formação deve ocorrer. As instituições escolares – é bom lembrar – não criam o conteúdo do processo de socialização. Ao contrário, é o conteúdo do processo de socialização que define o desenho das instituições escolares. A escola foi criada para transmitir determinadas mensagens, que exigiam uma organização institucional como a que conhecemos. Mas hoje é preciso nos perguntarmos se a escola será a instituição socializadora do futuro e se a formação das gerações futuras exigirá esse mesmo desenho institucional.

Ainda seguindo o mesmo autor, ninguém está em condições de dar respostas categóricas a essas perguntas. Parece crucial, por isso, aceitar uma reflexão a partir da dúvida, das interrogações, e não, como estamos acostumados, a partir da pretensão de dar uma resposta única e categórica. Até agora estávamos acostumados a aceitar a dúvida no plano das idéias e das reflexões, deixando a pretensão de segurança aos responsáveis pelas políticas, que têm a obrigação de tomar decisões e não podem permitir-se nem a dúvida nem a experimentação. Mas as atuais circunstâncias, em vez de ampliar o âmbito no qual se aceita a incerteza, o

estão fechando. A sociedade do futuro, submetida a um ritmo acelerado e constante de mudança, deveria ser dotada de instituições capazes de manejar a incerteza sem apelar à supressão do debate.

A profundidade do processo de mudança social que ocorre atualmente nos obriga a formular as perguntas básicas sobre os fins da educação, sobre quem assume a responsabilidade de formar as novas gerações e sobre qual legado cultural, quais valores, qual concepção de homem e de sociedade desejamos transmitir.

A ausência de sentido que se percebe em vastos setores da sociedade e as visões dos responsáveis pelas decisões políticas e econômicas voltaram a colocar em primeiro plano a necessidade de discutir algumas questões básicas. A reflexão filosófica volta, portanto, a ter importância. Não se trata, obviamente, de uma reflexão puramente metafísica, desligada dos aspectos operacionais. Ao contrário, trata-se de colocar as análises técnicas e operacionais no quadro global de uma concepção que dê sentido a nossas ações. Uma análise técnica que não leve em conta esse quadro global constituirá uma nova versão do pensamento tecnológico. Uma discussão dos fins da educação sem suas expressões operacionais seria não só estéril do ponto de vista da ação, mas também abstrata e pouco fértil teoricamente. (TEDESCO, 2001, p.23).

Neste contexto, nossa cultura sofre influência direta dos meios de comunicação, tendo estes sistemas que transmitem informações atingido um grande público. Historicamente, observa-se a diversificação das inovações tecnológicas ampliando o alcance desses meios.

A transformação que se dá no mundo é muito rápida, impossibilitando o homem de elaborar uma reflexão crítica daquilo que está vivendo em tão poucas décadas. Percebe-se que ele deixou de ser o centro, dando lugar à informação, produção e circulação de imagens. A humanidade deve refletir mais sobre essas mudanças resgatando algumas percepções deste mundo.

No que se refere à educação, deve-se compreender e definir um novo papel nesta sociedade, levando em consideração o avanço tecnológico contínuo.

A cada geração há grandes mudanças e enormes avanços na sociedade, isso muitas vezes se dá em função do emprego da tecnologia na busca incessante do conforto e menor esforço na realização dos trabalhos diários que acompanham o ser humano.

Ainda segundo Tedesco (2001), as mudanças nos modos de produção estão intimamente ligadas à utilização das tecnologias da comunicação e da informação., generalizando a idéia de que a sociedade do futuro será uma “**sociedade da informação**”. Desse ponto de vista, é possível sustentar que a evolução recente das tecnologias da informação responde tanto às exigências do individualismo crescente de nossa sociedade como às exigências de integração social. A análise da discussão sobre as relações entre educação e tecnologia da informação deu-se em dois níveis distintos porém estreitamente relacionados; o papel das tecnologias da informação no processo de socialização, por um lado, e no processo de aprendizagem, por outro. Nessas visões aparentemente opostas há uma evidente complementaridade, baseada na suposição de que o papel ativo do processo de aprendizagem e socialização está nos agentes externos, neste caso as tecnologias da informação e suas mensagens, e não nos quadros de referência dos sujeitos, a partir dos quais são processadas as mensagens transmitidas por meio das tecnologias.

As habilidades exigidas para viver nesse ambiente devem ser aprendidas hoje. Em geral, concorda-se que, no século XXI, a tecnologia será onipresente. Os futuristas prevêem que, no fim deste século, aproximadamente dois terços de todos os trabalhos envolverão algum tipo de informação computadorizada. Por isso é importante que todos os alunos aprendam a acessar, analisar e comunicar informações eletrônicas de maneira eficiente. (TEDESCO, 2001).

Especificamente o vídeo, a televisão e o computador adquirem valor educacional cada vez mais crescente, por isso torna-se fundamental para esta pesquisa. A escola precisa trabalhar aliada aos meios de comunicação, utilizando-os como sensibilização do processo ensino-aprendizagem que o tornará, sem dúvida, mais dinâmico e interessante. Algumas considerações a respeito destes meios são necessárias para contextualizá-los.

Ainda segundo Tedesco, (2001), a escola brasileira, não tem dado o real valor às novas condições criadas pela tecnologia para reprodução de imagens do mundo todo.

Os sistemas educacionais usam de recursos tradicionais que não atendem aos anseios das crianças e dos jovens. A escola deveria desempenhar sua real função de ajudar a criança e o jovem a desenvolver a capacidade de pensar criticamente, para isso, precisa oportunizar o domínio da linguagem, inclusive o da linguagem eletrônica.

Entretanto, não se pode deixar de observar que tanto mais formas de linguagens, experiências e meios de comunicação a escola trabalhar, tanto maior serão as possibilidades qualitativas de ensino e aprendizagem. Daí a necessidade de se fazer um breve relato sobre a história da informática no Brasil.

3.2. Revisitando um pouco da história da informática educativa no Brasil

Segundo o documento de Moraes,(1997), o Brasil iniciou seus primeiros passos em busca de um caminho próprio para a informatização de sua sociedade, fundamentado na crença de que tecnologia não se compra, mas é criada e construída por pessoas. Buscou construir uma base que garantisse uma real capacitação nacional nas atividades de informática, em benefício do desenvolvimento social, político, tecnológico e econômico da sociedade brasileira. Uma capacitação que garantisse autonomia tecnológica, tendo como base à preservação da soberania nacional.

Na busca de maior garantia de segurança e desenvolvimento da nação, o Brasil, a partir de meados da década de setenta, estabeleceu políticas públicas voltadas para a construção de uma indústria própria. Dessa forma o governo brasileiro deu origem à CAPRE – Comissão Coordenadora das Atividades de Processamento Eletrônico, a DIGIBRAS – Empresa Digital Brasileira e a própria SEI – Secretaria Especial de Informática, que nasceu como órgão executivo do Conselho de Segurança Nacional da Presidência da República, em plena época da ditadura militar. Esse órgão tinha por finalidade regulamentar, supervisionar e fomentar o desenvolvimento e a transição tecnológica do setor.

De acordo com o livro – Projeto EDUCOM, segundo Moares,(1997), documento referencial que resgata a história e consolida os diferentes fatos que

caracterizam a cultura da informática educativa existente no país, as primeiras iniciativas na área tiveram suas raízes plantadas nessa década.

O quadro abaixo mostra os principais fatos históricos da informática no Brasil:

<u>ANO</u>	<u>ACONTECIMENTO</u>
1971	Uso de computadores no ensino de Física, com a Universidade de Dartmouth/USA.
1973	Surgiram as primeiras iniciativas na UFRGS. Software SISCAI
1975 e 1976	UNICAMP recebeu as visitas de Seymour Papert e Marvin Minski para ações de cooperação técnica.
1976	Grupo de pesquisadores da UNICAMP visitaram o MEDIA-Lab do MIT/USA, cujo retorno permitiu a criação de um grupo interdisciplinar, utilizando a linguagem LOGO.
1977	O projeto passou a envolver crianças, sob a coordenação de dois mestrandos em computação.
1980	Novas experiências surgiram na UFRGS, apoiadas na teoria de Jean Piaget e nos estudos de Papert
1981	I Seminário Nacional de Informática na Educação – Universidade de Brasília – 25 a 27/08
1981	Divulgado em dezembro o documento "Subsídios para a implantação do programa Nacional de Informática na Educação".
1982	II Seminário Nacional de Informática na Educação – Universidade da Bahia – mês de agosto
1982	Criado o Centro de Informática do MEC-CENIFOR, subordinado à Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa - FUNTEVÊ
1983	Criada a Comissão Especial de Informática na Educação – Portaria SEI/CSN/PR nº 001/83
1983	Apresentação do documento EDUCOM – proposta interdisciplinar
1983	Instituído o Núcleo Interdisciplinar de Informática Aplicada à Educação – NIED/UNICAMP, já com o apoio do MEC
1984	CENIFOR ficou com a responsabilidade pela implementação, coordenação e supervisão técnica do projeto EDUCOM

1984	Firmados os primeiros convênios dos centros piloto entre a FUNTEVÊ/MEC com a UFRGS, Pernambuco, Minas Gerais, Rios de Janeiro e Estadual de Campinas
1985	Com a finalização do governo militar, profundas alterações funcionais ocorreram na administração Federal, em consequência mudanças de orientação política e administrativa
1986	Criado o Comitê Assessor de Informática na Educação – CAIE/MEC
1986	1º Concurso Nacional de Software Educativo e a implementação do Projeto FORMAR
1987	A Secretaria de Informática do MEC, assumiu a responsabilidade de condução das ações do projeto EDUCOM
1987	Jornada de Trabalho de Informática na Educação em Florianópolis
1988 e 1989	Implantação de 17 CIED (Centro de Informática Educativa)
1989	Criado o PRONINFE (Programa Nacional de Informática Educativa) através da Portaria nº549/GM
1992	Foi criada uma rubrica orçamentária específica no orçamento da União para financiamento no setor
1995	Modelo de informatização implantado no nosso país até essa data.

Quadro 01 – Fatos históricos da informática no Brasil – Documento –Projeto EDUCOM de Maria Cândida Moraes (MEC), (1997)

3.3 Televisão, Vídeo, e o Computador na Escola – Perspectivas

3.3.1 Televisão

Segundo Ferrés (1996) dedica-se muito mais tempo a ensinar a ler do que será depois dedicado à leitura. Dedicar-se muito mais tempo a ensinar arte do que será dedicado depois a contemplar a arte. No entanto, a televisão, que se tornou o fenômeno cultural mais impressionante da história da humanidade, é a prática para qual os cidadãos estão menos preparados. Como todas as instituições tradicionais, a escola preocupa-se quase que exclusivamente em reproduzir conhecimento, em perpetuar a cultura, ficando com isso, defasada quando precisa se adaptar a uma sociedade de mudança, quando precisa educar para uma cultura renovada.

A TV é, por definição, o meio técnico da realidade "aqui e agora". Não só pode filmar e retransmitir as imagens no preciso momento em que têm lugar os acontecimentos, como pode selecionar o seu público, dirigindo-se ora à todos os continentes, ora à instituição escolar, ora às donas de casa, ora ainda à crianças.

A televisão como uma das maiores inovações do homem no campo das telecomunicações, gerou uma revolução muito grande em toda a sociedade, pois encontramos a televisão em todos os lares independentemente do nível sócio-cultural. No entanto, devemos utiliza-la também para o ensino-aprendizagem já que é uma arma poderosíssima e se soubermos usa-la de forma consciente poderemos obter em nossas aulas o mesmo fascínio e o mesmo brilho que ela gera dentro de todos os lares. (FERRES, 1996).

Segundo Moran (1994) a televisão combina imagens estáticas e dinâmicas, imagens ao vivo e gravadas, imagens de captação imediata, imagens referenciais, com imagens criadas por um artista no computador. Essas imagens que se tem da televisão é fascinante e pela qual o aluno e em geral a população sentem-se atraídos. São geralmente as imagens, a eficácia visual que se destaca, deixando muitas vezes o conteúdo a desejar, seja de um filme, de um documentário, de um telejornal, de uma telenovela e tantos outros programas exibidos pela televisão. Simplesmente essas imagens atraem tanto a ponto do telespectador se limitar a apenas absorver o que está assistindo, jamais discute e dispensa comentários com outras pessoas mudando totalmente sua identidade cultural, pois se tornou um indivíduo de caráter passivo, um mero telespectador e um infundado consumidor de produtos anunciados pela publicidade.

Utilizando a televisão como um dos recursos audiovisuais em nossas aulas, como por exemplo, na exibição de vídeos educativos, relatos e experiências, seria uma maneira de resgatar o interesse do aluno, que na grande maioria é um autêntico telespectador. Pois segundo Ferrés (1996, p.92) "uma adequada integração da televisão à sala de aula pressupõe considerar duas dimensões da formação: educar na televisão e educar com a televisão".

Um dos meios de democratizar o saber é utilizar a televisão, explorando a familiaridade da população com este meio e tornando-a uma grande aliada.

A televisão é um meio de comunicação fortíssimo, que transmite a atualidade, parte da realidade, pensamentos e idéias que acrescem a vivência dos telespectadores: as emoções, alegrias, esperanças, sonhos e prazeres. Por outro lado à televisão faz política, reproduz a violência, manipula a opinião pública e explora o erotismo.

Ainda segundo Ferres (1997) educar na televisão significa transformar o meio em matéria ou objeto de estudo, educar na linguagem audiovisual, ensinar os mecanismos técnicos e econômicos de funcionamento do meio, oferecer orientação e recursos para análise crítica dos programas. Mas também educar com a televisão é incorpora-la à sala de aula, em todas as áreas e níveis de ensino, para otimizar o processo de ensino-aprendizagem.

Exatamente por estes motivos é que se deve criar nos alunos uma consciência diferente em relação à televisão, para que eles saibam assistir a televisão de uma forma bastante crítica, e que refletindo calmamente sobre cada programa, eles possam discutir e direcionar as idéias apresentadas por qualquer programa, formando a sua própria opinião e não se deixando envolver apenas pelas imagens. É este o propósito das novas diretrizes da educação tecnológica que se deve abordar no cotidiano escolar, pois a educação hoje é vista como um processo construtivo, procura-se ouvir o aluno, pois ele sabe e pode participar. A tecnologia está auxiliando a fusão entre comunicação e educação.

“Quanto mais se educar com o meio, mais se educará no meio”.(FERRÉS1996 p.93)

Tecnologias educacionais são ferramentas que, em mãos certas, são um instrumento de colossal produtividade, sendo cada uma melhor para se trabalhar com um determinado problema, mas obviamente, em mão erradas de nada servem. Dentre as tecnologias a TV não é um mero recurso, mas um meio de comunicação que estabelece pontes entre a escola e a vida, abrindo as paredes para o mundo e trazendo questões existenciais para o processo de ensino-aprendizagem. O impacto

dessa mídia depende do processo de ensino e de seu uso pelos envolvidos com o meio.

Cada vez mais, a escola é vista como um local propício ao sucesso. Assim, a televisão na escola significa, que há disponibilidade de mais um recurso para a Educação em sala de aula, mas também a existência de uma nova forma dessa escola se situar no mundo. Portanto *“a linguagem audiovisual televisiva torna possível uma enorme gama de informações, sob diferentes formatos e gêneros. E também transforma o mundo do conhecimento humano”*. (MEC; 1998, p.35)

Quando se utiliza a televisão na escola, enfrenta-se um desafio permanente: escolher, interpretar, interagir todas as informações oferecidas por estes recursos. Este é o papel do professor, interagir, no processo de ensino-aprendizagem. Portanto esta tecnologia torna-se uma ferramenta para encontrar soluções para os velhos problemas e com isso melhorar a qualidade do ensino e o trabalho dos professores, mostrando que *“o conhecimento também se amplia quando desenvolve-se um novo olhar, que junta a interiorização pessoal”*. (MORAN; 2000, p.37)

Os alunos estão mais expostos à televisão, do que até mesmo aos conhecimentos oferecidos pela comunidade escolar ou pelas relações familiares.

Frente à televisão, a criança entra em contato com novos e diferentes conteúdos e encontra estímulos para criar novas relações entre temas já conhecidos. Sucumbem à luminosidade animada da tela e aprendem sobre o mundo em que vivem; informam-se sobre as últimas conquistas da ciências, as guerras, os gestos políticos do mundo todo, entre tantas outras coisas: aprendem com a ficção dos filmes e das novelas, com os telejornais e com os documentários.

Há uma enorme diversidade de programas televisivos que podem ser utilizados com finalidades educativas. Em certo sentido, é possível considerar que todo e qualquer programa audiovisual tem um potencial educativo, desde que seja trabalhado pedagogicamente.

A quantidade de títulos disponíveis cresce a cada dia. Pode-se afirmar que a Educação constitui, hoje um grande mercado consumidor de audiovisuais. “*No entanto uma certa dicotomia entre a produção de audiovisuais e a utilização deles é feita em ambiente educacional*” mesmo em programas especificamente voltados para a Educação, nem sempre se observa uma vinculação entre sua produção e utilização em situações educacionais. Isto se dá, em função da carência da articulação do processo educacional audiovisual, ou mesmo, pelo fato de os professores não estarem preparados para trabalhar com esse recurso. (MEC; 1998, p.17).

As dificuldades encontradas por educadores preocupados com a escolha dos programas e dos materiais pedagógicos que melhor se ajustem às situações específicas da sala de aula estão, de certa forma, relacionadas com a grande quantidade de informações não compreendidas pelos alunos ou mesmo pelo professor...

Outro aspecto fundamental para o audiovisual em sala de aula é aquele em que o tempo é uma questão fundamental. Uma novela, por exemplo, é formatada em capítulos, com um determinado tempo. O cinema comercial tem também uma estrutura narrativa e um tempo aproximado de duas horas. Os comerciais de televisão têm trinta segundos. Os programas direcionados às questões didáticas procuram não exceder o tempo de trinta minutos, embora não existam regras rígidas.

Os programas que chegam à escola seja por escolha do professor ou sugestão do aluno, possuem um poder que vai além da informação que são portadores. Este poder é o de transformar a realidade da escola em um novo lugar, ou seja, em um lugar que contém, ao mesmo tempo, um não-lugar, aquele que chega por meio de parabólica ou até por meio da TV do aluno.

Assim, a televisão na escola significa, não apenas que há mais um recurso a disponibilidade da Educação em sala de aula, mas também a existência de uma forma dessa escola se situar no mundo. E o sucesso dependerá de como a escola se apropria desta tecnologia.

Portanto, a introdução da TV na sala de aula mexe com as certezas, põem em xeque metodologias que já estão ultrapassadas. Isso pode ser um fato muito positivo, pois exige novas reflexões e novas posturas diante da Educação como um todo e do trabalho individual de cada um, em cada escola.

A televisão é sem dúvida, o meio de comunicação que mais intervém diariamente, no sistema educacional; é um veículo indiscutível de expansão de espaços de aprendizagem que a sociedade moderna oferece. A escola não deve ignorar esse fato: deve reconhecê-lo e integrá-lo principalmente quando há uma escassez de recursos tecnológicos em diversas escolas.

A TV é um meio de grande impacto no cotidiano escolar. Está associada ao entretenimento em casa. Os professores também são telespectadores e sentem dificuldade em separar o papel da televisão nas suas vidas e a sua utilização como um meio diferente do processo de ensino predominantemente oral que eles dominam. Muito ainda pensam que o uso do vídeo e da TV pode ser interpretado como uma fuga ou uma aula mais "light". Ainda está muito sedimentado no imaginário de todos a imagem do docente falando para um grande grupo de alunos, que ouvem e escrevem em silêncio. A TV introduz mediações complexas, novas linguagens e temas que fascinam e assustam. Poucos educadores têm experiências consolidadas de como integrar, discutir e utilizar a TV e o vídeo, como meios de análise e de produção em novos formatos, que efetivamente estejam integrados em novos projetos pedagógicos. Por outro lado, quando a TV e o vídeo são bem utilizados, é mais fácil conseguir motivar os alunos, conseguir que eles se expressem de forma mais direta e que realizem pesquisas mais vivas. (MORAN; 2000, p.36).

Segundo Ferrés (1996), educar com a televisão significa reaproveitar de forma didática os materiais que o meio oferece, integrando-os de maneira adequada às diversas áreas do ensino.

3.3.2 O Vídeo na Escola

A palavra vídeo, etimologicamente, provém de ver. Com o surgimento da televisão, a transmissão de sinais eletrônicos é feita a partir da divisão de dois circuitos: o áudio ou som e o vídeo ou imagem. Vídeo passou a significar também sinal de vídeo. Vídeo é energia sob forma de impulsos elétricos que podem ser observados em um aparelho exibidor na forma de onda. Nesse sentido, vídeo não é a imagem, mas o mecanismo para registro analógico de imagens codificado eletronicamente.

Segundo Ferrés (1996), oferecer uma sistematização das modalidades de utilização didática do vídeo na escola pode ser eficaz, porém tem riscos. A partir do

ponto de vista da tecnologia, o vídeo surpreende constantemente com novidades cada vez mais sofisticadas o que abrem novas perspectivas como meio de expressão audiovisual. O uso do vídeo nas grandes corporações começa nos setores de treinamento, a partir de então derivou-se sua utilização para comunicações na empresa, relações comunitárias, mensagens internas a funcionários. Temos aí o meio e sua maximização de utilização em relação ao retorno sobre o investimento.

O mundo inteiro passou a preocupar-se com a produção de filmes educativos desde os mais genéricos, como o lazer, até os filmes didáticos com uma produção pedagógico-cinematográfica.

O papel fundamental do vídeo na escola está na possibilidade de mostrar a realidade da criança de forma indireta, toda vez que não for possível a observação direta. O vídeo não substitui a realidade, mas permite torná-la mais próxima. O vídeo não abrange tudo, nem substitui o professor. É apenas um recurso a mais, uma ferramenta de grande valia no processo educacional.

Ainda seguindo o pensamento do mesmo autor, a tecnologia do vídeo oferece grandes possibilidades de realizar atividades didáticas nas quais não conta a qualidade do produto, mas o trabalho realizado com ele, enfim o processo desenvolvido.

O vídeo permite a exploração de um leque ilimitado de atividades. Elas podem contribuir para a construção do conhecimento. Para tal, o professor deve saber como integrar conteúdos disciplinares, que atividades podem permitir a exploração de determinados conteúdos e com profundidade elas devem ser realizadas, considerando a idade e o desenvolvimento intelectual dos alunos.

Para um bom aproveitamento do vídeo em sala de aula o educador deve:

- Assistir ao programa pelo menos duas vezes, antes de utilizá-lo em sala de aula. A primeira, para conhecê-lo e planejar seu uso. E depois, quantas mais forem necessário – para anotar informações, escolher passagens que irá priorizar, observar detalhes...

- Planejar a utilização: pode-se fazer uma lista dos conteúdos que serão abordados, com os objetivos que devem ser alcançados e preparar-se com antecedência os materiais complementares;
- Deixar a fita no ponto em que irá começar a exibição. Assim não se perderá tempo e os alunos não se dispersarão. É importante ter à mão as anotações dos momentos em que se deve parar ou avançar a fita;
- Conversar com os alunos antes da exibição. Explicando-lhes o propósito da atividade. Se a proposta e os objetivos forem claros, o envolvimento e o interesse serão maiores;
- Um programa pode ser usado de muitas maneiras: como “porta de entrada” de um assunto, fonte adicional de informação, pretexto para debater um tema, para “coroar” o final de um projeto... mas em qualquer circunstância, o fundamental é que se faça um uso didático proveitoso, sem que o vídeo sirva apenas como passatempo;
- Usar e abusar dos recursos do vídeo, durante a exibição: avançar a fita, congelar a imagem, reaver o mesmo trecho com a classe quantas vezes for preciso;
- Se o vídeo for longo, não se preocupar em exibi-lo de uma só vez. Pode apresentá-lo em “capítulos”, um, pouco cada dia, criar suspense, pedir para os alunos tentarem antecipar o que irão ver, mantendo-os curiosos;
- É possível que um pequeno trecho de um programa renda uma boa discussão e traga novas informações. Então deve ser bem explorado;
- Desenvolver com os alunos uma postura crítica. Conversar a respeito do programa em si: quem produziu, em que ano. Pedir opiniões, perguntar a respeito dos defeitos e das qualidades que observaram durante a mostragem. Apresente como todo programa de vídeo sempre é feito sob um ponto de vista determinado. Procurar fazer com que os alunos desenvolvam a capacidade de compreender criticamente a pluralidade de opiniões. (FERRÉS, 1996).

Portanto o vídeo sendo usado adequadamente pode trazer inúmeros benefícios para o processo ensino-aprendizagem.

A tecnologia do vídeo possui um caráter mágico e misterioso. Gera nas pessoas que a manipulam relações paradoxais. Medo e desejo, angústia e paixão diante da possibilidade de criar, por um lado, imagens com sentido e, por outro, de ver-se registrado na pequena tela ou de coloca-la aos outros. O medo e a angústia levam à fuga, às atitudes defensivas. O desejo e a paixão podem levar à criatividade ou ao narcisismo. (FERRÉS, 1996, p.42).

3.3.3. O Computador

Segundo TEDESCO (2001), a televisão não é a única tecnologia da informação, pois há pelo menos por enquanto, outras duas tecnologias cuja potencialidade social e educativa são muito importantes: o computador e o telefone. Essas duas tecnologias, diferentemente da televisão, não se baseiam na imagem nem no domínio da afetividade. Trata-se de tecnologias destinadas a acumular, processar e difundir informações.

No que diz respeito ao computador, sua particularidade é que a inteligência está distribuída de maneira inversa à da televisão. Enquanto na televisão a inteligência está localizada no centro e os terminais são passivos, no computador, a inteligência está nos terminais e o centro, por sua vez, é passivo.

Convém diferenciar o computador, enquanto instrumento estrutural, de seus programas, que são substratos do pensamento humano e de seus conceitos no ato de comunicação “homem-máquina-homem”. É baseado nesta afirmação, vemos quanto é importante para o educador a utilização do computador como instrumento de renovação e melhoramento dos materiais didáticos como apoio ao ensino.

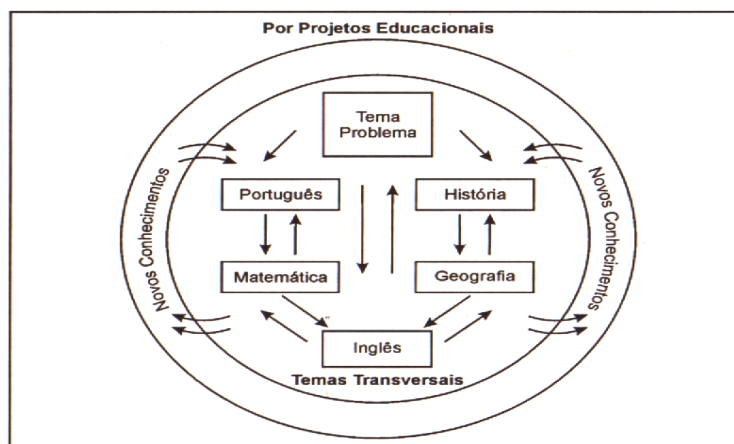
O computador tem chegado à escola, na maioria dos casos, sem o respaldo de uma proposta pedagógica gerada a partir de um estudo sistemático da comunidade escolar envolvida. A maioria dos projetos envolvendo Educação e Informática desenvolvidos pelas escolas são elaborados por grupos externos a elas, o que sujeita os poucos professores que se envolvem nesses projetos ao papel de mero discípulos, receptores de conhecimentos alheios e os torna alienados das reais necessidades e interesses de sua comunidade. Segundo TAJRA (2002, p.38) “o que se espera com a utilização do computador na educação é a realização de aulas mais

criativas, motivadoras, dinâmicas e que envolvam os alunos para novas descobertas e aprendizagem”.

Ainda seguindo a linha de pensamento dessa autora, a utilização do computador não garante uma adequada utilização desta tecnologia como ferramenta pedagógica. O fato do professor estar utilizando o computador para ministrar uma aula não significa, necessariamente, que esteja aplicando uma proposta inovadora. Muitas vezes essa aula é tão tradicional quanto uma aula expositiva com a utilização do giz. A comunidade escolar ainda não percebeu que a Informática na escola, sem o devido embasamento teórico-pedagógico, é uma forma de selecionar os mais aptos e marginalizar a grande maioria, inclusive os professores, isto porque somente aqueles mais dinâmicos e autônomos conseguem se adaptar à inovação sem uma proposta pedagógica que lhe dê sustentação.

TAJRA (2002, p.40 e 41), coloca que de acordo com a proposta pedagógica das escolas, pode-se classificar a utilização do computador de duas formas, que são:

- Por Disciplina: nesta modalidade os professores utilizam os computadores como reforço, complementação ou sensibilização dos conteúdos abordados em sala de aula.
- Por Projetos Educacionais: a informática é envolvida num plano mais abrangente, implica numa mudança de postura da escola, no tocante às fontes de interesses dos alunos, onde a informática permeia as disciplinas integradas aos temas geradores das propostas de projetos.



Quadro 02 – Utilização do computador por projetos educacionais TAJRA, 2002.

Uma das polêmicas debatidas na área da Informática Educativa é que o computador deve ser visto como um meio e não como um fim. Mas afinal, isso é verdadeiro? O que significa utilizá-lo como meio e como fim? A autora reafirma que a forma de utilização do computador deve variar de acordo com o objetivo a ser atingido, portanto não existe uma forma correta, o enfoque deve ser que objetivos a escola pretende atingir.

A introdução das novas tecnologias da comunicação na escola podem significar uma possibilidade de transformar o processo de cópia, transmissão e imposição de conhecimentos prontos, num processo dinâmico de estruturação, potencialização e fortalecimento de novas idéias, que podem transformar a escola num espaço vivo de produção, recepção e socialização de conhecimentos. Para que essa possibilidade se efetive e atinja a qualidade da educação é imprescindível que todos os membros da comunidade escolar, em especial os professores, sejam envolvidos no processo e na discussão sobre os objetivos e as possibilidades da introdução do computador na escola, revisando e renovando conteúdos e procedimentos, de forma que uma nova lógica possa instaurar-se na escola.

Para criar este novo perfil de trabalhador, também como para criar os novos cidadãos que terão que enfrentar as mudanças desta revolução da informação, a educação exerce um papel de grande importância, pois por meio dela é que se poderá entrar nesta nova era de uma maneira menos traumática.

As mudanças que ocorrem nos meios de produção e de serviço indicam que os processos de apreciação do conhecimento assumirão papel de destaque, de primeiro plano. Essa mudança implica uma alteração de postura dos profissionais em geral e, portanto, requer o repensar dos processos educacionais. Nesse caso, devemos utilizar todos os recursos disponíveis para isso, inclusive o computador, mesmo sabendo que não estamos usando os mais sofisticados sistemas computacionais, (Valente, 1997, p.18).

As novas tecnologias da informação e entre elas a computação passaram a exercer na área da educação uma grande influência, e para que o conceito de educação possa ser firmado, será necessário que todos os cidadãos tenham acesso ao treinamento de habilidades básicas. Para isso, o mesmo autor propõe que é necessário desmistificar o computador, assim o conhecimento democratizado se aproximará de um número mais representativo de estudantes.

De acordo com RIZZO (1998), o computador não deve ser e não pode ser considerado uma maravilhosa e simples invenção. Computador significa revolução organizacional da informação, da cultura, da ciência: é uma concepção nova do mundo que está se desenvolvendo sob nossos olhos.

Com o surgimento das novas tecnologias, dentre elas o uso do computador, isso vêm alterando sensivelmente a sociedade em que vivemos, sendo alterados os meios de produção, o meio e o modo de se transmitir a informação e conseqüentemente a educação também vem passando ou passará pelas mesmas mudanças para acompanhar o novo modelo que está sendo proposto. Com isto são exigidos novos perfis de trabalhadores e profissionais, que necessitam estar em constante modificação, ou seja, em constante estado de aprender, para se adaptar às novas mudanças.

Portanto coloca-se mais uma reflexão: O erro primário de jogar o computador em sala de aula é, primeiro não treinar o professor para uma nova linguagem, e em segundo lugar não preparar um currículo adequado às novas tecnologias.

3.4 As cinco ondas da informática

Segundo Neto (2000) a informática tem chegado ao campo educacional por diversos caminhos, alguns mais espinhosos do que outros. Correndo o risco de uma simplificação excessiva - como toda classificação - o autor identifica cinco

momentos ou “ondas” deste relacionamento de fascínio e temor entre a escola e os computadores. São elas: Administração, Logo e programação, Informática básica, Software Educativo e a Internet.

a) A primeira onda: Administração

Segundo Neto, (2000), mesmo não se caracterizando propriamente como um momento da informática educativa, a informatização da secretaria, tesouraria e áreas administrativas da escola constitui o primeiro contato do universo escolar com o mundo dos computadores.

Objeto misterioso, fascinante, inacessível, instalado naquele local da escola no qual os alunos nunca pisam, o computador da secretaria muitas vezes é o primeiro computador que muitos alunos vêem. Alguns professores, em escolas menos privilegiadas, chegam a organizar verdadeiras excursões de alunos para “ver o computador” e, quem sabe, até tocá-lo.

Os sistemas administrativos que acompanhavam as máquinas evoluíram bastante. Genéricos no início passaram a ser feitos especificamente para ambientes educacionais, com integração de notas, frequência e outros dados da vida escolar dos alunos.

Com muita utilidade para as finalidades para as quais foram implantados, no entanto esta “onda” deixou os computadores muito longe dos professores e de seu dia a dia. Os professores com mais trânsito na secretaria acabam “dando um jeitinho” de usar aquele computador para preparar provas e reproduzir textos, mas raras vezes esta franquia é estendida para todo o corpo docente e para os alunos.

b) A segunda onda: LOGO e programação

Ainda seguindo a linha de Simão Neto, a informática educativa começa seriamente com a introdução de computadores pequenos com os Hotbits e MSX, ligados a monitores de TV; máquinas baratas, posteriormente substituídas por PCs XT e AT quando estes equipamentos já estavam obsoletos na área corporativa. Rodando nestas máquinas via-se principalmente programas desenvolvidos com a linguagem LOGO e em alguns casos, BASIC.

Grandes centros universitários brasileiros se tornaram centros de referência para projetos de informática educacional baseados no ensino de LOGO. Alguns de seus defensores ocuparam os espaços nos projetos e iniciativas governamentais, o que dificultou (e até impediu) que projetos baseados em outros pressupostos pudessem encontrar espaço neste programas, que se tornaram, durante um bom tempo, quase que integralmente projetos de base LOGO.

LOGO tem fundamentos interessantes, como a incorporação do erro no processo de aprendizagem. O aluno evolui sua programação, experimentando, observando e superando os eventuais erros ou deficiências. O pensamento lógico processivo é mobilizado pelo aluno com intensidade, para realizar as tarefas exigidas pelo desenvolvimento de um programa.

c) A terceira onda: Informática Básica

Simão Neto fala ainda que, com o sucesso e a difusão das interfaces gráficas (primeiro o Macintosh, depois Windows) e a redução gradativa do custo de hardware, os computadores pessoais tornaram-se uma realidade em muitos ambientes, do escritório às residências.

Difunde-se junto à sociedade a idéia de que a informática compõe o rol das competências básicas que todo aluno deverá possuir para enfrentar o novo mundo e a economia de mercado globalizado.

“O analfabeto do futuro será aquele que não souber utilizar computadores” - uma frase de efeito que é repetida ao cansaço em todos os meios. O que exatamente significa “alfabetizar para o computador” é uma questão ainda em aberto.

De qualquer maneira, ensinar a utilizar programas e equipamentos tornou-se necessário. Os pais esperam que a escola prepare seus filhos para o trabalho - e acham que a informática (ou o que eles entendem por informática) será indispensável para isso. Os professores, sem conhecer a fundo as potencialidades e os limites destes recursos, defendem com mais ou menos vigor a introdução da

informática no currículo e nas práticas escolares. Os alunos, é claro que querem “ir para o laboratório”, alternativa sempre preferida a ficar sentado em sala de aula...

É compreensível que as escolas vejam com bons olhos esta proposta. Aulas de informática básica são muito mais valorizadas do que LOGO. É uma proposta mais próxima do que os pais esperam que a escola ofereça (habilidades presumidas como necessárias para o aluno arranjar um posto no mercado de trabalho) e mais aceita pelos professores e pela direção.

Além disso, esta abordagem permite a otimização dos laboratórios e dos investimentos feitos, pois a escola passa a ofertar Cursos de Informática para alunos, pais vizinhança, professores e toda a comunidade do entorno da unidade. Por algum tempo os laboratórios ficam ocupados, os professores de informática têm muito o que fazer, (quando não terceirizados), os alunos aprendem recursos que passam a usar imediatamente.

Logo, porém, esta proposta encontra seus limites - sérios limites que impedem seu crescimento e trazem dúvidas sobre os caminhos a seguir...

Com relação aos cursos de informática, a escola enfrenta uma competição acirrada no mercado. O fluxo de clientes provenientes da comunidade escolar logo se esgota. Os laboratórios, lotados inicialmente, ficam sub-utilizados - sem redução, no entanto, dos cursos de manutenção e operação.

A informática básica assim tratada não é básica, pois não estabelece bases sobre a qual os alunos possam desenvolver seus talentos e potenciais: tende a reproduzir o que há de pior e mais ultrapassado em termos didático-pedagógico, o professor que tudo sabe, ensinado caminhos fixos e imutáveis a alunos passivos, cujo papel é decorar e devolver ao professor o que assimilou por exercícios e provas.

Em algumas instituições, a informática educacional virou disciplina, com direito a lugar na grade e professor dedicado. Para os alunos, até prova... Que melhor forma de ingressar uma área tão promissora e dinâmica do que transformá-la

em disciplina, justo na era da transversalidade? A aula de informática passa a ser mais uma a qual os alunos vão porque são obrigados.

Esta onda esgota-se em algum tempo. As escolas decepcionam-se, por que direção e professores apostaram muito nesta saída, que têm um começo promissor, mas quando mostra sinais de esgotamento não aponta para novos caminhos ou formas de superação. A ilusão de que a habilidades básicas de informáticas garantiriam postos de trabalho para os alunos também se revela em toda a sua extensão.

Foram as empresas ligadas à educação que perceberam uma alternativa muito promissora - para elas, ao menos.

d) A quarta onda: Software Educativo

De acordo com Simão Neto (2000), percebendo a necessidade e o grande potencial de consumo das escolas que investiram em laboratórios e equipamentos agora sub-utilizados, grandes empresas educacionais passaram a ofertar - juntamente com seus livros e apostilas ou de forma autônoma - programas prontos para serem usados pelos professores, abrindo a era do software educativo.

Assim, a onda do software educativo chegou à escola com muita força, renovando o interesse dos professores e ampliando a duração dos investimentos feitos nos equipamentos nas frases anteriores. O número de programas criados com finalidades educativas aumenta todos os dias e ainda assim não satisfazem a demanda. Empresas dedicadas exclusivamente ao desenvolvimento de software educativo convivem com os departamentos especializados das grandes editoras e das grandes distribuidoras de materiais didáticos.

Esta proposta, no entanto, também tem seus limites e não é a solução milagrosa que é apresentada nos materiais publicitários e seminários demonstrativos promovidos pelas empresas desenvolvedoras. Estes limites já estão sendo encontrados, levando mais uma vez as escolas a questionarem os resultados dos pesados investimentos realizados nos equipamentos e agora nos programas educativos.

Segundo o mesmo autor, para que este modelo funcione, é preciso que coincida uma série de fatores:

- uma empresa deve ter desenvolvido um bom software sobre o assunto que o professor deseja trabalhar - em primeiro lugar é preciso que o software exista.
- este software deve estar disponível na época em que o professor precisa trabalhar seu assunto - não adianta encontrar um bom software meses depois da data prevista para trabalhar aquele conteúdo.
- o custo do programa deve ser acessível para a escola - contando as licenças para uso em todas as máquinas que a escola possui.
- o software deve estar em sintonia com a proposta pedagógica adotada pela escola - conflitos sérios já aconteceram por falta desse cuidado (diversidade cultural e religiosa, orientação educacional divergente).
- o tratamento conceitual dado ao assunto deve seguir a abordagem teórica que a escola e o professor adotam para a disciplina - se o ensino de história, por exemplo, é conduzido pela ótica de reflexão sobre os processos sociais, um software que somente apresenta fatos e pede do aluno apenas uma boa memória (a velha “decoreba”) não vai ser útil para o professor.
- o programa deve trazer elementos novos ou acrescentar algo ao processo educativo - para fazer o que o professor já fazia com outros meios não é preciso gastar tanto dinheiro com equipamentos, programas, treinamento e manutenção.
- o software deve ser adequado à faixa etária dos alunos com os quais se pretende trabalhar - de nada servem programas feitos para jovens de 15 ou 16 anos se o público-alvo é composto de alunos de 3ª ou 4ª séries.
- o software deve rodar no equipamento da escola - um problema sério, pois novos programas costumam exigir novas configurações de memória, disco, sistema operacional, periféricos, etc., nem sempre disponível no laboratório da escola.

- deve ser fácil de instalar e manter - o que nem sempre ocorre, causando grande embaraço para o professor sem formação mais técnica.
- deve ser fácil de utilizar pelos alunos aos quais dirige - interfaces lindas, efeitos especiais e software sofisticados vendem bem, mas nem sempre ajudam o professor a desenvolver seu trabalho.

Se todos esses fatores puderem ser atendidos simultaneamente - o que acontece em raras ocasiões - teremos uma situação na qual o modelo de informática educativa baseado em software prontos (clamados “de prateleira”) é conveniente e recomendado para a escola e para o professor. Em caso contrário, só traz frustrações e amplia a desconfiança de muitos educadores com relação às tecnologias.

Sendo assim, uma proposta de informática educacional baseada em software educativo não dá conta das necessidades crescentes da escola e precisa ser complementada ou substituída por novos projetos, mais sincronizados com o desenvolvimento da tecnologia e o avanço das ações pedagógicas.

O advento da internet fez com que as escolas voltassem a acreditar que a informática educativa pode trazer bons frutos sem matar a árvore no mesmo processo.

e) A quinta onda: A Internet, Informação e Comunicação

Ainda seguindo a idéia do mesmo autor Neto (2000), a internet abre uma fronteira imensa a ser explorada pelos educadores. Da ampliação do acesso à informação ao uso da rede como canal de comunicação e de aproximação de pessoas e povos, a internet nos surpreende a cada dia com as iniciativas provenientes de diversos campos de saber e de atividade. Escolas do mundo inteiro estão descobrindo e explorando estas novas fronteiras, envolvendo não só alunos e professores, mas também pais, cientistas, especialistas, membros da comunidade e outros agentes que podem contribuir para o processo de aprendizagem.

Existem escolas, porém, que entram na quinta onda sem ainda terem esclarecido para o corpo docente e para a comunidade escolar algumas questões

básicas, como o papel da pesquisa em projetos pedagógicos que propõem a construção do conhecimento. A aprendizagem pela pesquisa muitas vezes não passa de uma proposta vazia, pois o conceito de “pesquisa” adotado não passa de simples tarefas de levantamento de dados pelos alunos, que antes copiavam das enciclopédias e agora “baixam” os textos e imagens de algum site, sem que precisem pensar sobre o que “pesquisaram” ou aplicar o que descobriram na solução de um problema real ou hipotético.

Isto leva muitos educadores a desconfiar de projetos de informática educativa que propõem o uso intensivo da internet para a aprendizagem - e muitas vezes com toda a razão. Pesquisar deve ser uma atividade muito mais séria e profunda do que simplesmente encontrar um texto e imprimi-lo - o que se pode fazer com dois ou três comandos, como toda criança que tem acesso à internet descobre rapidamente.

É claro que a internet pode se constituir numa fonte de inestimável importância para professores e alunos, desde que a ação pedagógica demande a contextualização das informações coletadas e sua interpretação e aplicação. Face à pobreza crônica de recursos nas escolas, bibliotecas desatualizadas e pequenas, mapas amarelados e vídeos antigos, a internet traz para a escola um mundo de informações cuja riqueza dificilmente pode ser avaliada.

É preciso, portanto, ter planos para trabalhar estas informações. Somente acessa-las não basta. Os alunos devem poder fazer uso dessas informações, criando novos conhecimentos a partir desse estudo e análise e aplicando quando possível estes conhecimentos na solução de situações problemas e situações concretas.

Tendências em direção a formas de aprendizagem colaborativa, educação permanente, educação a distância, comunicação integrada e outras apontam para a necessidade de integrar as escolas na rede mundial de computadores. Esta talvez seja a atitude mais importante que se pode tomar hoje na área da informática educativa. Sem acesso à Internet, a informática educativa não subsistirá.

Segundo HEIDE e STILBORNE (2000), possivelmente, o recurso mais poderoso da Internet seja seu potencial como ferramenta de comunicação. Os alunos encantam-se em ser capazes de conectar-se com as pessoas ao redor do mundo. Uma atividade relativamente simples, utilizando correio eletrônico, conecta alunos com seus pares em outros lugares. Essa é uma maneira excelente para aprenderem sobre a vida em outros países, desenvolverem e melhorarem suas habilidades lingüísticas e compartilharem seus pensamentos sobre questões e problemas contemporâneos.

Os alunos também podem utilizar o correio eletrônico para envolver outros grupos em um projeto ou pesquisa, pois é uma ferramenta poderosa para acessar especialistas e tutores. A conectividade também é uma poderosa ferramenta para professores em sala de aula, colaborando no planejamento, nas atividades e na avaliação. Um desenvolvimento importante no pensamento atual sobre educação é que agora reconhecemos a necessidade de os alunos desenvolverem habilidades de aprendizagem por toda a vida. A internet é um mecanismo ideal para incentivar os alunos de qualquer faixa etária a assumirem responsabilidades pelo seu próprio aprendizado.

CAPÍTULO IV

IV- O PROFESSOR E AS NOVAS TECNOLOGIAS NA SALA DE AULA

A prática das mídias e das novas tecnologias engendra pouco a pouco, uma nova cultura nas escolas, e portanto o professor é peça fundamental nesse processo. Os docentes encontrarão seu papel social e sua influência se aceitarem tornar-se, de alguma forma, líderes de opinião e se sua atitude não for somente de distância, mas também de presença no mundo da mídias. É o que aborda o presente capítulo.

Segundo BABIN (1989), afirma que o “efeito informático” é difícil de avaliar, tanto é verdade que uma nova tecnologia precisa de duas gerações para passar ao estágio de vulgarização. Nesse sentido, compreende-se o receio daqueles que, conscientes da ajuda extraordinária que a informática pode trazer, temem que sua utilização exagerada multiplique seus inconvenientes.

A tecnologia deve servir para enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção de conhecimento por meio de uma atuação ativa, crítica e criativa por parte de alunos e professores. Mas, cabe aqui lembrar que o uso da tecnologia não é necessariamente mais relevante ou mais eficaz que as tradicionais mídias em qualquer situação de aprendizagem, e embora estas técnicas ainda não tenham demonstrado toda a sua eficácia pedagógica, elas estão cada vez mais presentes na vida cotidiana e fazem parte do universo dos jovens, sendo esta a principal razão da necessidade da integração da escola e do corpo docente a essa realidade.

Esta nova sala de aula tem deixado professores perplexos, que se sentem muitas vezes despreparados e inseguros frente ao enorme desafio que representa a incorporação da tecnologia imposta pelos computadores ao cotidiano escolar.

A utilização cada vez maior desta tecnologia leva à necessidade de um redimensionamento do papel do professor. Papel este que, ao que tudo indica, tende a ser cada vez mais mediatizado, ou seja, produtor de mensagens inscritas em

meios tecnológicos, destinados a estudantes à distância, e como usuário ativo e crítico e mediador entre estes meios e os alunos.

Para enfrentar este novo desafio o professor terá que aprender a trabalhar em equipe e transitar com facilidade em muitas áreas disciplinares. Será imprescindível quebrar o isolamento da sala de aula convencional e assumir funções novas e diferenciadas, pois do contrário correremos o risco de criar não uma sociedade de informação, mas uma sociedade de ciberexcluídos.

Depois, quando tornamos rígido o papel do computador, esquecemos que não podemos levar em conta apenas o computador. Sozinho, ele não é inteligente nem criativo e não sai de um trabalho algorítmico. Em compensação, a dupla “homem-máquina” torna-se inteligente, não por causa da máquina, mas por causa do homem. (Babin, 1989, p.145).

Ainda segundo BABIN (1989), será preciso a escola? Sim, e mais do que nunca, por três razões: a comunicação, a distância e a memória. É próprio da informação audiovisual ser onipresente e de fácil acesso. A idéia que se propõe de escola é a de um campus aonde não se viesse em primeiro lugar para aprender coisas, o que pode ser feito em casa, sozinho, com uma máquina, mas para aprender a ligação que as coisas têm com a ação e a sabedoria de viver. Não uma escola –loja para consumir o saber, mas uma escola-mesa. Mesa sobre a qual se coloca junto o que se aprendeu, a fim de ligar, isto é, de completar, relativizar, criticar e confrontar o aprendido com a sociedade e a ação.

Como no passado, pede-se ao professor o verdadeiro saber: aquele que não é um conhecimento material e pseudoobjetivo, mas um conhecimento ligado ao homem, situado, organizado e vivificado. Certamente, não quero que ele me imponha seu universo, mas quero que, ao falar-me das coisas, me fale, de certa forma, de si próprio. Pois é somente assim que posso entrar num verdadeiro conhecimento humano. A escola-mesa supõe que se introduza no centro da escola um novo objetivo prioritário, o da comunicação mais ainda que o do conhecimento. Por isso a necessidade do professor desenvolver algumas competências que serão abordadas a seguir.

Segundo Perrenoud (2000) uma formação contínua proporciona condições para a utilização e o desenvolvimento de todas as competências profissionais, como: organizar e dirigir situações de aprendizagem; administrar a progressão das

aprendizagens; conhecer e fazer evoluir dispositivos de diferenciação; envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho; trabalhar em equipe; participar da administração da escola; informar e envolver os pais; utilizar tecnologias novas e enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão.

O professor é insubstituível, pois é ele o mediador do conhecimento.

Daí a importância do professor. É preciso que ele reordene o saber e as informações, elucidando-as, tornando-as coerentes.

Na atual globalização da economia nenhum país pode existir isolado, a comunicação entre os povos dos lugares mais distantes está presente na vida das pessoas. Com as informações sendo processadas num tempo muito curto e em proporções infinitas, é imprescindível estar muito bem informado sobre os últimos acontecimentos no Brasil e no mundo, conhecer as últimas novidades da medicina, os avanços tecnológicos, as reais condições da natureza e o que se está fazendo por sua preservação.

É neste contexto que se inserem os recursos ou multimeios como a televisão, o vídeo e o computador. São os meios mais eficazes na aquisição de informação, isto não significa que se menospreza o livro, este ainda é essencial na formação e na educação de todo ser humano. Porém quanto se trata de conhecimentos gerais, só os livros não dão conta de acompanhar a evolução desmedida que assola o mundo nas duas últimas décadas.

Os meios aqui citados: a televisão, o vídeo e o computador não possuem vida própria, eles ainda dependem da mão do homem para funcionarem. Sendo assim são os professores que determinam se eles serão bem ou mal usados.

A máquina, por si mesma, não possui a capacidade criativa, somente o ser humano é capaz de criar, de usar sua criatividade em benefício do desenvolvimento. Desse modo a escola será tanto mais eficiente, quanto maior for a sua capacidade de usar criativamente os recursos tecnológicos em benefício próprio. Os conhecimentos estão disponíveis nos livros e agora também se pode aprender consultando as redes de computadores, como a internet. Sendo assim não há mais

espaço para professores que sejam meros transmissores de conhecimentos, isso as máquinas fazem e muito melhor que o ser humano.

É imprescindível, portanto, que a escola, seus professores, aceitem as mudanças trazidas com a inovação e a tecnologia dos meios audiovisuais. Uma simples aula pode se tornar uma experiência nova e interessante se, além do professor com o quadro de escrever e giz, ele dispuser também de um computador podendo acessar a rede internet, visitar locais fascinantes como museus, países que ele dificilmente poderia visitar e que os livros jamais conseguiriam descrever com tanta precisão.

Não se espera de modo algum salvar a educação apenas com a utilização das tecnologias avançadas como a televisão, o vídeo e o computador. O computador não melhora o ensino apenas por estar ali. A informatização de uma escola só dará bons resultados se conduzida por professores que saibam exatamente o que querem. Sem um projeto pedagógico, o computador não é nada. O aluno mal preparado, nunca será um cidadão pleno só porque está sentado diante de um computador.

Mas, acredita-se que a escola pode avançar muito com esta prática pedagógica inovadora, diminuindo um pouco o grande distanciamento que há entre o espaço interno das escolas e a realidade do mundo real. Ainda segundo BABIN (1989), quais são, pois, os mecanismos e as formas de distância que a escola deve promover na civilização nascente? A primeira a se estabelecer é a dos olhos em relação ao objeto. A segunda distância a ser instaurada é a do conhecimento crítico das novas linguagens: cinema, rádio, TV, montagens audiovisual, revistas, imprensa. Há uma última distância, a mais importante: a do despertar do Eu.

Uma das formas de aproximar a escola da sociedade é através da apropriação dos meios de comunicação de massa pelos professores, tendo não mais a visão de mero espectador comum, mas uma concepção de educadores, trazendo para a sala de aula, para os conteúdos de suas disciplinas, um clima de aventura, estimulando a sensibilidade dos alunos pela linguagem audiovisual, permitindo assim a compreensão racional dos conteúdos transmitidos pela mídia.

O professor deve encontrar nos multimeios além de um instrumento para aperfeiçoar sua prática pedagógica, uma oportunidade de reflexão sobre a linguagem e o papel da comunicação na sociedade atual, um valioso recurso na formação da cidadania dentro da prática cotidiana na escola.

O momento é de mudar profundamente os métodos de ensino para permitir ao sujeito desenvolver a capacidade que lhe é peculiar - a capacidade de pensar - não mais priorizando o desenvolvimento da memória, somente. Para reter dados existe o computador que retém muito mais e melhor. A escola precisa ajudar os alunos a entenderem esses dados e transformá-los em informação.

A escola deve, sim, ensinar o aluno a pensar criticamente. Para ser crítico, ele precisará dominar a linguagem, incluindo-se a linguagem eletrônica.

O aluno precisa ser estimulado e ter oportunidade de conhecer o que existe de mais avançado, para que possa perceber a aplicação dos conteúdos que estuda.

A busca da qualidade pedagógica se constitui em desafio permanente, exige também uma ação conjunta de professores - alunos - sistema educacional.

Este novo cenário exige do professor, enquanto mediador da ação de ensinar, uma nova compreensão do tipo de conhecimento que deve ser elaborado na escola. Como qualquer outro profissional, ele é desafiado a retornar, permanentemente, e a rever seus conhecimentos e sua trajetória profissional, sob pena de tornar-se veiculado de um conhecimento obsoleto. Segundo BABIN (1989) "a prática das mídias e das novas tecnologias engendra, pouco a pouco, uma nova cultura. Sobre as bases sempre presentes da cultura tradicional, literária e escolar surgem, pouco a pouco, formas incomuns".

Podemos, ter dúvida, qual o papel do educador no momento em que vivemos?

Talvez devemos acompanhar as mudanças que acontecem não como espectadores, mas como atores que transformam o espaço em que vivem em um cenário atualizado e agradável, propício para que haja a evolução da sociedade que está a nossa volta. É impossível representar um papel de influência e de

intermediário na nova cultura das mídias sem conhecer seu fundamento original e sua linguagem. Eis o que faz refletir: quanto tempo para o estudo da civilização de Gutenberg e quanto tempo para o audiovisual? (Babin, 1989, p.182).

A missão das escolas, enquanto organizações, é de um modo geral prover formação e transmissão de conhecimento de qualidade a seus alunos. Para isso é preciso contar com o suporte pedagógico de um corpo docente sábio, consciente de seus potenciais, aptos a vencerem com elegância e eficácia os desafios do cotidiano da sala de aula ou coordenação. Profissionais em constante processo de atualização, aprendendo sempre, criativos e flexíveis no ensinar, gerenciando equipes com satisfação, flexibilidade, criatividade, maestria e responsabilidade. Desta forma, aumentando o seu desempenho como um todo e fazendo com que o processo educacional seja fluído, sinérgico e produtivo. Aptos também a correr riscos, testar novas estratégias para fazer coisas habituais. E acima de tudo, ávidos, num movimento crescente e contínuo de aprender sempre. Aprender a aprender, aprender a pensar, valorizar o como se aprende, o que se sabe, dotar-se de uma competência consciente sobre seu próprio conhecimento e valor. Indivíduos capazes de vivenciar multiculturalidade, tendo objetivos definidos para sua vida, uma missão de vida clara e uma amplitude de visão, enxergando seu existir e seu trabalho como parte de um sistema maior, integrado no grupo, na organização e no social global.

CAPÍTULO V

V- RESULTADOS (ANÁLISE E DISCUSSÃO)

Neste capítulo, tendo em vista o tema escolhido, fez-se uma pesquisa de campo, podendo então analisar a importância do papel do gestor escolar frente ao uso das tecnologias na escola, que se farão necessárias para uma prática pedagógica condizente com a realidade dos educandos, analisando como estão sendo feitas a utilização das tecnologias pelos professores, alunos e pais da comunidade escolar, tendo como preocupação a importância do papel do gestor escolar como incentivador e dinamizador das tecnologias, numa tentativa de contribuir para um trabalho integrado e produtivo dentro da escola, frente à utilização desses meios tecnológicos, numa dinâmica que objetive um bom relacionamento entre toda comunidade escolar.

Para tanto se realizou uma pesquisa de campo no mês de agosto/2002, entre os dias 01 e 15/08/2002, com quatorze (14) Escolas Municipais de Curitiba, escolas essas de selecionadas por tamanho: grandes, médias e pequenas (classificadas por número de alunos), situadas em regiões diferentes de Curitiba. De acordo com o combinado entre a pesquisadora e os chefes de núcleos, foram enviados formulários para serem respondidos por: diretor; pedagogo; professores; alunos e pais, tendo-se o cuidado de que somassem 10% de cada escola. Os questionários foram enviados e devolvidos via malote pelos núcleos da Prefeitura Municipal de Curitiba. No quadro 04, são listadas as escolas pesquisadas e as quantidades de questionários respondidos o que representa 10% de cada unidade escolar.

Nº	NOME DA ESCOLA	F. 1	F.2	F.2.1	F.3	F.4	F.5
01	Escola Municipal Albert Schewaitzer	01	01	01	06	145	145
02	Escola Municipal Cláudio Abramo	01	01	01	05	50	50
03	Escola Municipal Dona Pompília	01	01	01	06	120	120
04	Escola Municipal Leonel Moro	01	01	01	03	60	60
05	Escola Municipal Darcy Ribeiro	01	01	01	03	85	85

06	Escola Municipal Arapongas	01	01	01	02	30	30
07	Escola Municipal Campo Mourão	01	01	01	02	20	20
08	Escola Municipal Maria C. B. Tesserolli	01	01	01	05	100	100
09	Escola Municipal São Luiz	01	01	01	02	30	30
10	Escola Municipal Rolândia	01	01	01	03	60	60
11	Escola Municipal Castro	01	01	01	03	50	50
12	Escola Municipal Tereza Matsumoto	01	01	01	04	35	35
13	Escola Municipal Wenceslau Braz	01	01	01	05	65	65
14	Escola Municipal Bento Mossurunga	01	01	01	05	60	60

Quadro 04 – Lista das escolas pesquisadas e quantidade de questionários respondidos

Observação: F.1 – Formulário 1 – Dados da unidade escolar
 F.2 – Formulário 2 – Respondido pelo Diretor
 F.2.1 – Formulário 2.1 – Respondido pela Pedagoga
 F.3 – Formulário 3 – Respondido pelos Professores
 F.4 – Formulário 4 – Respondido pelos Alunos
 F.5 – Formulário 5 – Respondido pelos Pais

Essas Escolas fazem parte de um projeto chamado “Projeto Digitando o Futuro”, proposto pela Prefeitura Municipal de Curitiba, onde todas elas estão completamente informatizadas (Laboratórios de Informática instalados através de uma parceria com empresas privadas onde foi prevista a montagem do laboratório, capacitação aos professores, disponibilização de softwares educativos e manutenção dos equipamentos por um ano).

Segue abaixo as características de cada escola pesquisada:

01) Escola Municipal Albert Schweitzer: Situada na Rua Décio Barreto, 153, Vila Nossa Senhora da Luz – CIC, Fone: 246-2028. Diretor: E.N.A . Atende de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental, com 1242 alunos e 60 professores.

- 02) Escola Municipal Cláudio Abramo: Situada na Rua Ouro Verde, 655, Capão Raso, Fone: 246-8266. Diretora: D.E.S.M. É um CEI que atende 470 alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, sendo 310 em período integral e mais 90 alunos de Educação Infantil. Possui um quadro com 50 professores.
- 03) Escola Municipal Dona Pompília: Situada na Rua Jovenilson Américo de Oliveira, Tatuquara, Fone:396-2219. Diretora: M.G.A . Atende a 1187 alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. Possui um quadro de 60 professores
- 04) Escola Municipal Leonel Moro: Situada na Rua José Ozires Baglioli, s/nº, Pinheirinho, Fone: 346-6656. Diretora: F.C.B. Atende a 540 alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. Possui um quadro com 30 professores
- 05) Escola Municipal Darcy Ribeiro: Situada na Rua Enette Dubari, 90, Tatuquara, Fone: 396-1770. Diretora: S.S.A . Atende a 831 alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. Possui um quadro de 30 professores.
- 06) Escola Municipal Arapongas: Situada na Rua José Casemiro Stenzawski,153, Novo Mundo.Diretora:C.D. Atende 296 alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental.Possui um quadro de 20 professores.
- 07) Escola Municipal Campo Mourão: Situada na Rua Acyr Santos,14, Fone: 243-0680, Vila Izabel.Diretora: M.N.P.F.C. Atende a 177 alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. Possui um quadro de 20 professores.
- 08) Escola Municipal Maria Clara B. Tesserolli. Situada na Rua João Ribeiro Lemos,361, Novo Mundo, Fone:246-2210.Diretor: A .T.M. Atende a 490 alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental e 513 alunos de 5ª a 8ª série. Possui um quadro com 100 professores.
- 09) Escola Municipal São Luiz: Situada na Rua Silveira Peixoto,34, Água Verde, Fone: 342-1525.Diretora: L. C.A . Atende 320 alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. Possui um quadro com 20 professores.

10) Escola Municipal Rolândia: Situada na Rua Antonio de Paula,3451,Boqueirão, Fone: 286-5452. Diretora: M.M.O . Atende a 656 alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. Possui um quadro de 30 professores.

11) Escola Municipal Castro: Situada na Rua Ayrton Pizzatto Gusi,s/nº, Xaxim, Fone: 378-6462. Diretora: A .A .L.S. Atende 490 alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental Possui um quadro com 30 professores.

12) Escola Municipal Tereza Matsumoto: Situada na Rua André Ferreira de Camargo,s/nº, Xaxim, Fone: 276-2975. Diretora: L.E. Atende 384 alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. Possui um quadro de 40 professores. As crianças ficam em período integral.

13) Escola Municipal Wenceslau Braz: Situada na Rua O Brasil para Cristo,588, Boqueirão, Fone: 286-6563. Diretora: I.A .E.T. Atende 650 alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. Possui um quadro de 50 professores

14) Escola Municipal Bento Mossurunga: Situada na Rua Capitão Roberto Lopes Quintas, s/nº, Alto Boqueirão, Fone: 378-2131. Diretora:E.B.B. Possui um quadro de 50 professores. Atende 608 alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental.

Conforme dados coletados através do questionário (formulário 1) , podemos constatar quais equipamentos a escola disponibiliza atualmente conforme quadro abaixo

MEIO TECNOLÓGICO	DISPONIBILIDADE
Micro-sistem	Todas possuem
Televisão	Uma em cada sala de aula
Vídeo	Todas possuem
Retro-Projetor	11 escolas possuem
Projeter de slide	02 escolas possuem
Xerox	07 escolas possuem

Mimeógrafo	Todas possuem
Máquina de escrever	Todas possuem
Fax	Todas possuem
Antena Parabólica	Todas possuem
Laboratório de Informática	Todas possuem

Quadro 05 – Equipamentos disponíveis nas escolas

Podemos, então, constatar que todas as escolas estão equipadas com todos os meios tecnológicos disponíveis no mercado, exceto a máquina de xerox que apenas a metade das escolas é que possuem, e o retro-projetor que apenas 11 escolas possuem, e o projetor de slide que apenas 2 escolas possuem.

Uma análise dos dados coletados com a aplicação dos formulários 2 e 2.1 mostra que para os Diretores e Pedagogos das escolas citadas os recursos disponibilizados são bastante utilizados: A figura 02 indica, por exemplo que o micro – sistem foi destacada como “muito utilizado” por 93,9% dos respondentes desta categoria.

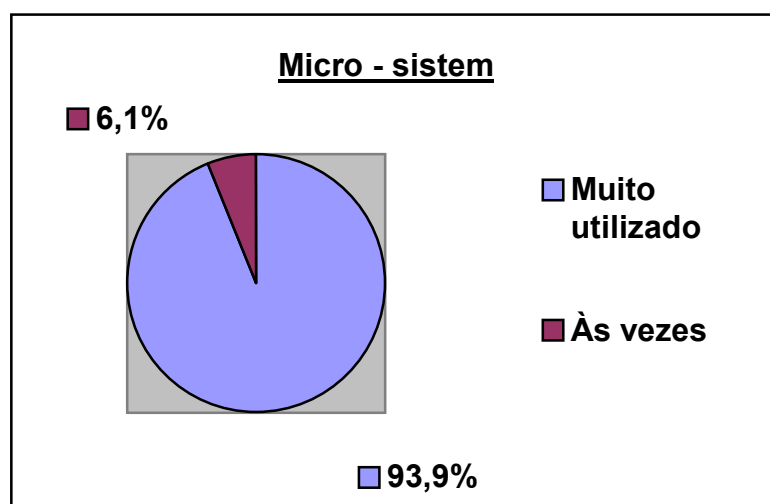


Figura 02 – Utilização do micro-sistem (visão do Diretor e Pedagogo)

- 2- O vídeo é muito utilizado pelos professores (72,2%), utilizado às vezes por (22,2%) e pouco utilizado por apenas (5,6%).

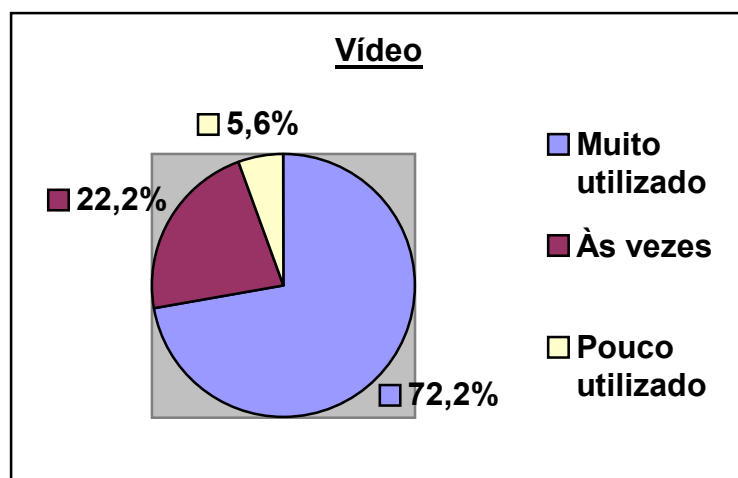


Figura 03 – Utilização do vídeo (visão do Diretor e Pedagogo)

- 3- Tendo em vista que todas as escolas possuem televisão na sala de aula, a mesma é muito utilizada por (66,7%) dos professores e utilizada às vezes por (33,3%) dos professores.

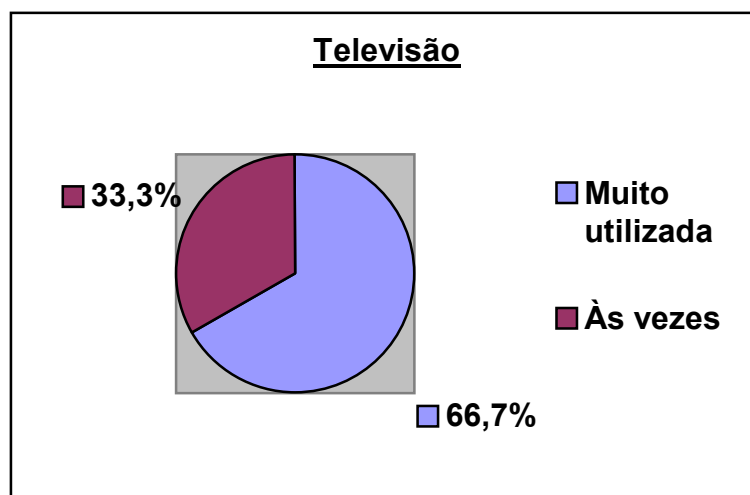


Figura 04 – Utilização da televisão (visão do Diretor e Pedagogo)

- 4- Das escolas que possuem, o retro – projetor é usado às vezes (60,7%), pouco usado (17,9%) e 21,4% não utilizam pois não possuem.

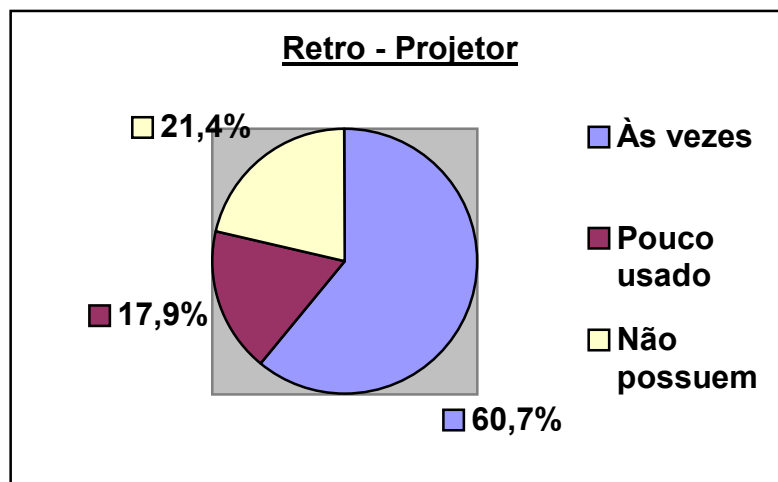


Figura 05 – Utilização do retro-projetor (visão do Diretor e Pedagogo)

- 5- O projetor de slide é utilizado às vezes (4,7%), pouco usado (4,7%) e nunca (4,7%) o restante (85,9%) não possui esse equipamento em sua escola.

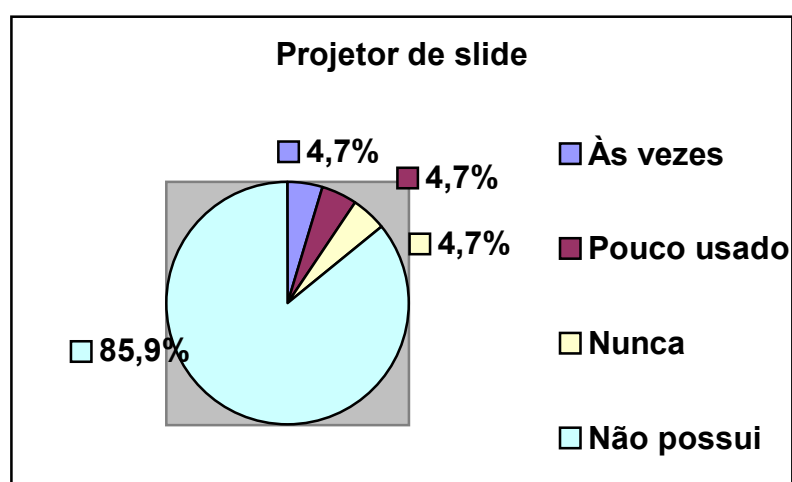


Figura 06 – Utilização do projetor de slide (visão do Diretor e Pedagogo)

- 6- O xerox é muito usado nas escolas que possuem esse equipamento (44,1%), apenas uma escola (5,9%) diz que usa às vezes e as outras (50,0%), 7 escolas não utilizam, pois não possuem esse equipamento em sua escola.

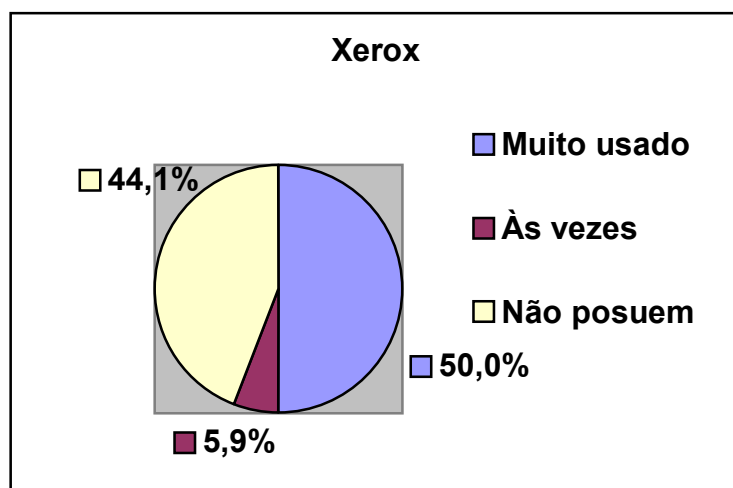


Figura 07 – Utilização do xerox (visão do Diretor e Pedagogo)

- 7- O mimeógrafo é muito usado nas escolas (88,9%) e apenas (11,1%) disseram que utilizam às vezes.

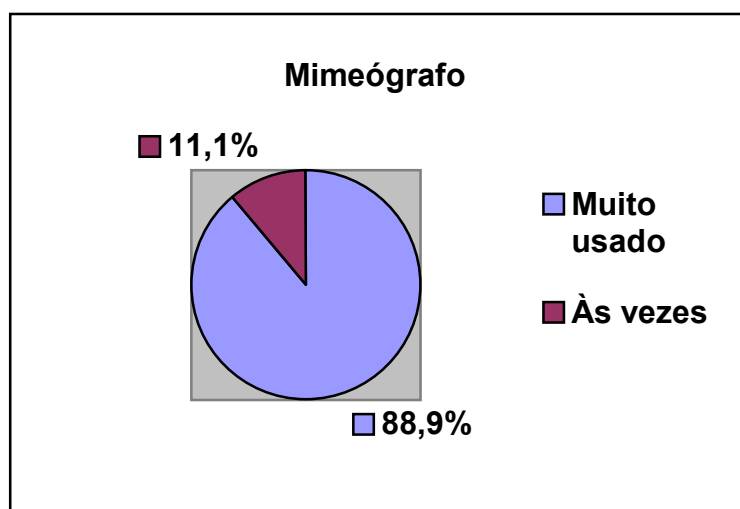


Figura 08 – Utilização do mimeógrafo (visão do Diretor e Pedagogo)

- 8- A máquina de escrever é utilizada às vezes (35,3%), pouco usada (35,3%), nunca utilizada (29,4%).

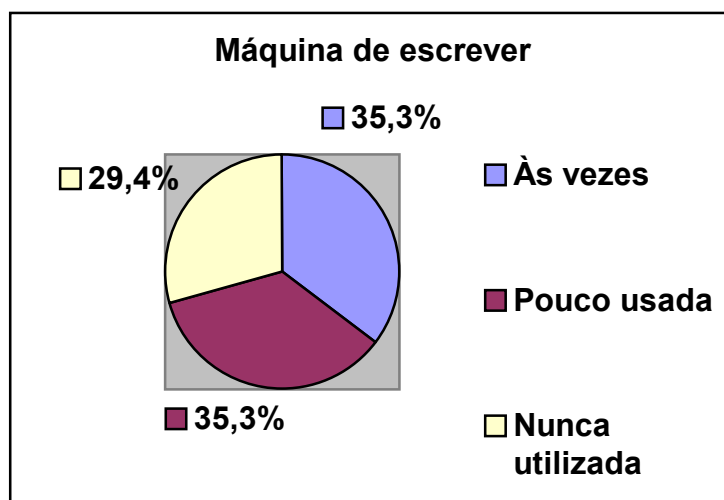


Figura 09 – Utilização da máquina de escrever (visão do Diretor e Pedagogo)

- 9- O fax é muito usado por (61,1%) das escolas, utilizado às vezes por (22,2%) e pouco usado por (16,7%) das mesmas.

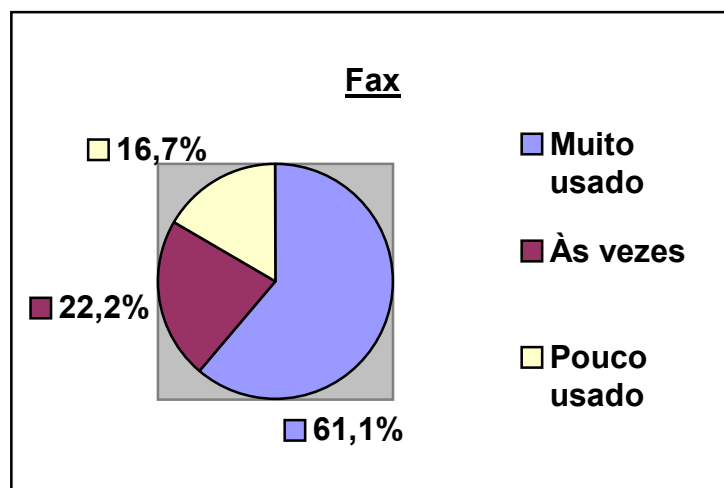


Figura 10 – Utilização do fax (visão do Diretor e Pedagogo)

- 10- A Antena Parabólica é muito usada por (47,1%), usada às vezes por (47,1%) e pouco utilizada por apenas (5,9%) das escolas.

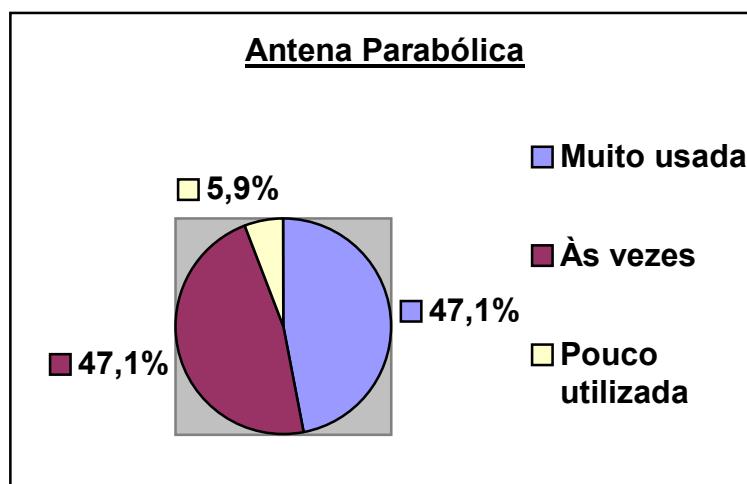


Figura 11 – Utilização da antena parabólica (visão do Diretor e Pedagogo)

- 11- O laboratório de informática é muito utilizado por (94,4%) das escolas e usado às vezes somente por (5,6%), o que corresponde a 1 escola.

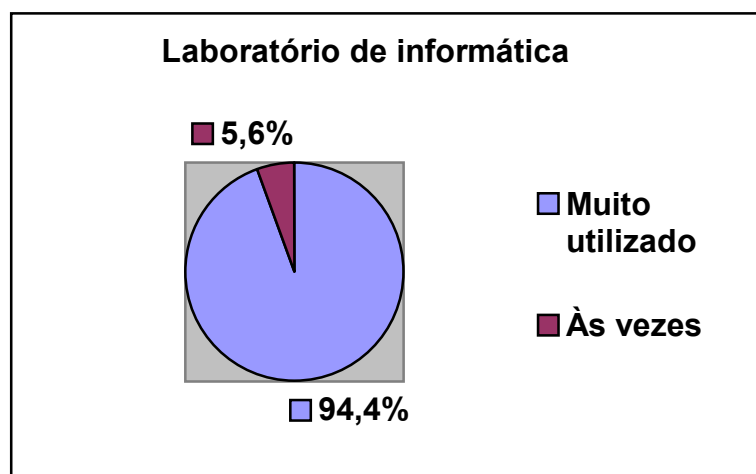


Figura 12 – Utilização do laboratório de informática (visão do Diretor e pedagogo)

Quanto à utilização dos meios tecnológicos pela comunidade escolar (76,5%) responderam que sim e (23,5%) que não.

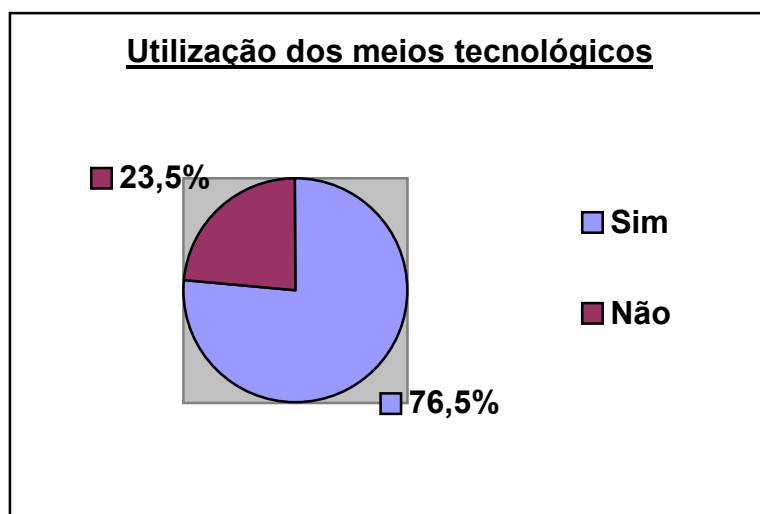


Figura 13 – Utilização dos meios tecnológicos (visão do Diretor e Pedagogo)

Na opinião do diretor e da pedagoga da escola os mesmos responderam (93,8%) que os professores utilizam os meios tecnológicos com viabilidade e apenas (6,3%) que não utilizam com viabilidade.

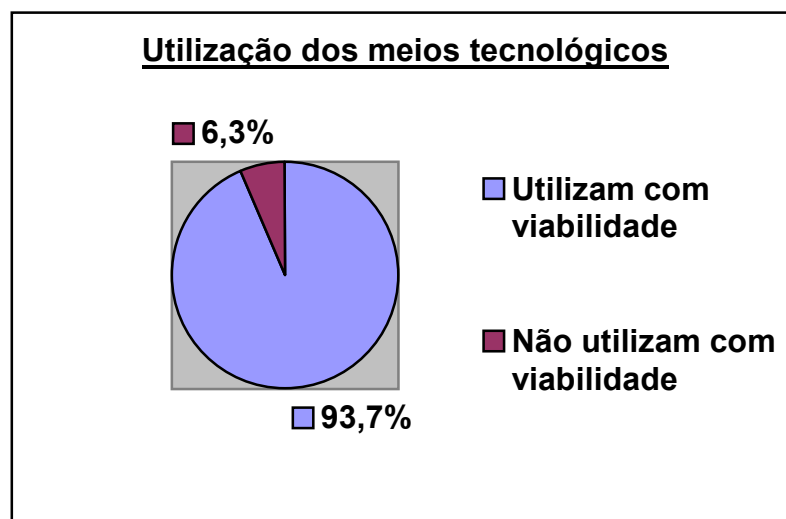


Figura 14 – utilização dos meios tecnológicos pelos professores com viabilidade (visão do Diretor e Pedagogo)

Na seqüência ainda, 42,9% dos Diretores e os Pedagogos responderam que o professor é apenas mais um recurso para repassar os conteúdos e (57,1%) que o professor não é apenas mais um recurso para repassar os conteúdos. Para eles (15,4%) dos professores exploram os meios tecnológicos precariamente e (84,6%) dos professores sabem explorar os meios tecnológicos.

O Diretor e o Pedagogo também responderam que eles vêem a utilização dos meios tecnológicos como uma necessidade para os alunos e professores fixarem melhor a aprendizagem, e que se forem bem aproveitados, utilizados adequadamente se inseridos num projeto de trabalho os resultados são ainda melhores. Ressaltaram ainda a falta de capacitação dos professores e problemas de defeito nas máquinas do laboratório de informática, mas é uma ferramenta que auxilia no crescimento do aluno e tem fins pedagógicos e recreativos. O computador é mais um recurso pedagógico em prol do ensino, mas nem todos utilizam. Falta estímulo e o mesmo deve ser inserido no planejamento, pois o uso desses meios deve ser planejado de acordo com as necessidades dos conteúdos.

Com as respostas da pesquisa pude constatar que o professor ainda não tem o hábito de planejar os conteúdos, utilizando os meios tecnológicos, mas aos poucos estão vendo a importância da utilização, como um recurso auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem, pois os recursos disponíveis poderiam ser mais explorados, sendo que são recursos que facilitam, ampliam e enriquecem a aula do professor.

O diretor e o Pedagogo responderam ainda que os meios tecnológicos são disponibilizados aos professores, pois os programas são gravados, são comprados equipamentos que são solicitados, conservando-os e incentivando os professores a usarem os meios tecnológicos disponíveis na escola. O laboratório de Informática é utilizado de acordo com o horário pré-estabelecido, sempre incentivados pela coordenação. Sempre é providenciado suporte necessário e são levados a refletir sobre a construção de projetos e planejamentos inseridos no dia-a-dia escolar. O professor usa os meios tecnológicos conforme sua necessidade e deve mantê-los conservados após sua utilização. Enfim são sempre incentivados a utilizar esses meios disponíveis.

Em relação aos resultados mais significativos, pude constatar com as respostas do Diretor e do Pedagogo, que o aluno fica mais motivado quando os meios tecnológicos são utilizados, o professor se torna inovador e a comunidade escolar fica satisfeita. Também foi colocado que a aprendizagem é mais significativa, pois explora novos conceitos, desenvolve a criatividade, em busca de pesquisas e crescimento em todas as áreas. Colocaram ainda que existe mais atenção, interesse e estímulo, tanto por parte dos professores como dos alunos, as aulas são mais práticas, o aluno é mais disciplinado, tem maior interesse e apresenta melhor entendimento dos conteúdos, pois quebra a rotina. É um ponto positivo e atrativo perante a clientela da escola. Desenvolve o raciocínio lógico, melhora a aprendizagem, e se os meios tecnológicos são bem utilizados são recursos que somam na aprendizagem e a satisfação é de todos.

Percebe-se, portanto pelas respostas que tanto o Diretor quanto o Pedagogo, disponibilizam os meios tecnológicos em suas escolas, e que a sua utilização adequada trazem muitas vantagens e benefícios tanto para a escola, como para o professor, o aluno e toda comunidade escolar.

A partir da interação entre diretor, coordenação pedagógica, professores, funcionários, alunos e pais, a escola vai adquirindo, na vivência do dia-a-dia, traços culturais próprios, vai formando crenças, valores, significados, modos de agir, e práticas que denominamos de cultura da escola ou cultura organizacional. Essa cultura vai sendo internalizada pelas pessoas e vai gerando um estilo coletivo de perceber as coisas, de pensar os problemas, de encontrar soluções.

Essa cultura organizacional se projeta em todas as instâncias da escola: no tipo de reuniões, nas normas disciplinares, na relação dos professores com os alunos na sala, na cantina, nos corredores, na confecção de alimentos e distribuição da merenda, nas formas de tratamento com os pais, na metodologia de aula, etc. Vem daí uma construção muito importante: a escola tem uma cultura própria que permite tudo o que acontece nela, mas essa cultura pode ser modificada pelas próprias pessoas, ela pode ser discutida, avaliada, planejada, num rumo que responda aos propósitos da direção, da coordenação pedagógica e do corpo docente. (LIBÂNEO, 2001, p.85).

Na seqüência foram enviados 54 questionários aos professores e retornaram 46 respondidos, o que pude constatar que:

O micro-sistem é muito usado (75%), e que (18,2%) utilizam às vezes e (6,9%) não utilizam.

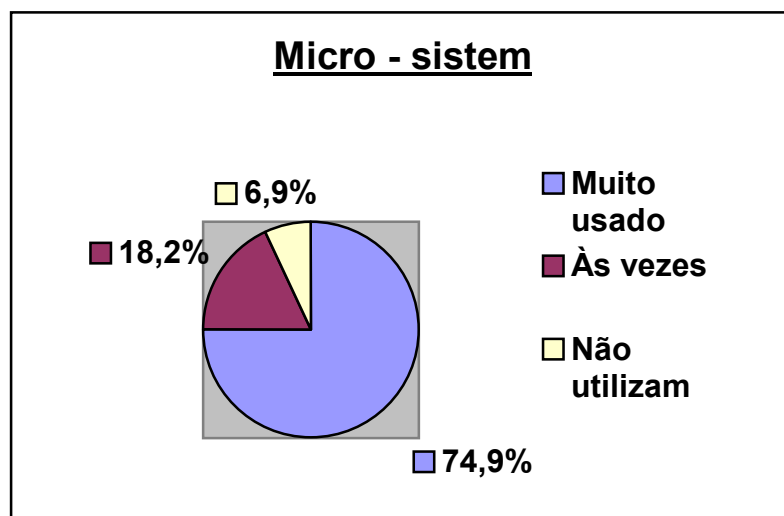


Figura 15 – Utilização do micro-sistem pelos professores

A televisão é muito utilizada (63%) e só (37%) utilizam às vezes.

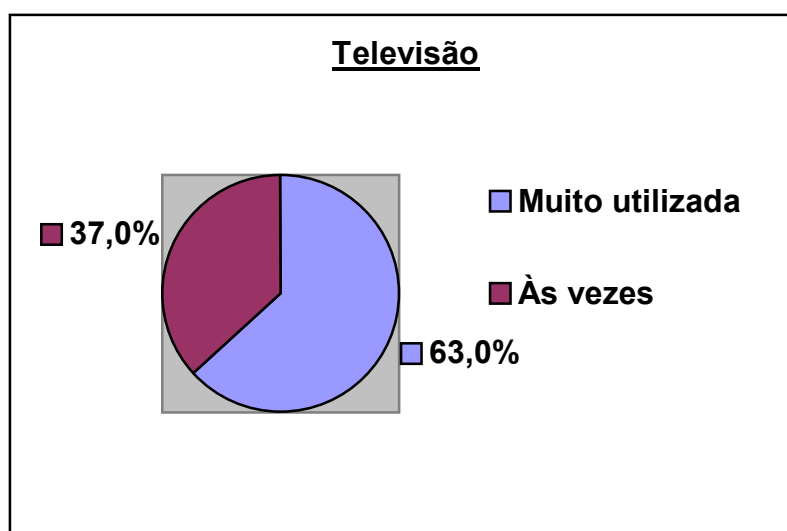


Figura 16 – Utilização da televisão pelos professores

O vídeo é muito utilizado (56,5%), utilizado às vezes por (39,1%) e pouco utilizado por apenas (4,3%).

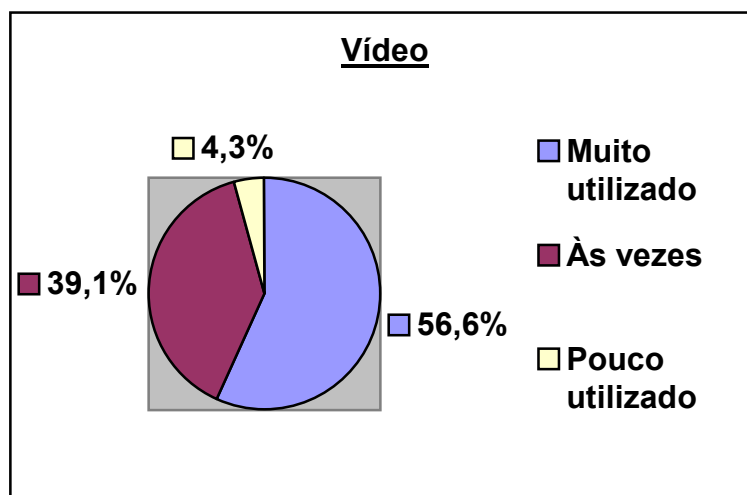


Figura 17 – Utilização do vídeo pelos professores

O retro-projetor é muito utilizado por apenas (2,3%), utilizado às vezes por (25%) e pouco usado por (50%), e nunca usaram ou não possuem (20,7%).

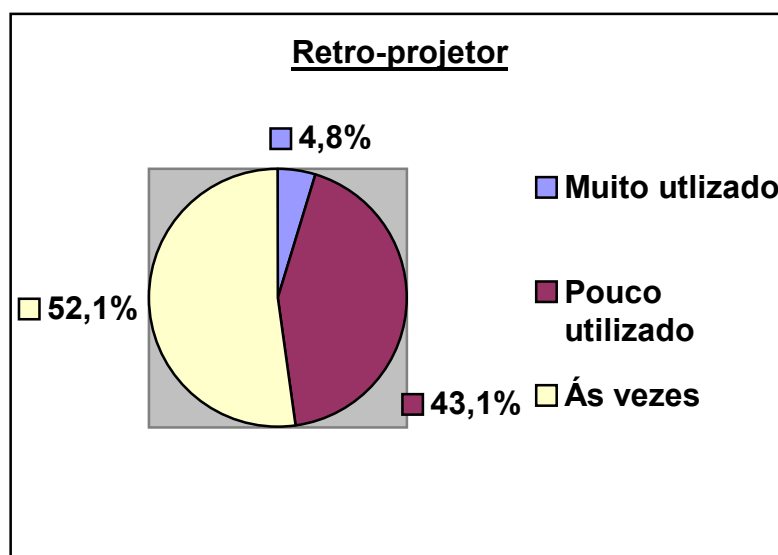


Figura 18 – Utilização do retro-projetor pelos professores

O projetor de slide é muito usado por apenas (5,6%), utilizado às vezes por (22,2%), e nunca utilizaram ou não possuem (72%).

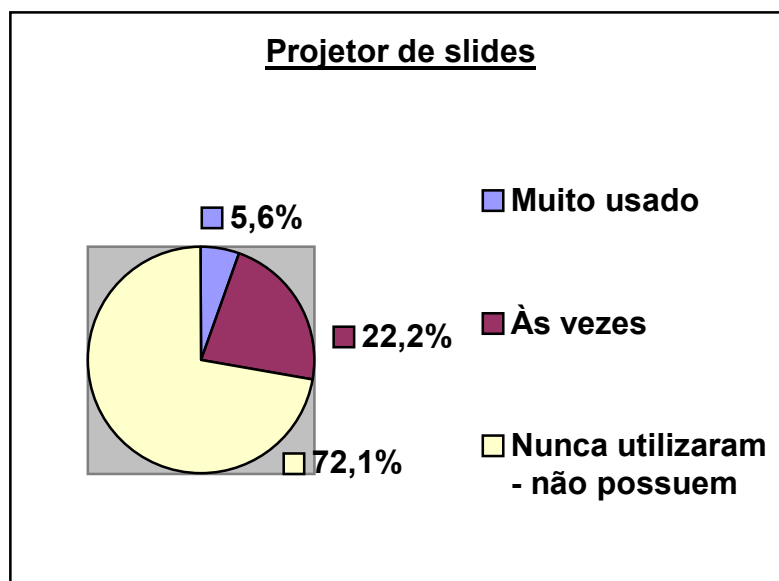


Figura 19 – Utilização do projetor de slides pelos professores

O xerox é muito usado por (44,2%), utilizado às vezes por (20,9%), pouco utilizado por (4,7%), e não possuem (30,2%).

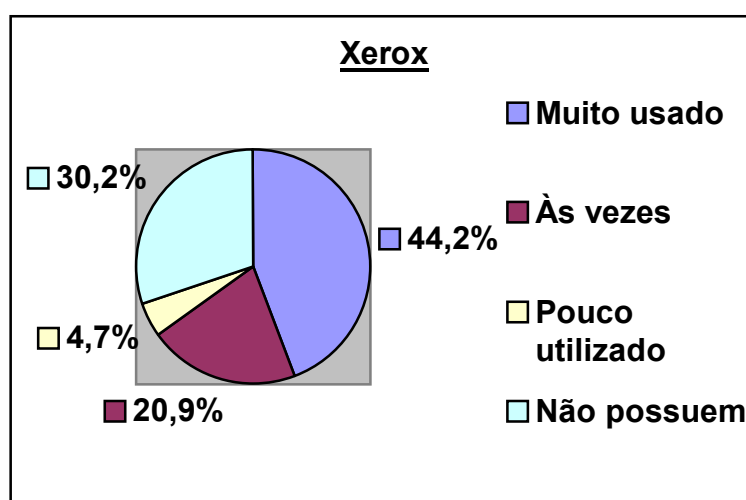


Figura 20 – Utilização do xerox pelos professores

O mimeógrafo é muito utilizado por (87%), utilizado às vezes por (10,9%) e pouco usado por apenas (2,2%).

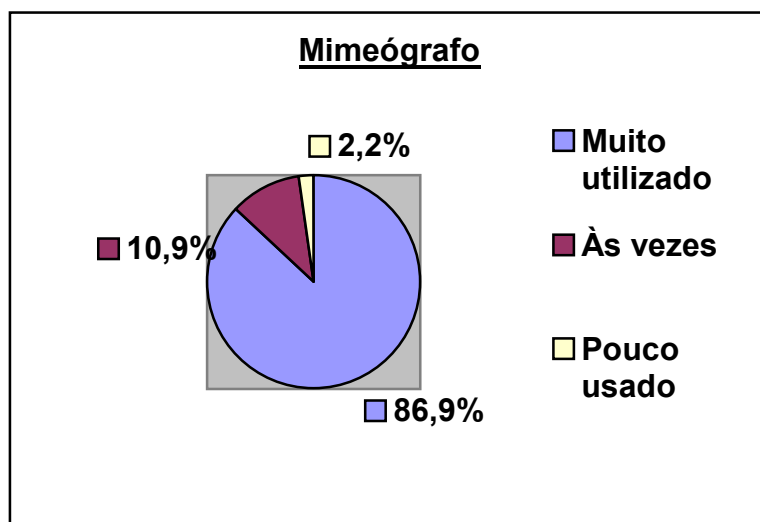


Figura 21 – Utilização do mimeógrafo pelos professores

A máquina de escrever é muito usada por apenas (8,9%), utilizada às vezes por (17,8%), pouco usada por (40%) e nunca utilizam (33,3%).

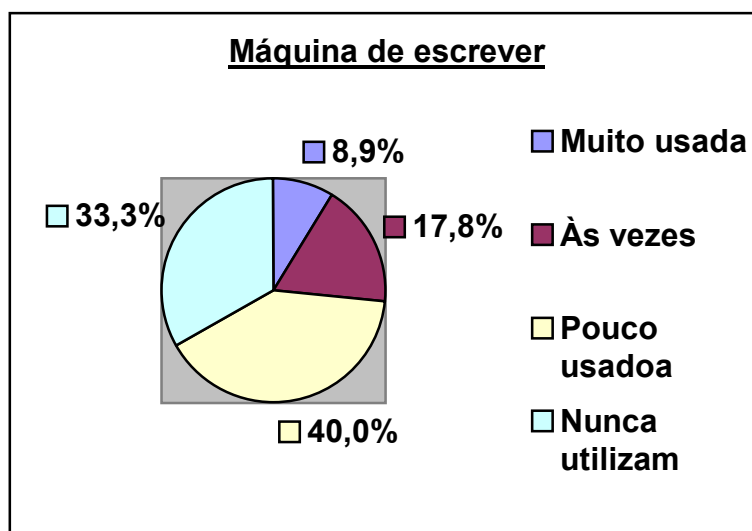


Figura 22 – Utilização da máquina de escrever pelos professores

O fax é muito usado por (39%), utilizado às vezes por (39%), pouco utilizado por (12,2%) e nunca usam (9,8%).

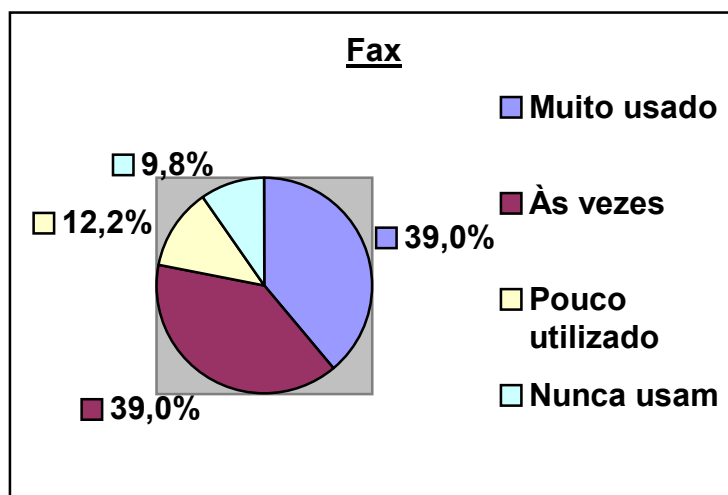


Figura 23 – Utilização do fax pelos professores

A Antena Parabólica é muito utilizada por (39%), utilizada às vezes por (36,6%), pouco usada por (17,1%) e desconhecem (7,3%).

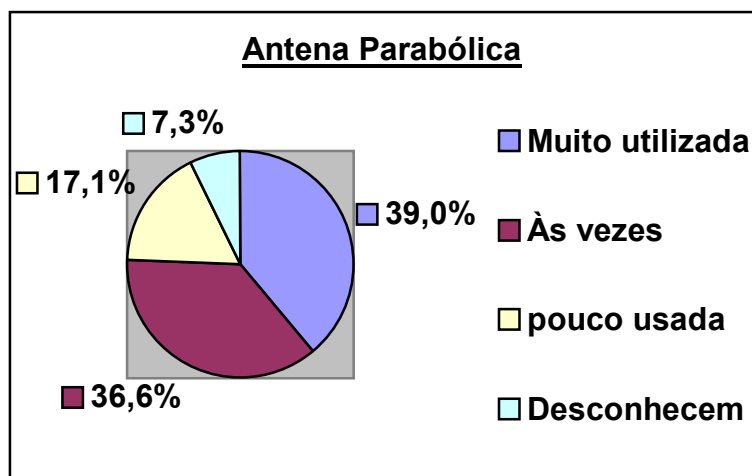


Figura 24 – Utilização da antena parabólica pelos professores

O laboratório de Informática é muito usado por (93,3%) e usado às vezes por (6,7%).

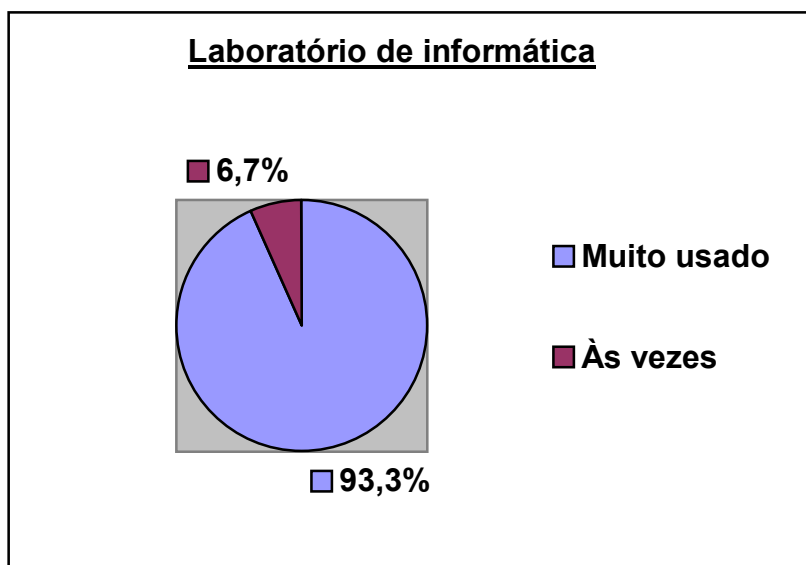


Figura 25 – Utilização do laboratório de informática pelos professores

Na seqüência das respostas, quanto à utilização dos meios tecnológicos pelos professores pude constatar que, 13% responderam que são obrigados a utilizar e 87% responderam que não são obrigados, e que utilizam de acordo com o planejamento e para atividades burocráticas.

Pelas respostas obtidas dos professores, a aula de informática faz parte da proposta da escola e o aluno tem que conhecer essas tecnologias, ficando a critério do professor o uso adequado das mesmas, dependendo do encaminhamento do professor e do conteúdo trabalhado, mas deve estar de acordo com o seu planejamento. O trabalho no laboratório de informática facilita para o professor, para que as aulas sejam mais agradáveis fazendo parte da prática do dia-a-dia. É uma ferramenta essencial para o enriquecimento do ensino e na qualidade das aulas. O professor tem liberdade para a utilização dos materiais audiovisuais de acordo com o planejamento. É utilizado dentro das necessidades, interesse da aula, conteúdo trabalhado, e usa-se como recurso quando e como o professor quer. É um recurso importante para a sua prática, pois desperta e estimula a aprendizagem e o crescimento dos alunos. É claro que utilizamos sempre que possível, pois enriquece

e facilita nosso trabalho. A utilização dos meios tecnológicos é fundamental nos dias de hoje.

Quanto à questão das dificuldades encontradas pelos professores, 4,3% responderam que falta apoio da equipe pedagógica-administrativa; 36% encontram dificuldades em relação ao tempo disponível; 39% tem dificuldade quanto ao domínio das tecnologias, 2,1% não julgam ser relevante, 15% não sentem-se seguros e 21,7% responderam outras dificuldades encontradas como:

- Não ter um computador para cada criança
- Tempo para elaborar estratégias e preparar aulas
- Domínio das tecnologias em alguns momentos – falta de um técnico
- Falta de tempo para conhecer os programas
- Aperfeiçoamento
- Não dominar totalmente o computador
- Não saber informática
- Dificuldade na utilização
- O tempo para cada turma no laboratório não é suficiente

Em relação aos resultados mais significativos obtidos com a utilização dos meios tecnológicos; 54% responderam que é rapidez na aprendizagem, 82% responderam que as tarefas são mais agradáveis, 28% disseram que há mais controle da disciplina e 13% responderam outras questões como:

- O aluno conhece a realidade diferente do cotidiano
- A possibilidade de conectar-se com outros ambientes que os alunos nunca poderão conhecer pessoalmente
- Maior atenção e concentração
- Interesse na busca, pesquisa

- Maior entrosamento professor X aluno
- Maior interesse pelos conteúdos
- Mais disciplina
- Prazer da criança em usar o computador

Quanto à satisfação com o desempenho da sua escola em relação à utilização dos meios tecnológicos, 17,3% responderam que estão muito satisfeitos, 65,2% estão satisfeitos, 4,3% não estão satisfeitos e 8,6% pouco satisfeitos.

Quando foi solicitado para deixarem sugestões e colaborações, no sentido de melhorar o desempenho da escola em relação ao uso dos meios tecnológicos, apareceram:

- Aumentar a cota do xerox
- Capacitação para os novos professores
- Ter consciência e não privar o aluno de usar a tecnologia
- Ter internet e manutenção do laboratório
- Maior incentivo e motivação para o uso das tecnologias
- Mais cursos, mais estudos e aprimoramento
- Pessoal capacitado para acompanhar o trabalho
- Mais recursos para a equipe escolar
- Mais tempo disponível para trabalhar com as tecnologias e para pesquisar
- Precisa acompanhamento pedagógico
- Ter projeto para uso do vídeo

O que pode-se constatar em relação às respostas dos professores é que os mesmos ainda estão muito presos a material impresso (xerox e mimeógrafo), e que

realmente não utilizam com mais freqüência os outros meios tecnológicos por ainda sentirem-se inseguros, com medo, mas principalmente por falta de capacitação, tempo disponível, acompanhamento pedagógico, incentivo e motivação por parte de quem gerencia a escola. Apenas 17,3% estão muito satisfeitos com o desempenho da escola no uso dos meios tecnológicos, o que nos mostra que ainda é preciso investir mais nesse profissional da educação, para que os resultados sejam ainda melhores e mais significativos sendo que o que já foi apresentado é muito valioso para o processo ensino-aprendizagem.

Na nova concepção de formação do professor como intelectual crítico, como profissional reflexivo e pesquisador e elaborador de conhecimentos, como participante qualificado na organização e gestão da escola, o professor prepara-se para poder realizar a reflexão sobre sua prática, tornando-se investigador em sua sala de aula analisando sua práticas, revendo as rotinas, inventando novas soluções, desenvolvendo habilidades de participação grupal e de tomada de decisões nas várias atividades da escola, portanto esse é o sentido mais amplo que assume a formação continuada.

A formação continuada é uma maneira diferente de ver a capacitação profissional de professores. Ela visa ao desenvolvimento pessoal e profissional mediante práticas de envolvimento dos professores na organização da escola, na organização e articulação do currículo, nas atividades de assistência pedagógica-didática junto com a coordenação pedagógica, nas reuniões, nos conselhos de classe etc... (LIBÂNEO, 2001, p.66).

Segundo BABIN (1989), errou quem disse que o audiovisual vai suprimir o professor como detentor do saber. O que se pede ao documento transmitido pela máquina é certamente o saber, mas é, antes de mais nada, a qualidade pedagógica do documento, sua maneabilidade e sua adaptação aos casos individuais. Como no passado, pede-se ao professor o verdadeiro saber: aquele que não é um conhecimento material e pseudoobjetivo, mas um conhecimento ligado ao homem, situado, organizado e vivificado.

Em relação aos questionários enviados aos alunos, o que representa 10% das escolas envolvidas na pesquisa, foram enviados 910 e retornaram 673 respondidos, o que pode constatar que:

O micro-sistem é muito usado por (25,9%) dos professores, é utilizado às vezes por (52,9%) dos professores, pouco utilizado por (10,7%) dos professores e nunca utilizam e os alunos até desconhecem (10,5%).

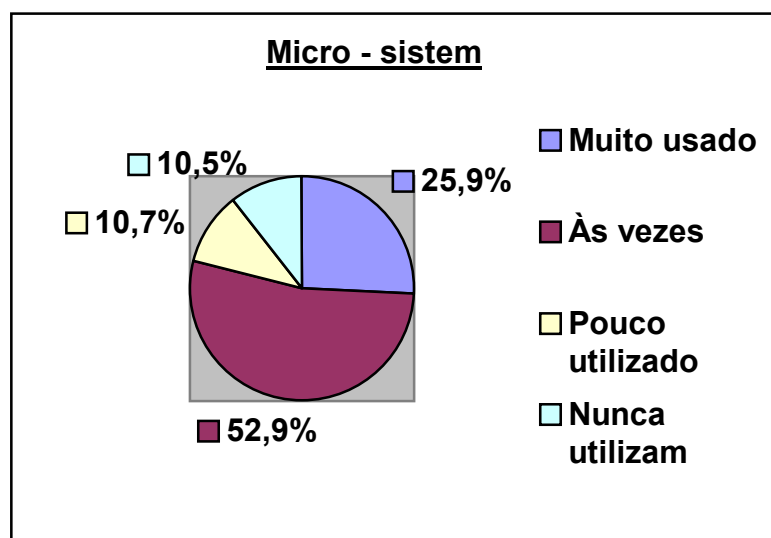


Figura 26: Utilização do micro-sistem (visão dos alunos)

A televisão é muito usada por (21,9%) dos professores, é utilizada às vezes por (63,1%) dos professores, pouco usada por (14,1%) dos professores e nunca utilizam (0,9%).

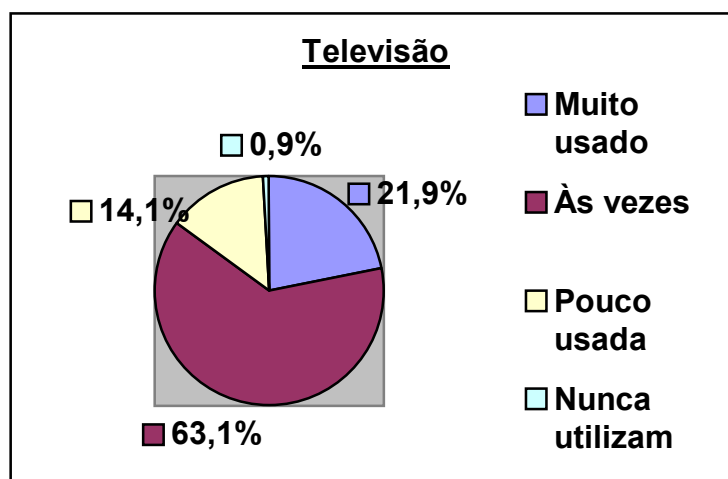


Figura 27: Utilização da televisão (visão dos alunos)

O retro-projetor é muito usado por (2,3%) dos professores, utilizado às vezes por (13,6%) dos professores, pouco usado por (35,2%) dos professores e nunca usam ou os alunos desconhecem por (48,9%).

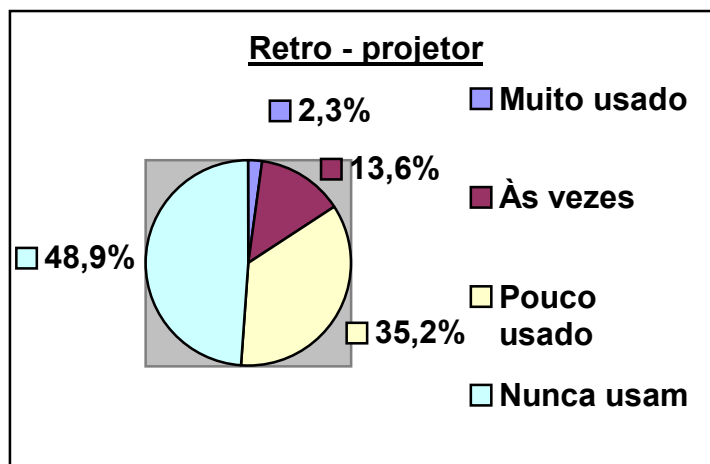


Figura 28: Utilização do retro-projetor (visão dos alunos)

O projetor de slide é muito utilizado por apenas (1,4%) dos professores, utilizado às vezes por apenas (4,6%) dos professores, pouco utilizado por (7,4%) dos professores e nunca utilizaram e os alunos desconhecem (86,4%).

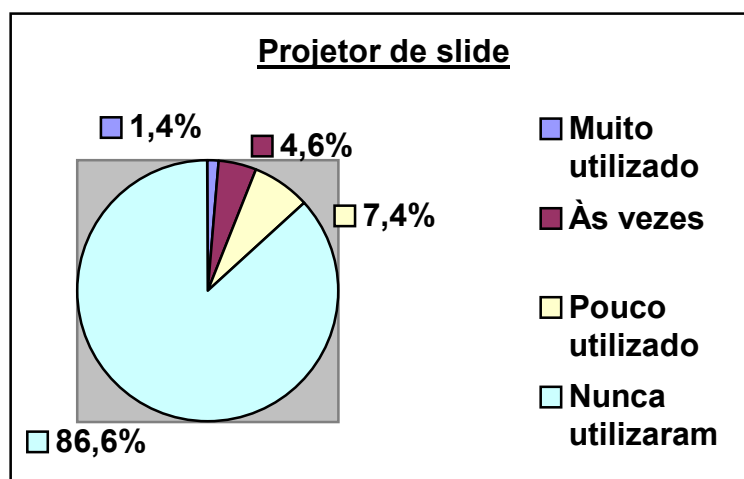


Figura 29: Utilização do projetor de slide (visão dos alunos)

O vídeo é muito utilizado por (20,1%) dos professores, utilizado às vezes por (57,4%) dos professores, pouco usado por (18,8%) dos professores ou nunca usam ou os alunos desconhecem (3,6%).

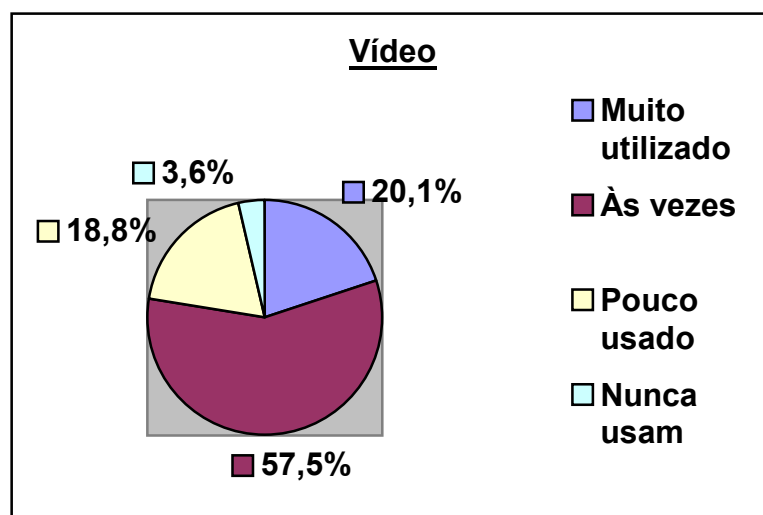


Figura 30: Utilização do vídeo (visão dos alunos)

Em relação ao uso do xerox os alunos responderam que é muito usado por (40,9%) dos professores, utilizado às vezes por (12,8%) dos professores, pouco usado por (4%) e nunca usam por não possuírem (42,3%) dos professores.

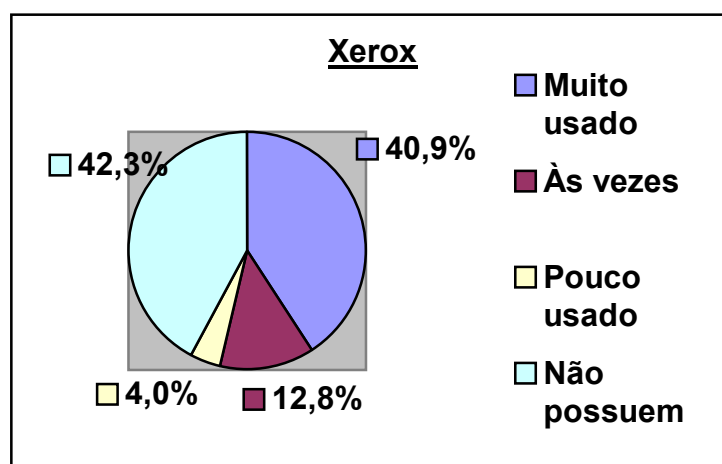


Figura 31: Utilização do xerox (visão dos alunos)

O mimeógrafo é muito usado por (59,6%) dos professores, utilizado as vezes por (22,5%) dos professores, pouco usado por (8,1%) dos professores e nunca usam (9,7%) dos professores.

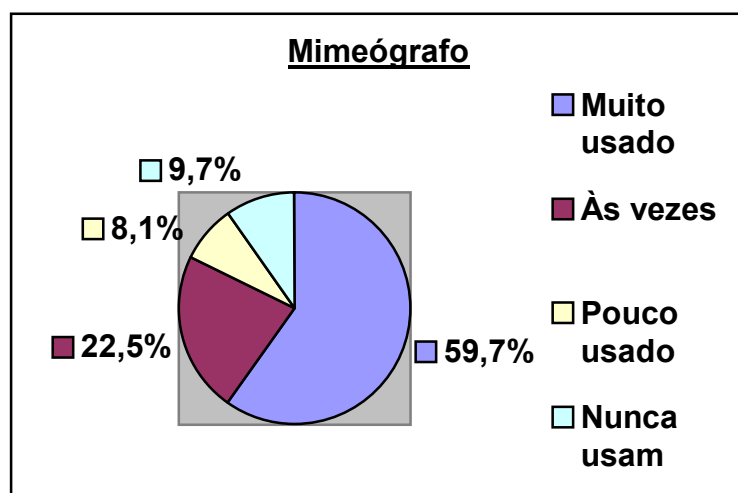


Figura 32: Utilização do mimeógrafo (visão dos alunos)

Quanto ao laboratório de Informática, os alunos responderam que é muito usado por (57,8%) dos professores, utilizado as vezes por (35,5%) dos professores, pouco usado por (4,7%) e (1%) dos professores nunca utilizam.

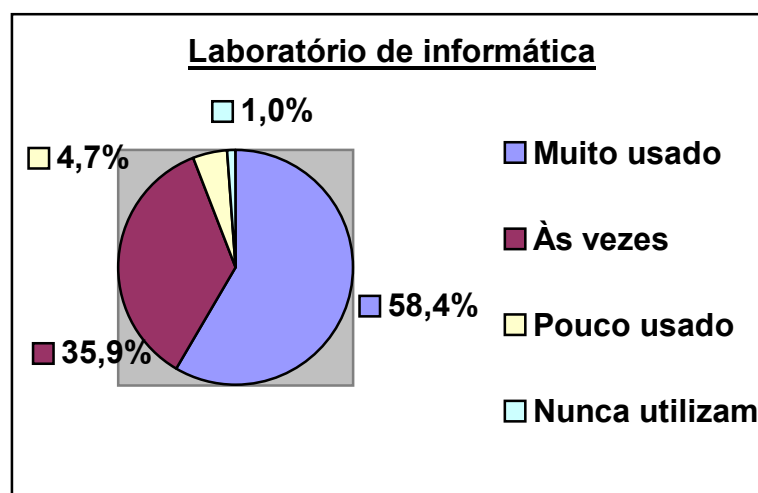


Figura 33 Utilização do laboratório de informática (visão dos alunos)

A antena parabólica é muito usada por (28,2%) dos professores, é utilizada às vezes por (42,8%), pouco usada por (12,9%) e nunca utilizam (17,1%).

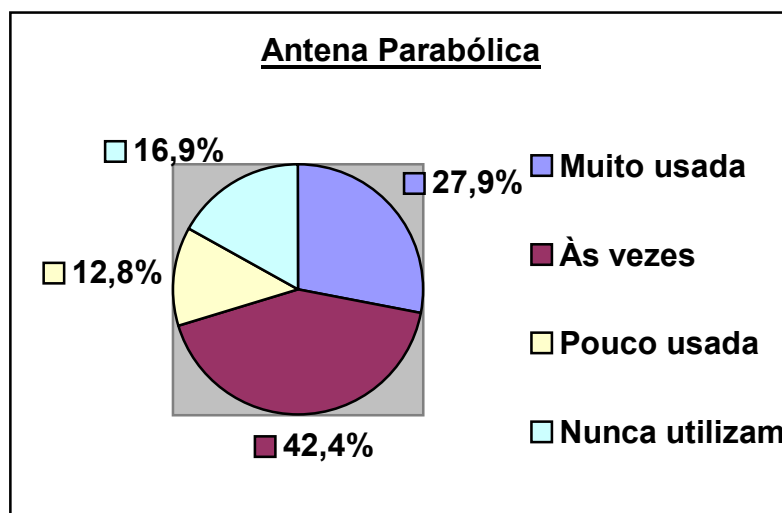


Figura 34: Utilização da antena parabólica (visão dos alunos)

A máquina de escrever é muito usada por (10,9%) dos professores, é utilizada às vezes por (14,4%) dos professores, pouco utilizada por (17,1%) dos professores e nunca utilizam (57,8%).

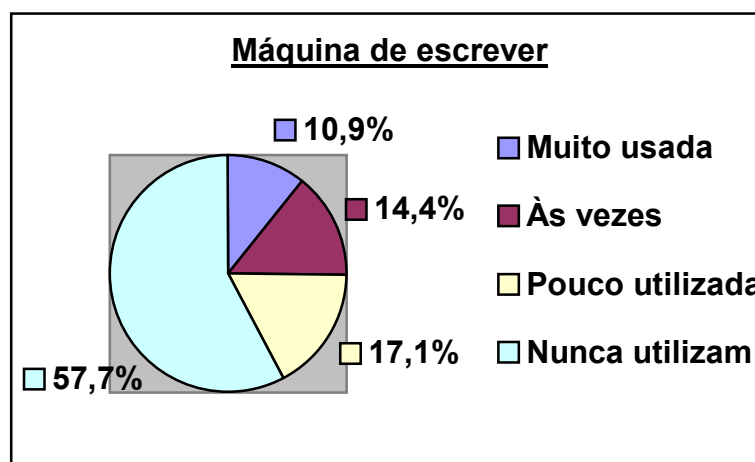


Figura 35: Utilização da máquina de escrever (visão dos alunos)

O fax é muito usado por (15,7%) dos professores, utilizado às vezes por (12%), pouco usado por (10,8%) dos professores e nunca utilizam (61,6%) dos professores.

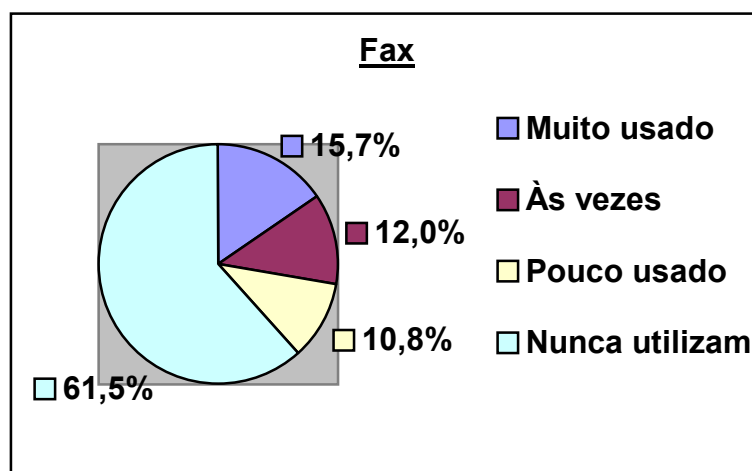


Figura 36: Utilização do fax (visão dos alunos)

Na seqüência perguntou-se o porque da utilização dos meios tecnológicos pelos professores e os alunos responderam que:

- Porque é bom para os alunos
- Facilita o meio de aprender
- Usam a TV e vídeo para passar desenho
- Muitas vezes o material necessário não está disponível
- Usam o computador para brincar
- Sem os meios tecnológicos a escola ficaria ruim
- Acham interessante e a informática é legal , divertida e ajuda a desenvolver as idéias
- Aprendem bastante, cada vez mais coisas no computador, divertindo-se
- As professoras gostam de ensinar com os meios tecnológicos
- Desenvolve o aprendizado

- Melhora o comportamento em sala de aula
- Gostam bastante, ficamos mais espertos
- Importante usar os meios tecnológicos na escola para nosso aprendizado
- Impossível viver sem tecnologia
- Impossível viver só com papel e caneta
- Não usam porque não é necessário
- Os alunos precisam muito e a escola toda também
- Para ficarmos mais inteligentes e termos mais facilidade de aprender
- Porque a escola seria muito chata sem os meios tecnológicos
- Porque é necessário e nós gostamos muito

Pode-se perceber que os alunos gostam muito da utilização dos meios tecnológicos na escola, mas os mesmos não são muito utilizados, pois os alunos nem conhecem todos os meios, e que fica claro que o xerox e o mimeógrafo ainda é muito utilizado e é o que os alunos mais conhecem. Percebe-se também que a TV e o vídeo são usados mais para recreação do que como material pedagógico de apoio o que seria muito gratificante para todo processo ensino-aprendizagem.

Uma tecnologia, para ter sucesso, deve ter atingido um nível de confiabilidade e de simplicidade tais que a massa popular possa utiliza-la sem necessidade de uma escola de formação ou de técnicos especializados. (BABIN, 1989, p.126).

Uma técnica se introduz com maior ou menor rapidez na comunicação profunda e na educação, conforme responda ou não a uma série de disposições culturais pré-existentes na população, portanto um instrumento só é verdadeiramente eficiente para a formação dos educandos, se corresponder à necessidade e à sensibilidade dos indivíduos que estão utilizando.

Em relação aos pais, também foram enviados 910 questionários o que representa 10% de pais das escolas pesquisadas e retornaram 484 questionários respondidos. O que constatou-se é que a maioria dos pais sabem que existe na

escola a Televisão, o Vídeo, Xerox, Mimeógrafo, Máquina de escrever e Laboratório de Informática. Quanto à utilização desses meios existentes na escola 19,2% responderam que utilizam e 80,8% responderam que não utilizam esses meios tecnológicos existentes na escola. Pode-se constatar com as respostas dos pais, que o meio mais utilizado pela comunidade é o Laboratório de Informática, Televisão e Xerox, pois são alunos do EJA à noite na escola, ou os seus filhos trazem material impresso para casa que a escola manda ou utilizam o xerox para fotocópia de documentos.

Com relação à importância do uso desses meios tecnológicos, 97,3% responderam que acham importante e apenas 2,3% disseram que não acham importante a utilização desses meios pela escola. Na justificativa do porque, eles responderam que;

- Ajuda no aprendizado, é fonte de pesquisa e interesse
- Ajuda a desenvolver a criança
- É algo mais para o desenvolvimento escolar e social
- Ajuda a melhorar os conhecimentos
- Ajuda no mercado de trabalho, tendo uma noção das tecnologias e em casa não tem
- Anda no ritmo do mundo
- Aprende de forma eficiente e interessada pelo estudos
- Aprende coisas novas, com mais qualidade e mais rápido
- É atrativo, curioso, diferente e atualizado com os tempos de hoje
- Conhecem melhor os fatos da vida
- O conhecimento é amplo, técnico e prático
- Desperta o interesse e faz parte do futuro

- Incentiva a pessoa a ir para a escola e a tecnologia está em tudo

Quanto à satisfação da comunidade com o desempenho da escola de seu filho em relação aos meios tecnológicos, 95,2% responderam que estão satisfeitos e apenas 4,6% não estão satisfeitos com o desempenho da escola. Quando se pediu sugestões os mesmos responderam que:

- Mais equipamentos e mais computadores
- Uma aula por semana de informática é muito pouco
- Abrir a escola para a comunidade para palestras, cursos e uso da internet
- Continuar assim
- Convidar os pais para usarem mais as tecnologias
- A escola faz o que pode
- Está sendo utilizado da melhor maneira
- Estou satisfeita, está ótimo
- Home page da escola
- Ilustrar mais as aulas, usando o computador e os meios tecnológicos
- Usar mais a TV
- Não sei o que tem na escola
- A comunidade usar mais
- Ter xerox

Pode-se constatar através dessas respostas que os pais na sua grande maioria estão satisfeitos com o desempenho da sua escola, mas mesmo assim eles pedem maior aproximação da comunidade dentro da escola, e os que mais utilizam os meios tecnológicos existentes na escola é porque já estão dentro dela, estudando

à noite. Isso comprova o quanto a comunidade gosta de participar das atividades realizadas pela escola, mas que ainda estão afastados da mesma.

Isso mostra que a exigência da participação dos pais na organização e gestão da escola corresponde a novas formas de relações entre escola, sociedade e trabalho, que repercutem na escola, nas práticas de descentralização, autonomia, co-responsabilização, multiculturalismo. A escola não pode mais ser uma instituição isolada em si mesma, separada da realidade circundante, mas integrada numa comunidade que interage com a vida social mais ampla.

Somente a prática pode ajudar a esclarecer estes problemas, de modo a encontrar formas de acordo mútuo e de ajuda recíproca, melhorando a organização do trabalho escolar e o trabalho dos professores em função da qualidade cognitiva, operativa, social e ética do processo de ensino e aprendizagem (LIBÂNEO, 2001, p.91).

CAPÍTULO VI

VI- CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

6.1 Conclusão

Tendo em vista o objetivo que norteou esse trabalho, buscou-se contextualizar a respeito da importância do papel do gestor escolar em relação à uma dinâmica participativa, frente a utilização adequada das novas tecnologias dentro da escola, com a pesquisa realizada os objetivos foram alcançados e as respostas feitas no início do trabalho respondidas.

O mundo vive um acelerado desenvolvimento, em que as tecnologias estão presente direta ou indiretamente em atividades bastante comuns. A escola faz parte do mundo e para cumprir sua função de contribuir para a formação de indivíduos que possam exercer plenamente sua cidadania, participando dos processos de transformação e construção da realidade, deve estar aberta e incorporar novos hábitos, comportamentos, percepções e demandas.

Em conseqüência, o novo paradigma educacional, hoje em desenvolvimento, sugere que a escola tem que ser, antes de tudo, um ambiente “inteligente”, especialmente criado para a aprendizagem, um lugar rico em recursos por ser um local privilegiado, um lugar onde os alunos podem construir os seus conhecimentos. É fundamental que a instituição escolar integre a cultura tecnológica extra escolar dos alunos e professores ao seu cotidiano. Conhecer e saber usar as novas tecnologias implica a aprendizagem de procedimentos para utiliza-los e, principalmente, de habilidades relacionadas ao tratamento da informação, com capacidade para criar e comunicar-se através desses meios.

A escola tem papel importante a cumprir na sociedade, ensinando os alunos a se relacionar com o universo de informações a que tem acesso no seu cotidiano, portanto o papel do gestor escolar é fundamental nesse processo, onde cada vez mais é preciso criar, inovar, imaginar, questionar, encontrar soluções e tomar decisões com autonomia. Isso pressupões o desenvolvimento de competências

relacionadas à sua função para que se efetive uma gestão participativa, e conseqüentemente contribua para a melhoria da qualidade do ensino.

A implementação de práticas alternativas de organização e gestão da escola depende bastante da atuação da direção e da coordenação pedagógica da escola. Há uma diversidade de opiniões sobre o papel do diretor da escola, principalmente, sobre se lhe cabem tarefas apenas administrativas ou também tarefas pedagógicas, em sentido mais restrito. (LIBÂNEO, 2001, p.87).

A concepção de ensino e aprendizagem revela-se na prática da sala de aula e na forma como professores e alunos utilizam os recursos tecnológicos disponíveis, entretanto na escola a gestão geral desempenha papel fundamental também com a parte pedagógica, para que realmente as práticas pedagógicas se efetivem no interior da escola. O diretor encarna um tipo de profissional com conhecimentos e habilidades para exercer liderança, iniciativa e utilizar de práticas de trabalho de grupo para assegurar a participação de todos os envolvidos no processo educacional, nos processos de tomadas de decisões e na solução dos problemas.

A tecnologia deve servir para enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção do conhecimento através de uma atuação ativa, crítica e criativa por parte de todos os envolvidos no processo educacional. Se entendermos a escola como um local de construção do conhecimento e de socialização do saber, como um ambiente de discussão, troca de experiências e de elaboração de uma nova sociedade, é fundamental que a utilização dos recursos tecnológicos seja amplamente discutida e elaborada conjuntamente com toda a comunidade escolar, ou seja, que não fique restrita às decisões de apenas um elemento da escola. Esse fato deve alertar para a importância da reflexão sobre qual é a educação que queremos oferecer aos nossos alunos, para que a incorporação da tecnologia não seja apenas o “antigo” travestido de “moderno”.

Portanto precisamos de profissionais em constante processo de atualização, aprendendo sempre, criativos e flexíveis no ensinar, gerenciando equipes com satisfação, flexibilidade, criatividade, maestria e responsabilidade, pois só dessa forma, aumentará seu desempenho como um todo, fazendo com que o processo educacional seja fluido, sinérgico e produtivo.

É hora de repensar se realmente contamos com profissionais com perfil adequado para essa missão, pois os paradigmas educacionais estão mudando, o mundo está se globalizando a todo vapor, e ninguém quer perder o trem da história, correr o risco de se tornar um excluído cultural, mesmo tendo capacidades que outrora eram tidas como suficientes para ser um bom profissional, um educador de primeira linha.

Não se quer dizer com isso que o sucesso da escola reside unicamente na pessoa do diretor ou numa estrutura administrativa autocrática – aquela em que o diretor centraliza todas as decisões. Ao contrário, trata-se de entender o papel do diretor como um líder, uma pessoa que consegue aglutinar as aspirações, os desejos, as expectativas da comunidade escolar e articular a adesão e a participação de todos os segmentos da escola na gestão de um projeto comum. Como gestor da escola, como dirigente, o diretor tem que ter uma visão de conjunto da escola como um todo e uma atuação que apreende a escola nos seus aspectos pedagógicos, administrativos, financeiros e culturais.

Não adianta dotação de verba seja em esfera estadual ou federal, para a compra de computadores, vídeos ou outros materiais, se não há quem os saiba operar, Mesmo havendo pessoal habilitado para isto, há necessidade de uma infraestrutura pedagógica e administrativa que possibilite ver esse novo ferramental não como mais um recurso aliado ao ensino tradicional, ou um mero modismo tecnológico, mas como uma nova possibilidade de ensinar, um novo jeito de aprender.

A concepção democrática-participativa baseia-se na relação orgânica entre a direção e a participação do pessoal da escola. Acentua a importância da busca de objetivos comuns assumidos por todos.

6.2 Sugestões

Para que se tenham verdadeiros educadores e facilitadores, é necessário sair da acomodação pessoal e organizacional, mas isso com certeza gera insegurança, pois exige uma nova postura do gestor escolar em relação a um modo novo de administrar a escola, com a participação de todos os envolvidos na instituição. Isso significa rever os paradigmas da educação, trabalhar internamente a insegurança a respeito do contato com o novo, mas ser humilde o suficiente para se perceber como parte integrante do processo e responsável realmente por uma mudança significativamente dentro da sua escola, onde a participação de todos é que garantirá uma gestão voltada para o pleno exercício da cidadania. Os gestores devem agir como líderes pedagógicos, apoiando, avaliando, organizando e participando de todos os programas desenvolvidos pela escola. O gestor deve ter motivação, animo, satisfação e responsabilidade com aquilo que faz. As escolas onde há integração entre os professores e toda comunidade escolar tendem a ser mais eficazes. As práticas de liderança para escolas eficazes incluem: apoiar o estabelecimento de objetivos claros, propiciar a visão do que é uma escola boa e encorajar os professores, auxiliando-os nas descobertas de recursos que propiciem a realização de seu trabalho, as escolas bem sucedidas são caracterizadas pela delegação aos professores da gestão e tomada de decisão em sala de aula, assim, como pela boa integração profissional entre todos os envolvidos na escola, visando a gestão participativa. A era do conhecimento privilegia as pessoas com visão ampla, de pensar sistêmico, que buscam o auto-conhecimento como forma de crescimento e ao mesmo tempo valorizam a realidade interrelacional em todos os níveis sociais, do pequeno grupo ao seu redor a um universo humano a qual, pertencem. Eles devem ser flexíveis, aptos a interagir em sistemas organizacionais com hierarquias mais fluídas, criativas, atentas às necessidades emergenciais, e, sobretudo abertas às novas e mais inusitadas soluções. Isso requer um gestor em constante aprendizado, capacitação contínua, para garantir a participação de todos, ferramenta indispensável, capaz de aprimorar a qualidade da educação.

O gestor deve estar apto também a correr riscos, testar novas estratégias para fazer coisa habituais. E acima de tudo, ávido, num movimento crescente e

contínuo de aprender sempre; como diz Gonzaguinha: “Viver e não ter a vergonha de ser feliz... cantar, e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz”. Aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver, valorizando o que se aprende, o que se sabe, dotar-se de uma competência consciente sobre seu próprio conhecimento e valor, possibilitarão a construção de um conhecimento multidimensional, multicultural, alinhados às exigências sociais do próximo milênio.

Tendo em vista todas as considerações feitas durante todo o trabalho e a pesquisa realizada é que fica claro que o gestor precisa antes de mais nada ser um motivador entre outros aspectos como: flexível, responsável, autônomo, organizado, articulador, ter iniciativa, enfim haverá um “perfil” para uma direção que se proponha a embalar a escola? Esse é um tema que reflete para uma nova pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cândido José Mendes de. **O que é vídeo**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

ALMEIDA, Fernando José. **Educação e Informática: os computadores na escola**. 2ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988,104p.

BASTOS, João Batista. **Gestão Democrática**. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

BRASÍLIA, Secretaria de Educação à Distância. **TV e Informática na Educação**. Brasília: MEC/SEED, 1998.

BRASÍLIA, Secretaria de Educação à Distância. **2 anos de TV Escola**. Brasília: MEC/SEED, 1999.

BABIN, Pierre. **Os novos modos de compreender**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

BELLONI, Maria Luíza. **O que é mídia-educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001, 78p.

DEMO, Pedro. **Educação e Qualidade**. São Paulo: Papyrus Editora, 1996.

CARDOSO, Emília de Oliveira. **A influência da televisão na família**. Viseu: Guerra, 1994.

FERRÉS, Joan. **Vídeo e educação**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. **Televisão e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GIACOMANTONIO, Marcelo. **Os meios audiovisuais**. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

GUIMARÃES, Gláucia. **TV Escola, discursos em confronto**. (Coleção questões da nossa época) São Paulo: Cortez, 2000.

HEIDE, Ann e STILBORNE, Linda. **Guia do professor para a Internet**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HORA, Dinair Leal da. **Gestão democrática na escola**. Campinas – São Paulo, Papyrus, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática**. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.

LÜCK, Heloísa. **A escola participativa: o trabalho de gestor escolar**. Rio de Janeiro, DP&A, 4ª edição 2000.

MACHADO, Arlindo. **Arte do vídeo**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão**. A vida pelo vídeo. São Paulo: Moderna, 1988.

MARTINS, Clélia. **Política educacional**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MORAES, Maria Cândida. **Informática Educativa no Brasil: uma história vivida, algumas lições aprendidas**. Documento do MEC. Brasília, 1997.

MORAN, José Manuel. **Interferências dos Meios de comunicação no nosso conhecimento**. INTERCOM Revista Brasileira de Comunicação. São Paulo, XVII: 38-49, julho/dezembro 1994.

MORAN, José Manuel. **O vídeo na sala de aula – Comunicação e Educação**. São Paulo, ECA - Moderna: 27-35, janeiro/abril 1995.

<http://www.eca.usp.br/prof/moran>- 15/11/2001

NETO, Antonio Simão. **As cinco ondas da Informática Educativa**. Artigo do curso de especialização em Metodologias Inovadoras na Ação Docente. PUCPR. 2000.

NISKIER, Arnaldo. **Tecnologia Educativa – Visão política**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

PARO, Vítor Henrique. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

_____. **Por dentro da Escola Pública**, São Paulo, XAMÃ, 1995.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000, 192p.

_____. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza**. Porto Alegre: Artmed, 2001, 208p.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo. **Administração colegiada na escola pública**. Campinas: Papirus. 1990

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola sem/com futuro: Educação e multimídia.** Campinas: Papyrus, 1996.

RIZZO, Sérgio. **O poder da Telinha.** Revista Nova Escola, São Paulo, nº 118, p.10 – 19. Dez. 1998.

_____. **A necessidade de ler.** Revista TV Escola, Brasília, nº 24, p.35 – 39, ago/set. 2001.

_____. **Tecnologia não é mágica.** TV Escola, Brasília, nº 21, p. 33 – 37, out/nov. 2000.

SOARES, Ângelo dos Santos. **O que é informática.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Informática na Educação: Novas ferramentas pedagógicas para o professor da atualidade.**São Paulo: Editora Érica Ltda., 2002.

TEDESCO, Juan Carlos. **O novo pacto educativo.** São Paulo: Ática, 2001.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

TRUFFI, Ymair Helena; FRANCO, Luiz Antônio Carvalho. **Multimeios aplicados à educação: Uma leitura crítica.** 2 ed. São Paulo: FDE, 1994.

VEIGA, I. P. A. **As dimensões do projeto político – pedagógico.** São Paulo: Editora Papyrus, 2001.

VEIGA, I. P. A. **ESCOLA: espaço do projeto político – pedagógico.** São Paulo: Editora Papyrus, 1998. 5ª Edição.

ANEXOS

ANEXO I

Universidade Federal de Santa Catarina
 Curso de Mestrado em Engenharia de Produção com Ênfase em Mídia e Conhecimento
 Instrumento de pesquisa de dissertação de Mestrado de Tania Mara Fantinato / 2002

DADOS DA UNIDADE ESCOLAR

Nome da Escola:.....

Endereço:..... Bairro:.....

CEP:..... Fone:..... Fax:.....

E-mail:.....

Cidade:..... UF:.....

Tipo de Escola:

() Municipal () Estadual

Níveis de Ensino:

() 1ª à 4ª () 5ª à 8ª () Ensino Médio

N.º de alunos: 1ª à 4ª:.....

5ª à 8ª:.....

Ensino Médio:.....

Nome da Diretora:.....

Nome da Vice – diretora:.....

Coordenador Administrativo:.....

Pedagogos:.....

.....

.....

.....

.....

Na lista abaixo, assinale os meios tecnológicos disponíveis em sua escola, destacando a quantidade:

	Quantidade:
() Micro – sistem
() Televisão
() Vídeo – Cassete
() Retro Projetor
() Projetor de Slide
() Xerox
() Mimeógrafo
() Máquina de escrever
() Fax
() Antena Parabólica
() Laboratório de informática
• N.º de computadores:.....	
• N.º de impressoras:.....	
• N.º de scanners:.....	
• N.º de máquinas digitais:.....	

ANEXO II

Universidade Federal de Santa Catarina

Curso de Mestrado em Engenharia de Produção com Ênfase em Mídia e Conhecimento

Instrumento de pesquisa para elaboração de dissertação de Mestrado de Tânia Mara Fantinato / 2002

DIRETOR E EQUIPE PEDAGÓGICA

Nome:.....

Função:.....

Escola:.....

- Dos meios tecnológicos disponíveis classifique-os conforme escala abaixo usando números

 (1) Muito Usado (4) Nunca (2) às vezes (5) Não possui (3) Pouco Usado () Micro – sistem () Televisão () Vídeo – Cassete () Retro Projetor () Projetor de Slide () Xerox () Mimeógrafo () Máquina de escrever () Fax () Antena Parabólica () Laboratório de informática () Outros / Quais

- A comunidade utiliza os meios tecnológicos disponíveis na instituição escolar?

 () SIM () NÃO

Quais:.....

- Na sua opinião, o professor:

Utiliza os meios eletrônicos com viabilidade () SIM () NÃOÉ apenas mais um recurso para repassar conteúdos () SIM () NÃOExplora os meios precariamente () SIM () NÃO

- Descreva, em poucas palavras, como você vê a utilização dos meios tecnológicos na sua instituição escolar?

.....

- Você enquanto profissional vinculado a esta instituição escolar, de que maneira proporciona a utilização dos meios tecnológicos em sua escola, descreva:

.....

- Relacione quais os resultados significativos que vocês têm obtido com o uso dos meios tecnológicos:

.....

ANEXO III

Universidade Federal de Santa Catarina
Curso de Mestrado em Engenharia de Produção com Ênfase em Mídia e Conhecimento Instrumento
de pesquisa para elaboração de dissertação de mestrado de Tania Mara Fantinato / 2002

PREZADO COLEGA PROFESSOR (A)

Quando a questão é a gestão participativa e as novas tecnologias de uma escola, as discussões que se desencadeiam são sempre polêmicas e muitas idéias são levantadas em torno do assunto.

Neste sentido este trabalho de dissertação pretende levantar dados e apontar alguns caminhos para uma gestão mais motivadora e participativa.

Conscientes que não faz parte dos ideais dos professores a inércia e a atitude pacata e despreocupada, solicita-se a imprescindível participação no estudo que hora se realiza. Ao responder os questionamentos encontrados nesta pesquisa, o colega professor (a) estará contribuindo para que os objetivos que norteiam este trabalho possam ser atingidos.

- Na lista abaixo, assinale os meios tecnológicos disponíveis em sua escola?

- () Micro – sistem
- () Televisão
- () Vídeo – Cassete
- () Retro Projetor
- () Projetor de Slide
- () Xerox
- () Mimeógrafo
- () Máquina de escrever
- () Fax
- () Antena Parabólica
- () Laboratório de informática

- Conforme a legenda responda quais os meios tecnológicos mais utilizados:

- (1) Muito Usado
- (2) às vezes
- (3) Pouco Usado
- (4) Nunca
- (5) Não possui

- () Micro – sistem
- () Televisão
- () Vídeo – Cassete
- () Retro Projetor
- () Projetor de Slide
- () Xerox
- () Mimeógrafo
- () Máquina de escrever
- () Fax

- () Antena Parabólica
- () Laboratório de informática

- Você é obrigado a utilizar os meios tecnológicos disponíveis em sua escola?
Por quê?

- () SIM () NÃO

.....
.....
.....

- Assinale que dificuldades você encontra na utilização dos meios tecnológicos:

- () falta de apoio da equipe pedagógica-administrativa
- () tempo disponível
- () domínio da tecnologia
- () não julgar ser relevante
- () não me sinto seguro
- () outros

Quais:.....

- Quais foram os resultados mais significativos obtidos em relação a aprendizagem utilizando os meios tecnológicos?

- () rapidez na aprendizagem
- () tarefas mais agradáveis
- () controle da disciplina
- () outros

Quais:.....

- Você está satisfeito com o desempenho da sua escola em relação à utilização dos meios tecnológicos?

- () MUITO SATISFEITO () NÃO SATISFEITO
- () SATISFEITO () POUCO SATISFEITO

Deixe aqui sua sugestão e colaborações no sentido de melhorar o desempenho em relação aos meios tecnológicos utilizados na sua escola:

.....
.....
.....
.....
.....

ANEXO IV

Universidade Federal de Santa Catarina
 Curso de Mestrado em Engenharia de Produção com Ênfase em Mídia e Conhecimento Instrumento
 de pesquisa para elaboração de dissertação de mestrado de Tânia Mara Fantinato / 2002

Nome do Aluno:.....

Nome da Escola:.....

Série:..... Idade:..... Sexo:.....

- Estamos num mundo onde as tecnologias fazem parte do nosso dia – a – dia.
 Marque com um X os meios tecnológicos que sua escola possui:

- () Micro – sistem
- () Televisão
- () Vídeo – Cassete
- () Retro Projetor
- () Projetor de Slide
- () Xerox
- () Mimeógrafo
- () Máquina de escrever
- () Fax
- () Antena Parabólica
- () Laboratório de informática

- Marque conforme a legenda quais os meios tecnológicos que seu professor e /
 ou sua professora utiliza em sala de aula:

- (1) Muito Usado
- (2) às vezes
- (3) Pouco Usado
- (4) Nunca
- (5) Não possui

- () Micro – sistem
- () Televisão
- () Vídeo – Cassete
- () Retro Projetor
- () Projetor de Slide
- () Xerox
- () Mimeógrafo
- () Máquina de escrever
- () Fax
- () Antena Parabólica
- () Laboratório de informática

Por que?

.....

ANEXO V

Universidade Federal de Santa Catarina

Curso de Mestrado em Engenharia de Produção com Ênfase em Mídia e Conhecimento Instrumento de pesquisa para elaboração de dissertação de mestrado de Tania Mara Fantinato / 2002

SENHOR PAI E / OU SENHORA MÃE

Você faz parte da população deste país que luta por uma escola melhor para os seus filhos.

Preciso de sua ajuda, quero conhecer o seu parecer e suas expectativas com relação à escola do seu filho, por isso solicito a sua colaboração respondendo este questionário.

Nome:.....

Nome da escola de seu filho:.....

- Marque um X nos meios tecnológicos que estão disponíveis na escola de seu filho (a):

- () Micro – sistem
- () Televisão
- () Vídeo – Cassete
- () Retro Projetor
- () Projetor de Slide
- () Xerox
- () Mimeógrafo
- () Máquina de escrever
- () Fax
- () Antena Parabólica
- () Laboratório de informática

- Você utiliza ou faz uso dos meios tecnológicos existentes na escola de seu filho (a)?

- () SIM () NÃO

Se a resposta for sim:

Quais:.....

Como:.....

.....

- Você acha importante a utilização dos meios tecnológicos na aprendizagem do seu filho (a)

- () SIM () NÃO

Por que?

.....

.....

- Você está satisfeito com o desempenho da escola de seu filho (a) em relação aos meios tecnológicos?

() SIM () NÃO

Deixe suas sugestões e colaborações no sentido de melhorar em relação aos meios tecnológicos utilizados na escola de seu filho (a):

.....
.....